

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade em comemoração ao 50º aniversário da empresa Scania no Brasil

São Bernardo do Campo – SP, 02 de julho de 2007

Meu caro Michel de Lambert, presidente da Scania da América Latina,
Meus companheiros ministros, Miguel Jorge, do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio; Luiz Marinho, da Previdência social,

Meu caro Willian Dib, prefeito de São Bernardo do Campo,

Meu caro Jackson Schneider, presidente da Anfavea,

Senhoras e senhores representantes do setor automotivo,

Senhores que representam a rede Scania no Brasil,

Meu companheiro José Lopez Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Demais companheiros representantes do movimento sindical, da comissão de fábrica,

Meu caro José Carlos Moreira, de quem eu recebi a miniatura do caminhão, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros aqui,

Meus amigos e minhas amigas,

Aqui eu estou no mesmo cenário em que vivi há 29 anos. Possivelmente essa juventude que trabalhe hoje na Scania não tenha lembrança de que foi aqui, na Scania, neste pátio, que nós começamos a conquistar a redemocratização do nosso País. Aqui, no dia 12 de maio de 1978, um grupo de trabalhadores resolveu exercitar – depois de muitos anos, porque o regime militar não permitia o direito de greve – uma conquista universal, que é o exercício da greve.

Eu estava no sindicato, às 8h da manhã, quando recebi o telefonema de que a Scania tinha parado. Era a primeira greve desde 1964. Eu vim aqui e naquela época nós não conseguimos fazer um acordo, na verdade, fizemos um acordo. Naquele tempo, o Mauro Marcondes estava na Volkswagen, o nosso

amigo Wolf presidia a Volkswagen, era um clima de muita efervescência política no País. Os partidos de oposição brigavam por democracia, brigavam por organização partidária, e os trabalhadores começaram, então, a levantar a sua cabeça.

Eu me lembro que aqui aconteceu uma coisa que foi a primeira grande lição de vida que eu tive. Eu fiz um acordo, os trabalhadores voltaram a trabalhar, e depois o acordo não pôde ser cumprido porque, meu caro Schneider, a Anfavea fez uma pressão enorme em cima da Scania, que foi obrigada a não cumprir o acordo que tinha feito conosco. E os trabalhadores ficaram, eu diria, cada um dentro do seu setor, isolados. Foi montado um forte esquema de segurança interno, e nós levamos alguns meses para recuperar a confiança dos trabalhadores. Depois fizemos o acordo com a Ford, na greve da Ford, e esse acordo foi estendido para todas as empresas do setor automobilístico. Eu estou contando esse episódio porque foi a primeira greve desde 1964, no próximo ano completa 30 anos, e eu diria que a maioria dos trabalhadores da Scania ou não era nascido ou era criança quando isso aconteceu.

De lá para cá eu sou testemunha da evolução da relação capital/trabalho. Eu sou testemunha das conquistas que vocês obtiveram nessa relação. A primeira comissão de fábrica surgiu em 1980. Num primeiro momento, na Volkswagen, a comissão tinha um conflito com a diretoria do sindicato, a cada acordo que a comissão fazia com a Volkswagen eu tinha que ir à porta da Volkswagen desfazer o acordo, porque naquele tempo o ministro do Trabalho, o saudoso amigo Murilo Macedo, tinha uma vontade imensa de encontrar na Volkswagen um trabalhador que pudesse assumir como interventor e que pudesse me tirar do Sindicato, porque embora eu não estivesse no Sindicato e estivesse cassado, a verdade é que a gente tinha muita liderança.

E, outra vez, a Scania deu uma contribuição enorme. A Scania tinha tido um presidente do sindicato, chamado Afonso Monteiro da Cruz, que era um trabalhador mensalista e que foi presidente do sindicato de 1959, quando foi fundado, até 1967. Como Murilo Macedo precisava de um interventor, e ninguém queria ser interventor porque a diretoria tinha muita representatividade dentro da fábrica, eis que eu vim aqui na Scania, procurei meu companheiro

Afonso Monteiro da Cruz e o convenci a ser interventor, porque o Murilo Macedo tinha perguntado para um dirigente sindical de São Paulo se ele tinha um conhecido aqui. Esse dirigente sindical conversou com o doutor Maurício, que era advogado do nosso sindicato, e o Maurício, então, me propôs encontrar o interventor. Então, eu montei uma junta de intervenção, o Murilo Macedo não sabia das minhas relações de amizade, indicou o Afonso, e no dia em que o Afonso assumiu como interventor no sindicato, ele entregou a chave para a diretoria cassada administrar o sindicato.

Eu estou contando este caso porque a Scania tem muito a ver com tudo isso, sobretudo os trabalhadores da Scania têm a ver com essa história da redemocratização do nosso País. Eu sei que, passados 30 anos, nem todo o mundo se lembra, nem todo o mundo participou mas, certamente, aquele ano de 78 marcou a conquista e o começo da democratização do nosso País. Portanto, por toda a vida, haverá sempre alguém reconhecendo que foi aqui na Scania que homens e mulheres, vestidos com seus uniformes, resolveram dizer: nós queremos conquistar a democracia e a democracia significa melhoria das condições de vida do povo trabalhador deste País.

Eu estou aqui vendo o meu amigo Vicentinho, deputado federal, estou vendo o Guiba, atrás do Vicentinho, estou vendo um companheiro meu do tempo que eu era criança na Vila Carioca, em São Paulo, o nosso Lamparina, que é outro que também tem uns 40 anos de Scania. Esse Lamparina, para quem não sabe, não foi profissional não sei por que, mas foi um dos melhores jogadores de bola que eu conheci na vida. Ele fazia inveja ao Robinho, hoje. Bem, meus amigos, eu estou contando estes casos, porque eu estou me sentindo em casa. Aqui eu me sinto em casa, porque aqui vivi parte da minha vida.

Mas eu queria dizer aos empresários aqui presentes, aos trabalhadores, que o Brasil vive um momento muito importante neste começo de século XXI. Eu dizia ao presidente da Scania na América Latina, Michel, que não houve, em 118 anos de República, um momento em que o Brasil tivesse toda a sustentabilidade que tem hoje. A situação está arrumada, não existe nenhuma possibilidade, olhando para todo e qualquer cenário, interno ou externo, da economia brasileira não crescer. E o crescimento da economia significa geração de riquezas, que significa geração de empregos, que significa geração

de renda e que, portanto, significa mais crescimento. E para chegar à situação em que chegamos hoje, todo o mundo sabe que tivemos que comer “o pão que o diabo amassou”. Vocês estão lembrados que desde o começo eu dizia: não existe mágica em economia, ninguém inventa uma tese e coloca em vigor num país para dar certo. Todos que inventaram fazer mágica, quebraram a cara. A economia exige seriedade, exige visibilidade e exige, eu diria, uma credibilidade entre todos os atores que serão os beneficiários dessa política econômica.

Eu, de vez em quando, pergunto: quantos empresários imaginaram há três anos que o Brasil chegaria a ter 146 bilhões de dólares de reservas? De vez em quando eu me pergunto quantos imaginavam que o Brasil chegaria a ter um superávit comercial de 47 bilhões de dólares. De vez em quando me pergunto quantos acreditavam que a inflação iria chegar a 3,7%, estável, sem que haja nenhuma (inaudível), nenhuma falsidade, com números claros e objetivos, publicados todo santo dia.

Bem, isso garantido, permitiu que o Brasil pudesse começar a recuperar a massa salarial, que o Brasil pudesse se apresentar ao mundo como interlocutor respeitado. Vocês viram, agora, a Rodada de Doha, que se realizou em Bruxelas, e o Brasil, mais os países do G-20, dos quais participam China, Índia, África do Sul, Argentina e México, teve, pela primeira vez, a coragem de não ceder aos interesses das economias desenvolvidas, porque a União Européia e os Estados Unidos fizeram um acordo em que nem os Estados Unidos diminuiriam o subsídio para sua agricultura, nem a União Européia abriria qualquer flexibilidade nos produtos agrícolas. E queriam que nós abrissemos mão dos produtos industriais e do setor de serviços, e nós fizemos questão de dizer que tinha acabado aquele momento da subserviência. Nós queríamos ser tratados em pé de igualdade.

Vejam que absurdo, os Estados Unidos, nos últimos três anos, subsidiou em 15 bilhões de dólares a sua agricultura. No último ano, subsidiou em 11 bilhões de dólares, e queria colocar no acordo uma autorização para 17 bilhões de dólares de subsídios. Na verdade eles não queriam diminuir, eles queriam aumentar. A União Européia, falou, falou, falou, mas na hora de apresentar a carta que estava no bolso, não apresentou. O que eles queriam? Queriam que nós reduzíssemos o coeficiente dos produtos industriais. Para quê? Para mais

produtos dos países desenvolvidos entrarem no Brasil. E nós não poderíamos prejudicar a indústria nacional se eles não abrissem para a agricultura uma margem de competitividade que nós queríamos.

Nós só pudemos fazer isso porque estamos com a economia segura, porque somos capazes de fazer esse enfrentamento e porque estamos convencidos de que, no século XXI, o Brasil se transformará numa grande economia mundial. Chega de ser pequeno, chega de ser o país do futuro, chega de ser a esperança do mundo, chega de ser um monte de adjetivos que nunca se concretizaram. Nós agora vamos concretizar, e eu digo sempre que respeito é bom, a gente dá e a gente gosta de receber. E o mundo precisa aprender que o Brasil resolveu assumir a sua grandeza territorial, na sua grandeza e no seu comportamento político, porque é assim que a gente constrói uma grande nação.

A indústria automobilística é testemunha viva do que está acontecendo no Brasil. Aqui eu posso invocar o testemunho de velhos amigos da indústria automobilística. Vira e mexe, não vocês jovens, mas os pais de vocês se deparavam com fotografias nos jornais, com reportagens na televisão: “o pátio da Mercedes está cheio, não consegue vender”. “O pátio da Volkswagen e da Ford estão cheios, crise na indústria automobilística”. Já vi as empresas tentando mandar um monte de trabalhadores embora, e toca nós a ir para a porta da fábrica às 5 horas da manhã, xingar os empresários, e os trabalhadores chorando conosco. E não tinha jeito, mandou embora, mandou embora, não tinha o que fazer.

A gente chorava à 1 hora da manhã, chorava às 2 horas da tarde, chorava às 7 horas. O que aconteceu nesses últimos anos? Eu dizia ao Schneider: já faz algum tempo que não vejo a indústria automobilística dizer que está em crise, já faz algum tempo que, em vez de mostrar o pátio cheio, tem que mostrar o seguinte: quem quiser comprar um caminhão da Scania, tem que esperar três meses, porque não tem caminhão na praça; quem quiser comprar um outro caminhão, também terá que esperar. Até carro as pessoas estão esperando, não tem, como algum tempo atrás, as pessoas queriam comprar um carro e podiam comprar às 6 horas da manhã que às 7 horas já estavam com o carro na mão. Agora não. Obviamente que eu espero que volte a ser assim, porque vai aumentar a produção, as empresas estão contratando.

Eu me lembro de uma montadora que me procurou no ano passado para dizer que ia mandar 600 trabalhadores embora, e acaba de contratar 900. Eu me lembro de uma indústria automobilística que me procurou no ano passado para dizer que estava tudo perdido, e hoje está contratando mais 800 trabalhadores, e está vendendo como nunca vendeu. E estão não apenas exportando, estão vendendo no mercado interno, porque a economia crescendo, os trabalhadores têm mais empregos, têm mais salário. Eles também aprenderam a aumentar o número de prestações, em vez de 36 meses, pularam para 48, para 72, porque o trabalhador, para comprar um carro, muitas vezes não olha o preço final do carro. Quem olha são aqueles que pertencem à classe média alta. O trabalhador que vive de salário, ele vai olhar se a prestação do carro cabe dentro do seu holerite, se couber, ele vai comprar e está pouco se preocupando com a quantidade de mensalidades.

Portanto, eu poderia dizer para vocês que quando a Scania completa 50 anos de Brasil nós, brasileiros, somos obrigados a agradecer por essa empresa um dia ter tido a confiança, olhado o mapa do mundo e ter descoberto, aqui no Brasil, um potencial nicho de produção dos seus produtos. Mas ela também precisa agradecer, não somos só nós que temos que agradecer. A Scania também tem que agradecer, porque não é qualquer empresa do mundo que se dá ao luxo de viajar a quantidade de quilômetros que viajou para implantar uma planta aqui no Brasil e encontrar trabalhadores com a dedicação e a qualidade dos brasileiros. Eu posso dizer para vocês, sem nenhum medo de errar, que não existe na face da terra trabalhadores que tenham mais criatividade, mais dedicação e mais amor aos produtos que eles fabricam do que os brasileiros. Eu tenho recebido elogios em eventos internacionais de presidentes de empresas multinacionais, que começam dizendo para mim: “Presidente, de todas as fábricas que a gente tem no mundo, onde o trabalhador é mais dedicado é lá no Brasil”. Isso para muitas empresas multinacionais, automobilísticas e não automobilísticas.

E para isso nós estamos contribuindo, nós estamos construindo uma universidade tecnológica no ABC, está sendo construída a primeira fase, ali na Avenida do Estado. Nós queremos trazer um campus avançado para São Bernardo do Campo, onde nós esperamos ter, quando estiver funcionando na sua totalidade, entre São Bernardo e Santo André, aproximadamente 25 mil

alunos. Porque nós temos consciência de que a coisa mais qualificada hoje, e que será muito mais amanhã, é o conhecimento. Quanto mais conhecimento, quanto mais investirmos em conhecimentos tecnológicos, sobretudo numa região em que nós precisamos investir em engenharia, para que a gente não perca competitividade com outros países. Nós sabemos que isso vai permitir que os trabalhadores ganhem um pouco mais, possam melhorar a sua vida, e que as empresas brasileiras possam, cada vez mais, apresentar ao mundo produtos de melhor qualidade, a um preço mais acessível e mais competitivo com outros países do mundo.

Este País só está sendo construído agora, porque nós fizemos sacrifícios no começo do mandato. Os mais jovens talvez não se lembrem, mas já faz quatro anos e meio, o que nós fizemos em 2003 neste País foi uma coisa que eu duvido que qualquer outro governo tivesse coragem de fazer. E eu fiz porque eu queria gastar todo o potencial e o capital político das eleições para fazer as coisas que deveriam ser feitas, às vezes duras, às vezes incompreensíveis. Pensem, não é fácil quando a gente chega em um lugar e um trabalhador vem dizer que a gente não está fazendo as coisas corretas, que a gente o prejudicou, é difícil. A experiência que vocês têm de governar a casa de vocês, multipliquem isso por 190 milhões de habitantes e vocês vão perceber a dificuldade de governar um Brasil onde nem todos agem como filhos e nem todos querem que você aja como pai. Então, é muito difícil. Mas, graças a Deus, tudo que nós fizemos me permite hoje olhar para vocês e dizer aos trabalhadores: o Brasil nunca viveu o momento que está vivendo hoje.

Alguém poderá dizer para vocês: “Não, a economia brasileira já cresceu mais”. Já. No governo Juscelino Kubitschek o crescimento médio do mandato dele foi de 7%, mas a inflação, em média, era de 23%, portanto, a inflação comia o salário exatamente daqueles que recebiam o contracheque no final do mês. No “Milagre Brasileiro” todos se lembram que, em 1973, a economia brasileira chegou a crescer 14,3%, entretanto, naquele mesmo ano, o salário mínimo decresceu, porque não havia uma combinação entre o crescimento da economia e a necessidade de fazer política de distribuição de renda. E é por isso que eu saio daqui da Scania e vou ao Rio de Janeiro agora anunciar mais uma etapa do PAC. O PAC é um investimento que o governo federal está fazendo, com as suas empresas estatais, de 504 bilhões de reais em infra-

estrutura, em estradas, em portos, aeroportos,clusas, energia elétrica e, sobretudo, na área de urbanização de favelas e saneamento básico, onde são 40 bilhões de reais. Só o estado de São Paulo, no acordo que fizemos com o governador José Serra, entre dinheiro financiado, dinheiro do Orçamento e dinheiro do estado, são praticamente 7 bilhões de reais que vão ser investidos, para ver, inclusive, se a gente recupera e despolui as represas Billings e Guarapiranga.

Mais ainda. No Rio de Janeiro vão ser anunciados 3 bilhões para a gente urbanizar o Complexo do Alemão, que vocês estão vendo na televisão todo dia; para urbanizar o Complexo de Manguinhos, favelas com mais de 300 mil pessoas, e nós queremos entrar lá com estradas, luz, hospital, escolas, porque se o Estado não cumprir com o seu papel de dar condições ao povo, o narcotráfico dá, o crime organizado dá. Então, nós queremos competir com o crime organizado na certeza de que só vamos derrotá-lo na hora em que a gente conseguir levar benefícios para dentro desses lugares mais pobres do Brasil.

Acabei de criar uma Secretaria Especial para cuidar dos portos brasileiros. Não é possível que um País, que tem a costa marítima que tem o Brasil, que tem a quantidade de portos que tem o Brasil, e a gente muitas vezes não consegue o desempenho que deveríamos conseguir, porque tem entraves de tudo quanto é jeito. Eu, para resolver – nada contra os políticos, porque também sou político – mas indiquei um secretário especial para cuidar dos portos e disse para ele: eu não quero que os portos sejam repartidos entre os partidos políticos, quero um profissional dentro de portos para fazer funcionar, não quero saber se é ateu, se é cristão, se é negro, se é branco, se é mulher ou se é homem. O que eu quero é o resultado, facilitar para que os portos brasileiros possam receber produtos e mandar produtos para fora, mais baratos, mais rápido, porque é isso que, no fundo, no fundo, vai fazer com que a gente possa crescer ainda mais.

Portanto, meus amigos e minhas amigas da Scania, vocês viram que eu tinha um discurso por escrito, mas resolvi falar, não por que não veio aqui o teleprompter para eu ler, mas eu preferi falar com vocês com um pouco de emoção. De vez em quando os empresários falam para mim: “Presidente, o senhor precisa tomar cuidado com o câmbio”. As pessoas falam do câmbio

como se o presidente pudesse inventar um número mágico e dizer: o dólar vai valer tanto. Primeiro, todo o mundo que está aqui é favorável ao câmbio flutuante. O problema do câmbio flutuante é que ele flutua, ele não fica estagnado, porque senão eu vou ter que criar um câmbio para a indústria automobilística, um câmbio para a agricultura, um câmbio para a soja, um câmbio não sei para que. Não existe essa possibilidade. Vocês sabem que nós estamos comprando quase 12 bilhões de dólares por ano, intervenção do Banco Central para que a gente não permita...

Agora, qual é o problema do câmbio, que eu não ouço as pessoas dizerem? E todos vocês têm muita experiência e poderiam dizer, porque isso é política e isso pode arejar a cabeça da nossa juventude. O real não está valorizado em relação ao euro, o real está valorizado em relação ao dólar, porque o dólar está desvalorizado em relação a todas as moedas do mundo. O problema do câmbio, a gente tem que dizer, é um problema de um déficit fiscal nos Estados Unidos, que eles precisam consertar. Agora, como eles são muito grandes, as pessoas não têm coragem de falar e ficam achando que nós poderemos encontrar um dólar que seja do interesse de quem vende. Mas, se o dólar atender a quem vende, prejudica quem compra e, sobretudo, prejudica o trabalhador. Porque quando o dólar subir, sobe a inflação e, subindo a inflação, cai o poder aquisitivo do trabalhador brasileiro. E isso nós não vamos permitir, até porque quanto mais ganhar o trabalhador, mais o consumidor ganhará, mais a empresa crescerá, e mais a nossa economia vai ganhar a dinâmica de um país capitalista.

Uma das coisas que me inquietava é que teve um tempo em que eu dizia que era socialista. Mas aí eu fui presidente de um país capitalista, um país capitalista sem capital. Os empresários sabem, nós tínhamos 300 bilhões de reais de crédito, hoje são quase 800 bilhões de reais de crédito. Um trabalhador para conseguir um empréstimo no banco, se ele não tivesse um saldo importante, não conseguia. Hoje, com o crédito consignado, qualquer trabalhador pode pegar um empréstimo no banco. E qual é a garantia que ele dá? É o seu contracheque. Eu não sei se a Scania já fez acordo com algum banco, se não fez, pode tratar de fazer. E vai sair mais barato o juro, porque, se o País é capitalista, é preciso que as pessoas tenham dinheiro no bolso, não é isso? É importante que a empresa tenha dinheiro para capital de giro, dinheiro

para investimento. O BNDES levava 300 dias para liberar um financiamento, então, essas coisas todas estão mudando.

E eu posso dizer para vocês o seguinte: quando eu deixar a Presidência da República, o único legado que eu quero conquistar é o de poder encontrar os meus companheiros, seja na porta da Scania, da Volkswagen, da Mercedes, em qualquer porta de fábrica deste País e, pelo respeito que eu tive com vocês, e pelo respeito que vocês tiveram comigo, a gente poder se tratar de companheiros e companheiros.

Muito obrigado, parabéns à Scania pelos 50 anos, e espero estar vivo para participar da festa dos 100 anos da Scania no Brasil. Um abraço.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC nas áreas de saneamento e urbanização no estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ, 02 de julho de 2007

Se os companheiros me permitirem, eu gostaria de cumprimentar todos os prefeitos, na pessoa do nosso governador Sérgio Cabral.

A nominata é muito grande, eu teria 11 páginas para ler, aqui, só de nominata. E eu queria dizer aos nossos queridos prefeitos que, desde que nós tomamos posse, em 2003, nós temos estabelecido uma relação cidadã com as prefeituras. O meu desejo, e em parte já está acontecendo, e o que estamos fazendo aqui, hoje, é o contrário do que era feito antes, em que ficavam os governantes lá em Brasília à espera de que os prefeitos saíssem mendigando uma ajuda para a sua cidade, batendo na porta, de gabinete em gabinete. Muitas vezes, só conseguiam audiência se fossem levados por um deputado. Muitas vezes, só conseguiam audiência se tivesse alguém que conhecesse alguém para introduzi-lo na reunião com o ministro. E nós achamos que era melhor a gente vir ao Rio de Janeiro. Em vez de os prefeitos irem a Brasília, vamos ao Rio de Janeiro conversar com os prefeitos, porque as cidades precisam, cada vez mais, ganhar importância no cenário político brasileiro.

A segunda coisa que eu queria dizer para você, Sérgio, é que não é qualquer governante, ao longo da história, que teria preocupação com o saneamento básico. Esse negócio de colocar manilha embaixo da terra, que não permite a você colocar o nome de um parente na manilha porque vai enterrar, nem todo político gosta de fazer.

Entretanto, nós temos consciência que é essa política, de uma coisa enterrada embaixo da terra, que pode salvar a vida de milhões de crianças neste País, que pode melhorar a vida de milhões de pessoas. Levar água tratada para as pessoas beberem é a gente garantir que as pessoas possam viver uma vida mais digna.

Eu, na minha infância, ia para um açude pegar água, tinha que repartir o espaço com uma cabra, com um cavalo, com uma vaca que estava lá fazendo

as suas necessidades. Era aquela água que pegava para beber e não tinha filtro – era colocar num pote, esperar ela assentar, depois de assentada colocar em outro pote – e, era aquela água que a gente bebia. Por isso é que a gente era tudo barrigudinho, as perninhas finas, que era, na verdade, verme que a gente acumulava e que muitas crianças acumulam hoje, se a gente não cuidar de levar água tratada para as pessoas.

Eu, quando vejo as pessoas falarem de enchente, eu tenho três episódios na minha vida, Sérgio. Eu morei num bairro chamado Vila Carioca, em São Paulo, um bairro importante, uma vila do Bairro do Ipiranga, lá perto do Museu do Ipiranga, e quase todo ano tinha uma enchente. Naquele tempo, eu tinha 14 anos de idade e utilizava a enchente. Tinha um armazém do IBC na frente de casa, um armazém grande, onde trabalhavam aqueles afrodescendentes que, naquele tempo, a gente já chamava de “uns crioulos bem fortes e altos”, que carregavam três sacas de café nas costas, assim, um embaixo de cada braço e um no pescoço, porque ganhavam por produtividade. Todos iam trabalhar de (falha na gravação) ...para ir aos bailes de sexta-feira à noite ou a uma gafieira.

Quando enchia d'água a Rua Auriverde, eu colocava paralelepípedos, colocava tábua e ficava cobrando pedágio. Às vezes, tinha alguns que não queriam pagar na ponta, eu tirava a tábua e falava: “Se não pagar, não vai conseguir atravessar”. Tinha que me dar uma gorjeta.

Depois, eu morei em um lugar chamado Ponte Preta, já em São Paulo, divisa com São Caetano e com o ABC Paulista. Ali, eu tive a oportunidade de, em três anos, pegar seis enchentes na minha casa. Daquela enchente de você acordar com fezes passando perto da sua cama, com rato tentando sobreviver, com barata tentando sobreviver. As coisas que estavam dentro do vaso sanitário saíam para fora. A gente tinha que correr para levantar o que a gente tinha dentro de casa. Naquele tempo eu não tinha nem geladeira, nem televisão, levantava o fogão, que era a coisa mais preciosa, e levantava a minha mãe, para tirar ela, sempre, para não deixar ela se molhar. Pois bem, foram 3 anos.

Tinha uma vila, perto da Vila Ponte Preta, que era uma vila mais alta. E na Ponte Preta, Sérgio, as pessoas iam enterrando a rua, colocando terra, daqui a pouco as casas estavam um metro abaixo do nível da rua. Então,

qualquer enchente era uma desgraça. E o pior é que, quando dá a primeira enchente, todas que vêm depois são maiores do que a primeira. Parece que a água aprende o caminho e vai enchendo.

Mas, naquele tempo, eu tinha 20 anos de idade, então, quando dava enchente, eu tirava a minha mãe, a gente suspendia o guarda-roupa e a cama. Depois, eu pegava uma câmara de pneu grande, de caminhão, e ia tentar salvar pessoas, sobretudo se tivesse moças, eu ia tentar salvar, socorrer. Era um verdadeiro bombeiro da Ponte Preta.

Depois eu mudei para a Vila São José, que era um pouco mais no alto. A Vila São José era um pouco mais alta e tinha asfalto. No ano em que mudei – não esqueço o nome da rua, Rua Padre Mororó, lá em São Caetano –, eu mudei por causa de uma enchente na Ponte Preta, isso no mês de janeiro ou março. No ano seguinte, tinha um metro e meio de água dentro da minha casa.

Bem, aí eu mudei para o Parque Bristol. Lá não dava enchente, mas era uma pirambeira de barro vermelho, que quando chovia eu era obrigado a colocar uma galocha, chegar na padaria, embrulhar a galocha num jornal, botar embaixo do braço, pegar o ônibus, levar para a fábrica, lavar na fábrica, trazer embaixo do braço. Chegava na padaria, colocava a galocha e descia até chegar em casa. Eu tinha um “fusqueta” velho, que não conseguia subir quando chovia muito. Então, esse drama, que eu sei que a gente vive hoje ainda no Brasil e em muitos lugares, é que nos levou a fazer a mais ousada política de investimentos em saneamento básico neste País. E tomamos a decisão, Sérgio – porque o PAC poderia ter sido anunciado antes das eleições passadas ou poderia ter sido anunciado logo depois das eleições – de que a gente não poderia lançar um programa que depois não acontecesse.

Eu me lembro do Hospital de Queimados, que eu cobrei agora do Temporão e do nosso companheiro prefeito. Eu me lembro de que fui lá em Queimados, anunciei o Hospital, fizemos uma festa e fui até processado por causa daquele comício, porque disseram que eu o estava utilizando politicamente. O dado concreto é que depois o Hospital não saía, e não saía por quê? Porque o terreno não estava legalizado. Precisou o Sérgio Cabral ganhar as eleições e articular para legalizar o terreno. Agora, o Ministro da Saúde disse que este ano começa, finalmente, o Hospital de Queimados.

É muito desagradável a gente anunciar uma obra, disponibilizar dinheiro

e depois essa obra não acontecer. Você passa por mentiroso. É importante saber por que a obra não sai. Muitas vezes você disponibiliza dinheiro para saneamento básico e depois constata que muitas prefeituras não têm projeto executivo para fazer a obra. Outras vezes você percebe que as pessoas não estão com o projeto preparado, e fica lá o dinheiro. No final do ano, o dinheiro que se anunciou não foi gasto e o povo continua passando necessidade.

No PAC, nós resolvemos fazer diferente. Primeiro, mapeamos, em cada estado, quais eram, do ponto de vista do Ministério das Cidades, as mais graves obras que nós tínhamos que reparar e, sobretudo, uma decisão importante que era escolher a região metropolitana, porque o Brasil tem quase seis mil municípios. Se você fica colocando 5 mil em um, 10 mil em outro, 20 mil em outro, depois você gasta um montão de dinheiro, mas não consegue resolver o problema. E o que nós queríamos fazer? Pegar a região metropolitana, onde está a maior concentração de problemas deste País. É na região metropolitana que tem menos água para beber, que tem menos esgoto, que tem mais violência, que tem mais risco para as pessoas, então nós vamos atacar a região metropolitana do Brasil. Escolhemos a região metropolitana do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas, de Salvador, de Fortaleza, de Recife, de Sergipe, de Porto Alegre, de Florianópolis, de Curitiba... Onde tiver, dentro de uma capital, um problema sério, é lá que nós vamos atacar.

Pois bem, aqui no Rio de Janeiro... e o que estamos fazendo aqui hoje, fizemos na semana passada em Minas Gerais, que é um governo do PSDB, fizemos em São Paulo, que é um governo do PSDB, e a gente vai fazer no governo do PFL, no governo de quem quer que seja, porque quando a gente ganha as eleições e exerce o mandato de presidente, a gente não olha a cara do prefeito, mas a cara do povo, a gente não olha a cara do governador, mas a cara do povo em função das necessidades.

Nós, então, estamos fazendo esse investimento que, sem dúvida nenhuma, é o mais importante investimento feito na área de saneamento básico no território brasileiro há muitas e muitas décadas. Agora, o que é importante para nós? O que é importante para nós é que essas obras, e o Sérgio disse muito bem... É preciso, Sérgio, agora, que você assuma, com o Conselho Gestor, uma espécie de fiscalização junto com os prefeitos para saber por que a obra não está saindo no momento certo, o que está

acontecendo, o que nós temos que fazer. E os prefeitos precisam começar a utilizar logo, porque no ano que vem tem eleições e, a partir de um determinado momento, qualquer coisa que a gente for fazer, vai ficar mais difícil. Aí não pode mais fazer convênio disso, não pode mais fazer convênio daquilo. Daqui a pouco termina o mandato de vocês e o dinheiro está chocando no banco. Não é isso o que nós queremos, nós queremos que o dinheiro seja utilizado.

No governo federal, nós criamos um Conselho Gestor, que é um conselho coordenado pela Dilma, coordenado pelo ministro da Fazenda e coordenado pelo ministro do Planejamento mais o ministro da área. Na área de cidades e de saneamento básico é o Márcio, na área de transportes é o Alfredo, na área de petróleo é o pessoal da Petrobras e o ministro de Minas e Energia, porque se a gente não tiver uma fiscalização rígida, as coisas não acontecem. Sempre aparece alguém para colocar uma pedra no sapato de uma boa causa, e nós não podemos permitir, porque também, Sérgio, está cheio de gente torcendo para as coisas não darem certo. É uma coisa inacreditável. Tem político que parece torcedor do time adversário, só quer que o time perca.

Na verdade, o que nós queremos... Eu, por exemplo, Sérgio... O Sérgio me perguntou uma coisa hoje: “Presidente, já foi lançado em São Paulo e em Minas Gerais?” Eu falei: já. Ele falou: “E por que não repercutiu na imprensa?” Eu não sei, seria importante perguntar por que não repercutiu na imprensa. Seria importante, porque só em São Paulo foram anunciados quase 7 bilhões e 800 milhões, em Minas Gerais foram anunciados quase 4 bilhões, aqui quase 4 bilhões. Se alguém não quiser colocar nada do Presidente ou do Governador, coloque uma manchete assim: “Rio conquista 3 bilhões e 800 milhões de reais”. Não precisa dizer de onde veio.

Nós estamos fazendo isso em todos os estados da Federação, vamos fazer em todas as cidades grandes e as pequenas não vão ficar atrás. Na Funasa, a Dilma citou aqui, nós temos 4 bilhões de reais para projetos de cidades até 10 mil habitantes. Nessas cidades, desses 4 bilhões – 50 mil habitantes, desculpem, até 50 mil habitantes – uma parte nós vamos gastar e, até 2010, 90% das comunidades indígenas terão esgotamento sanitário e terão

água potável para beber; 50% dos quilombolas que moram em quilombos legalizados vão ter água potável e vão ter esgotamento sanitário; e os restantes 3 bilhões e 300 ou 400 milhões nós vamos dedicar para as cidades que têm incidência de malária muito forte e que têm incidência de doença de Chagas, porque no Brasil ainda tem muitas cidades que têm doença de Chagas. Então, nós vamos pegar da parte pior, para ir trazendo dinheiro para as partes melhores, mas nós temos que atacar o mal principal.

Não adianta a gente falar mal do Complexo do Alemão, não adianta a gente falar mal do Complexo de Mangueiras, porque isso que está aí, aquele povo que está morando lá é vítima do descaso que o poder público tem com ele há 40 anos, há 50 anos, há 60 anos. Na verdade, eles são vítimas. Se a gente não atacar isso de frente agora, e a verdade é preciso dizer, somente com essas obras, com investimento em educação, com investimento em condições de lazer, é que a gente vai poder vencer o crime organizado, senão ele vai nos derrotar, porque a ausência do Estado é total.

Então, é preciso que a gente tenha claro e, mais ainda, companheiros, o Sérgio disse uma coisa importante: o Rio de Janeiro está vivendo um momento excepcional. De vez em quando eu acho que no Brasil nós temos uma predisposição de gostar da desgraça. Muitas vezes, a gente deixa de falar de uma coisa boa para falar de uma coisa ruim. A verdade nua e crua é que o Rio de Janeiro vai receber, nos próximos quatro anos, investimentos que há décadas o Rio de Janeiro não recebia. O Sérgio falou de investimentos da Petrobras, mas ele falou só da perfuração de poços e da prospecção de petróleo. Mas se a gente colocar aqui petróleo e gás, a Petrobras vai investir, até 2010, aqui no Rio de Janeiro, 53 bilhões de reais.

O pólo petroquímico vai ser uma revolução na indústria do Rio de Janeiro. Não apenas pela quantidade de dinheiro que será investido, mas porque vai envolver toda a zona leste do Rio de Janeiro, de Itaboraí a São Gonçalo e Niterói, e porque, com um pólo petroquímico como esse, vem atrás um grande pool de empresas que vão trabalhar diretamente ou indiretamente para essas empresas.

Depois, uma coisa importante: eu vim aqui, faz 15 dias – não é, Sérgio? – inaugurar uma plataforma da Petrobras. Eu confesso a vocês que poucas vezes eu fiquei tão emocionado. Era como se fosse um filho, porque eu briguei

muito para aquilo acontecer. Lá em Angra, em 2002, ouvi desaforo dos adversários, que diziam que a gente não tinha competência para fazer. E, quando eu vi aquela plataforma parecendo uma Torre Eiffel dentro do mar, feita por mãos de brasileiros – que eram chamados de ignorantes antes do nosso governo, que não tinham competência –, por engenharia brasileira e com 76% de componentes nacionais, eu saí dali convencido de que não existe mais espaço para alguém retardar o crescimento deste País, para a gente deixar de transformar este País numa grande economia.

Quero dizer aos companheiros prefeitos: jamais irei perguntar para vocês a que partido vocês são filiados, jamais irei perguntar para que time vocês torcem e, muito menos, a religião em que vocês acreditam. Eu quero ter uma relação com vocês, antes de tudo, civilizada, republicana, democrática, porque vocês não devem favor, vocês têm direitos. Exijam-nos, que fica muito mais fácil a gente cumprir.

Ao governador Sérgio Cabral eu quero dizer um agradecimento. Veja, na nossa vida humana, mesmo dentro de casa, a gente pode ter um monte de filhos, mas sempre tem um que faz um cafunezinho. É aquele que a gente vai tratando... se você é bem tratado, você tem que tratar bem. Não há como você tratar mal alguém que lhe trata bem. E eu, há muito tempo, vinha ressentindo a relação que o governo federal tinha com o governo estadual. As coisas não andavam, Sérgio. Havia má vontade, havia disputas, e a gente não consegue fazer nada quando a disputa política mesquinha toma conta da disputa grandiosa, que é o exercício de administrar os interesses de um país.

Eu tenho recebido do governador Sérgio Cabral a maior demonstração de parceria que um governador tem dado. Tenho recebido, e eu acho que o Rio de Janeiro... Este estado é tão importante para o País, historicamente é tão importante. É importante lembrar que foi para cá que o rei D. João VI veio, para cá mudou a coroa portuguesa, e que é um estado que tem tudo para ser maravilhoso, tem um povo extraordinário. Agora, sabe o que acontece? O descaso foi tornando o Rio cansado. A gente pega as notícias de jornal, eu estava dizendo para o Sérgio, hoje: se eu estou sentado no sofá, em São Paulo, na minha casa, pensando em fazer uma viagem para passar um final de semana no Rio de Janeiro, e eu vejo a reportagem da violência no Rio, eu não venho. Agora, a minha pergunta é a seguinte: será que o Rio é mais violento do

que outros estados brasileiros? Ou será que a coisa aqui ganha uma dimensão infinitamente maior? Será que não é possível a gente imaginar que este estado pode se recuperar e volte a ter a grandiosidade da paixão turística, da paixão dos investimentos?

Afinal de contas, não foi à toa que Deus criou este estado do jeito que criou, essa coisa maravilhosa, que nós estamos jogando fora e que queremos recuperar. Você sabe quantas vezes já anunciaram a recuperação da Baía da Guanabara? Todo ano anunciavam e nós nunca anunciamos e vamos recuperar, porque o Rio de Janeiro precisa que seja recuperada. Agora, você não recupera isso fazendo propaganda na televisão, sem levar em conta que precisa atacar os problemas da Baixada. Eu já fui à Baixada muitas vezes e tem rio lá que eu não sei se é água ou se é piche. Está podre! Agora, como é que eu vou recuperar o Rio de Janeiro sem recuperar lá primeiro?

Então, Sérgio, eu quero dizer para você, meu querido: nem você, nem eu perderemos nada, e muito menos os prefeitos perderão, se nós formos civilizados, se nós formos democráticos na nossa relação e se nós colocarmos o interesse das pessoas mais humildes, em vez de colocarmos o nosso interesse. Tem que colocar o interesse desse povo, porque se a gente colocar o interesse do povo, todo o mundo vai ganhar com isso.

Então, eu saio daqui hoje, amanhã eu vou para Fortaleza, lançar o PAC em Fortaleza, depois para Salvador... Não, primeiro eu vou a Portugal e Bruxelas. Depois, eu vou a Recife, a Salvador, a Porto Alegre, a Florianópolis, a Curitiba, ou seja, vou percorrer o Brasil inteiro dizendo o mesmo que estou dizendo aqui. Depois, nós vamos viajar de volta, cobrando das pessoas as coisas que têm que acontecer, porque se a gente não cobrar, elas podem não acontecer.

No mais, eu queria dizer ao povo do Rio de Janeiro e dizer aos companheiros do Rio de Janeiro: eu penso que o Rio de Janeiro não voltará mais a ser o mesmo, Sérgio. Aquele negócio do Rio de Janeiro ser vendido como um estado decadente, um estado que ninguém quer investir, um estado que está ficando violento, um estado que está ficando... Acabou isso. E isso, Sérgio, vai depender muito da tua cara e da minha cara, do comportamento desses prefeitos e do nosso comportamento e, sobretudo, do comportamento do povo, porque a auto-estima é que pode levar este estado para cima e levar

o Brasil para cima. Se ficarem aquelas pessoas mal-humoradas, azedas, torcendo para acontecer só desgraça, mesmo que não aconteça, elas vão ver a desgraça acontecer. E nós precisamos dizer que este estado será do jeito que a gente quiser que ele seja.

Agora, essa ação de vocês no Complexo do Alemão, tem gente que acha que é possível enfrentar a bandidagem com pétalas de rosas, jogando pétalas de rosas, jogando pó-de-arroz. A gente tem que enfrentar os bandidos, sabendo que estão, muitas vezes, mais preparados do que a polícia, com armas mais sofisticadas do que a polícia. A gente tem que enfrentá-los, sabendo que a maioria do povo que mora lá é gente trabalhadora, gente de bem e que não pode ficar refém de uma minoria.

Então, Sérgio, eu quero te dizer que, não apenas minha solidariedade, minha ajuda, esteja certo de que precise o que precisar, nós estamos dispostos a contribuir para que este Rio volte a ser aquele Rio que todos nós aprendemos a conhecer. O Rio de Janeiro continua lindo, Sérgio, e vamos em frente. Um abraço.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

Fortaleza-CE, 03 de julho de 2007

Meu querido companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,
Meu companheiro Wellington Dias, governador do estado do Piauí,
Meu companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,
Meu companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Nossa companheira, ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil,
Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
Márcio Fortes, das Cidades,
Nosso companheiro Altemir Gregolin, secretário de Aqüicultura e Pesca,
Nossa companheira Matilde Ribeiro, secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial,

Meu querido Francisco Pinheiro, vice-governador do estado do Ceará,
Minha companheira Luizianne Lins, prefeita de Fortaleza,
Nosso querido companheiro Chico Menezes, presidente do Consea,
Meu companheiro José Graziano da Silva, representante regional da FAO para a América Latina e Caribe,

Nossa querida Regina Barros Miranda, presidente do Consea do Ceará,
Senador Inácio Arruda,

Deputados federais Ciro Gomes, Chico Lopes, Eudes Xavier, Eugênio Gouvêa, Gorete Pereira, José Cirilo, José Guimarães, José Pimentel, Raimundo Matos, José Geraldo, Nazareno Fonteles,

Nosso querido companheiro Meneguelli, presidente do Sesi,
Companheiros e companheiras deputados estaduais,
Prefeitos aqui presentes,
Companheiras e companheiros membros do Conselho de Segurança Alimentar,

Meus companheiros e companheiras delegados participantes desta III Conferência,

Jornalistas,

Amigos e amigas,

Nossa querida dona Zilda Arns, a quem cumprimento agora, através de quem quero cumprimentar todas as mulheres aqui do nosso querido País.

Eu queria começar dizendo para vocês o seguinte: na semana passada, aconteceu uma coisa importante na relação internacional e comercial do Brasil. Vocês acompanharam pela imprensa que não houve acordo na Rodada de Doha, ou seja, o acordo que fazia a Europa e o G-20, representado pelo Brasil, Índia, China, Argentina, México e toda a América Latina e alguns países africanos, mais Estados Unidos e Japão. Por que não aconteceu o acordo? De um lado, nós – os países em desenvolvimento – exigíamos da União Européia que abrisse para que os países pobres pudessem exportar produtos agrícolas para a Europa. Para isso, tinha que diminuir o seu coeficiente para que os produtos brasileiros, argentinos e africanos pudessem chegar à Europa. Ela não quis abrir. E nós exigíamos que os Estados Unidos reduzissem os subsídios que eles deram, por três anos seguidos, de 15 bilhões de dólares, para financiar os seus agricultores, e nós queríamos que reduzissem para 12 bilhões de dólares, já que no ano passado o subsídio foi de 11 bilhões. E os Estados Unidos queriam colocar como subsídio 17 bilhões. Ou seja, eles nem queriam manter os 15 bilhões dos últimos 3 anos, nem queriam reduzir para 12 bilhões, nem queriam reduzir para 11 bilhões, queriam ficar com 17 bilhões de dólares. E o que eles queriam? Eles queriam que o Brasil, mais os países do G-20, abrissem para que eles pudessem mandar para cá mais produtos industrializados e também exportar serviços. Então, nós dissemos: se a Europa não abrir a agricultura dela para que os países pobres possam exportar para a Europa, não tem negociação, o Brasil não pretende negociar. Lógico que negociação é assim. Você negocia, você pede 100 e o adversário te oferece 10, você quer 90 e ele te oferece 20, até que você encontra um ponto de equilíbrio que permita que se faça o acordo.

Eu estou convencido de que nós ainda vamos fazer um acordo, porque hoje, graças a Deus, o Brasil não está tão fragilizado no exterior como esteve

historicamente. Hoje, quando se trata de negociação, eles sabem que o Brasil não está sozinho, que o Brasil está com a Índia, com a China, com a África do Sul, com a Argentina, com o México, com o Chile, com a Venezuela, ou seja, nós representamos o bloco do G-20. E eles sabem que não podem fazer nada sem levar em conta a nossa existência.

Eu comecei dizendo dessa negociação, Chico, porque eu citei uma coisa que eu gosto de fazer: reparar nas coisas que aconteceram na nossa vida. Quando nós lançamos o Programa Fome Zero, em 2003, nós fomos execrados, execrados pela direita, por determinados setores dos meios de comunicação e por setores de esquerda, que não entendem a política de combate à fome como uma política social, mas costumam chamar de assistencialista. Eu sei o quanto aquele companheiro Graziano foi atacado. Eu sei quantas vezes a manchete de jornal crucificou aquele companheiro. E eu sei em quantos debates aqueles dos discursos fáceis diziam: “Isso é assistencialismo, o que é preciso é gerar emprego para todo o mundo”. Como se nós não soubéssemos. Nós sabíamos, mas nós tínhamos consciência de que era possível construir o que nós estamos construindo. E a gente não tem apenas que fazer comparação com o futuro que a gente deseja, nós temos que fazer comparação também com o passado, para que a gente possa ter um ponto de equilíbrio neste País.

Josué de Castro escreveu a *Geografia da Fome* em 1946. Eu nasci em 1945. Em 1952, eu fui para São Paulo por causa da fome no Nordeste brasileiro. E fui para São Paulo, Patrus, morar na capital paulista, num bairro em que até os 10 anos, não apenas eu, mas muitos pobres, passavam a mesma fome que passávamos no Nordeste brasileiro. Porque neste País, a verdade nua e crua é que poucas vezes se pensou em política social, e poucas vezes nós tivemos governantes que estivessem próximos do povo pobre. Tirando Getúlio Vargas, eu quero saber quem é que esteve perto dos pobres, neste País, quando ele constituiu a CLT.

Pois bem, meus companheiros, nós não fizemos tudo o que queremos fazer. Certamente não fizemos tudo o que vocês sonham e que eu sonho. Mas é importante que a gente saiba em que degrau a gente estava e em que degrau a gente está. A gente não está numa escada rolante, rolando ao contrário. Estamos subindo porque fizemos a coisa certa, o grande problema

do Bolsa Família não era apenas dar o dinheiro, o grande problema era que nós não tínhamos um cadastro sério, nós não tínhamos um cadastro que merecesse respeitabilidade. E nós sabemos que, no meio de tanta gente honesta neste País, sempre tem um picareta que quer cadastrar uma pessoa que não tem direito, que quer cadastrar uma pessoa que não tem nem dimensão de chegar perto do Bolsa Família. Nós tivemos que enfrentar isso e, pela primeira vez, eu digo isso sem medo de errar, nós temos um cadastro que merece respeito. De vez em quando o Patrus e a equipe dele ainda se deparam com denúncias de pessoas cadastradas que não têm o direito de se cadastrar. E não é ele quem cadastra, quem faz o cadastro é o prefeito da cidade, vigiado pela comunidade onde ela está organizada. Mas é preciso que a gente esteja vigilante sempre, porque sempre haverá alguém disposto a achar que é mais esperto do que os outros para tentar enganar.

Eu não sei como é que uma pessoa não tem vergonha na cara de tirar 70 reais da boca de uma pessoa que está com fome se ela não precisa. Mas, lamentavelmente, ainda acontece isso no País. Mas hoje o programa está consolidado, e não é apenas o programa Bolsa Família, não é apenas o programa Bolsa Família e não vou repetir aqui o que já disse o Chico e o Patrus. É importante que os companheiros, mesmo reivindicando mais – e é um apelo que eu faço para vocês – nunca parem de reivindicar, porque quando vocês pararem a gente vai pensar que já fez tudo e a gente pode começar a errar.

Eu digo sempre que eu não tenho medo de reivindicação, porque nasci na política fazendo reivindicação. Quando eu conquistava 10, eu queria 15, quando eu conquistava 15, eu queria 20, quando eu conquistava 20, eu queria 30, Aí entrou o Meneguelli que queria 50, aí entrou o Vicentinho que queria 70. Essa é a nossa vida e temos que ser assim. Agora, o que a gente não pode é perder a noção das conquistas que a gente tem.

Hoje eu ganhei de presente, Meneguelli, uma coisa que você não sabe. A minha primeira conquista como dirigente sindical metalúrgico, em 1976, qual foi a conquista que eu tive pela primeira vez? Eu era presidente do sindicato, eu fazia uma pauta de reivindicação nas assembleias e, quando eu chegava na Federação dos Metalúrgicos, eles não queriam acatar a minha pauta, tinham que misturar a pauta de 38 sindicatos e a minha ficava diluída lá no meio. Nós

éramos uma categoria mais avançada porque tinha a indústria automobilística, a gente queria ônibus com ar condicionado, a gente queria o segundo pedaço de frango, a gente queria suco, a gente queria leite. Na fábrica pequena ainda estavam pedindo envelope de pagamento.

Pois bem, a minha primeira grande conquista foi entrar no Tribunal Superior do Trabalho e conquistar o direito de a Confederação dos Metalúrgicos não me representar. Quem me representava era eu mesmo e os trabalhadores da minha categoria que não tinham que pedir licença. Por que eu estou contando este fato? Porque eu aprendi a valorizar cada migalha que conquistei, por menor que fosse.

Se vocês não sabem, foi lá em São Bernardo do Campo que conquistamos a questão da estabilidade da mulher gestante. Eu me lembro de uma vez, e posso contar aqui na frente de vocês, quando nós conquistamos a estabilidade da mulher gestante, e não podiam mais mandar embora a mulher grávida, uma vez uma mulher, lá no departamento jurídico do sindicato, tirou o seio para fora, apertou o seio na minha frente, estava cheio de leite, e disse para mim: “Lula, eu acabei de ter uma filha, está com 3 meses, eu quero ser mandada embora e o patrão está dizendo que eu não sou mandada embora porque você conquistou esse diabo dessa estabilidade mas eu não quero estabilidade. Mas eu quero ir embora”. Eu falei: não tem problema minha filha, vá dar leite para a sua filha. Liguei para o patrão: vamos fazer um acordo aqui e vamos mandá-la embora. Ele a mandou embora. Mas vejam que a conquista que eu achei que era boa para todos, para uma pessoa não era, ela não queria estabilidade, ela queria era dar leite para a filha dela. E com razão, isso era mais importante.

Pois bem companheiros, nós chegamos agora numa situação em que a gente pode dar passos mais importantes. Nós, hoje, estamos aqui falando de leite, e o leite, para quem não sabe, o mercado paga 0,30 centavos de real para o leite e nós pagamos 0,70 centavos para garantir preço para o leite. Nós sabemos que lá em Rondônia, quando o quilo do feijão estava bem baratinho, nós fomos lá e oferecemos um preço para equilibrar. Isso vai continuar, não pensem que por que mudou o presidente da Conab isso vai mudar. Quem vai determinar a política da Conab vai ser o presidente da República, e se não fizer o que é para ser feito, ele tem que sair da Conab. Até porque a política do

governo não é política individual.

A segunda coisa que eu considero importante, companheiros e companheiras, que eu não vi o Patrus citar, é o programa chamado Luz para Todos. Possivelmente quem já nasceu na cidade não tem dimensão do que é o programa Luz para Todos. Quem já foi cozinhar com o candeeiro aceso em cima do fogão, quem foi costurar um botão na camisa de um filho para ele ir para a escola, sob a luz de candeeiro, sabe o significado do programa Luz para todos. Pois bem, nós já atendemos mais de 6 milhões e meio de pessoas. Só de fios, só de cabos, nós já colocamos 470 mil quilômetros de cabos, 2 milhões e 800 mil postes, 390 mil transformadores e, por conta disso, o povo já comprou 480 mil televisores, 378 mil geladeiras, não sei quantos milhares de liquidificadores. Por quê? Porque isso é colocado de graça na casa do pobre. Colocar luz numa cidade é até mais barato, você chega num prédio de apartamentos e com um poste você coloca luz para todo mundo. Nós estamos gastando hoje, meu caro Silvino, na região da Amazônia, 5 mil reais por cada ligação, que é financiada pelo governo federal, com parcela dos governos dos estados. É caro? É. Era melhor não fazer? Não era, porque aquilo que dá lucro, os empresários querem fazer, aquilo que dá prejuízo, ninguém faz, e o Estado tem que assumir a responsabilidade de garantir a luz como benefício para as pessoas.

Nós, Patrus, chegamos até aqui, nos momentos mais difíceis, e agora está muito mais fácil. Eu sei, com esse seu jeito mineirinho, eu acho que o Chico é mineiro também, esse jeitinho mineiro de falar, vai convencendo. Primeiro ele convence a Dilma, depois ele convence o Guido Mantega, depois chega lá: “Você sabe Presidente, tem um negocinho aqui que tem que fazer”. Ele e o Chico são muito matreiros, muito espertos e muito competentes. Então, Patrus, fique certo de que não vai faltar dinheiro para comprar alimento, da mesma forma que nós assumimos um compromisso com os trabalhadores rurais.

Eu estava vendo aqui o Tortele, ele está ali rindo agora, mas ele sabe que nunca sonhou em ter o tanto de crédito para a agricultura familiar como ele tem hoje, e eu digo sempre: gaste tudo que vai ter mais, se não gastar, não vai ter, mas gaste, porque essa coisa, Tortele, é um jogo de pressão, na hora em que vocês chegarem para mim e falarem o seguinte: “Presidente, já estamos

no mês de março, ainda faltam 3 meses para acabar a safra e acabou o dinheiro”, podem ficar certos de que vai ser parido um dinheirinho para vocês. Vejam, quando quebra a produção da soja por causa das chuvas ou do sol, não aparece dinheiro para resolver o problema dos grandes? Pois tem que aparecer para resolver os problemas dos pequenos.

Nós colocamos 10 bilhões na safra passada, o pessoal conseguiu empenhar 8 bilhões e meio, pode chegar a quase 9 bilhões. Nós colocamos 12 bilhões agora. Então, o que eu quero dizer para vocês, da agricultura familiar, é que vocês têm que ir mais rápido pegar o dinheiro. Está aqui o Banco do Nordeste, o Schmitt não estava acostumado a emprestar dinheiro para pobre, era só para rico. Agora, quanto você está emprestando para pobre? O Banco do Brasil, Maria Fernanda, você que é da Caixa Econômica Federal, e o Banco do Brasil, em outubro de 2003, os gerentes tinham desaprendido a emprestar dinheiro para pobre. A única banda do Brasil que pegava dinheiro era a banda do Rio Grande do Sul, onde tinha o Tortele e a turma dele, mais esperta. Porque no Nordeste e no Norte não chegava o Pronaf. Hoje, quem é de qualquer estado do Nordeste, quem é de qualquer estado do Norte, sabe que os gerentes aprenderam. Em vez de atender um grandão fumando charuto, atende o pequeno fumando cigarro de palha, dá o mesmo peso, a mesma importância e a mesma credibilidade.

E agora nós já aprendemos, agora fica tudo mais fácil, nós comemos o pão que o diabo amassou, e as coisas podem acontecer. É verdade que não fizemos ainda a reforma agrária que precisamos fazer. Mas companheiros, se a gente não levar em conta que em 8 anos do governo passado eles desapropriaram apenas 20 milhões de hectares, e que nós, em 4 anos, desapropriamos 32 milhões de hectares, nós também não estamos sendo sinceros entre nós. O nosso problema agora é transformar a terra de quem já tem em terra produtiva, para eles ganharem dinheiro, produzirem alimentos e sobreviverem. Esse é um desafio que está colocado para nós, levar assistência técnica, e isso agora a gente pode fazer. O presidente do Basa aprendeu, do banco do Nordeste aprendeu, do Banco do Brasil, e logo a Caixa Econômica vai estar financiando também a agricultura, já está financiando a casa no campo.

Eu estou vendo aqui um companheiro representante da comunidade indígena. Nós vamos anunciar logo, e você vai ser chamado lá em Brasília, nós

vamos anunciar um programa, pela Funasa, e a gente vai assumir o compromisso com vocês de, até 2010, colocar esgotamento sanitário e água potável em 90% das nações indígenas deste País. Da mesma forma, companheira Matilde, – nós ainda estamos no processo de legalização de muitos quilombos – nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável para pelo menos 50% da população quilombola deste País. Se a gente legalizar mais áreas, vai ter mais. E isso, Matilde, você vai ter o prazer, depois de ver a ponte em Vaporanduva – que me deve há três anos –, quando inaugurar a ponte, a gente vai anunciar a questão do saneamento básico.

Por último, companheiros – eu tinha que ter embarcado às 9 horas –, eu queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, o Patrus pode anunciar, durante a Conferência, a recomposição do valor do benefício, com base no INPC, para o Bolsa Família, em 18 e 25. Na verdade, isso vai ter um investimento – aqui está colocado custo, mas é um investimento – de 400 milhões este ano e, para o ano que vem, o investimento chega a 1 bilhão e 300 milhões a mais. Eu sei que quando a gente fala assim, o nosso pessoal da área econômica sofre na base, porque significa 1 bilhãozinho a mais. Mas é assim, quem é tesoureiro de sindicato, de comunidade, sabe que todo mundo que é tesoureiro gosta de guardar dinheiro. Aqui, nós vamos ter que fazer investimentos para os mais pobres do País.

E também, Patrus, você pode anunciar aqui amanhã, categoricamente, que nós vamos, definitivamente, Chico Menezes, resolver o problema da merenda escolar para os alunos do ensino médio deste País. Isso tem um investimento de 362 milhões por ano, mas atende 8 milhões e 300 mil jovens. Eu acho que 8 milhões e 300 mil jovens merecem mais do que 362 milhões.

Além disso, eu quero agradecer, Chico, a competência com que você tem dirigido o Consea. O Chico é daqueles companheiros verdadeiros, o Chico nunca foi subserviente ao governo, nunca baixou a cabeça na conversa conosco, nunca deixou de dizer as verdades que ele tem para dizer, concorda quando é possível concordar, discorda quando é possível discordar. Portanto, Chico, eu quero, de público, agradecer o grau de companheirismo e a lealdade que você teve com esses companheiros e companheiras do Consea, e que você teve com o governo federal.

Aos ministros que vão ficar aqui e que vão trabalhar a questão social da

agricultura, aquele negócio todo, eu queria dizer para vocês: a única coisa que a gente vai levar, quando deixar o governo, é a nossa relação de amizade com as pessoas que nós atendemos. E eu quero dizer para vocês, meus companheiros: tratem esse pessoal bem, porque no fundo, no fundo, quando a coisa apertar, quem é nosso amigo é esta gente que está aqui, que vai segurar a barra.

Que Deus abençoe vocês e até outro dia, se Deus quiser.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC saneamento e urbanização no estado do Ceará

Fortaleza-CE, 03 de julho de 2007

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro e governador do estado do Ceará, Cid Gomes,

Quero cumprimentar os governadores da Bahia, companheiro Jaques Wagner, e do Piauí, companheiro Wellington Dias, que vieram para cá para aprender com o Cid como pegar dinheiro do governo federal,

Quero cumprimentar os ministros aqui presentes,

Quero cumprimentar os deputados federais,

Os deputados estaduais,

Os secretários municipais e os secretários do estado do Ceará,

Quero cumprimentar a nossa querida prefeita de Fortaleza,

Quero cumprimentar todos os nossos companheiros trabalhadores, representando o movimento social,

E quero cumprimentar os empresários aqui presentes, que vieram prestigiar,

Meus companheiros senadores,

O problema é o seguinte, Luizianne, tem tanta gente aqui, e eu estava vendo os que falaram antes de mim, na hora que leram as nominatas, as nominatas foram maiores do que os discursos. Então, eu queria pedir desculpas porque, como já foi lida a nominata umas dez vezes, cada um aqui já pode ser candidato outra vez, que já tem base suficiente para se eleger.

Quero agradecer a camisa do Ceará. Espero ganhar a camisa do Fortaleza, do Guarani, do Sobral, porque eu sou um torcedor plural.

Mas, em especial, meus companheiros, deixa eu dizer uma coisa para vocês: nós vamos ser rápidos, porque eu saio daqui, atravesso a rua, e vou para um outro ato para discutir a questão da segurança alimentar. Mas eu queria dizer algumas poucas palavras.

Quero dar os parabéns a dois companheiros que participaram do governo comigo, o ex-ministro Eunício e o ex-ministro Ciro Gomes. E quero dizer da alegria de estar em Fortaleza – depois eu vou descer e vou lhe dar um abraço, porque depois que a Luizianne disse que tem velhos que são melhores, eu não posso deixar de descer e dar um abraço.

Mas, companheiros, brincadeiras à parte, vamos às coisas sérias. Por que eu estou feliz? Eu estou feliz porque nós estamos vivendo um momento extremamente significativo e, eu diria, muito bom para o nosso País. Certamente, tinha muita gente no Brasil que há algum tempo não acreditava que nós pudéssemos estar vivendo o que estamos vivendo. E este momento nós só podemos estar vivendo hoje porque no momento em que era preciso comer o pão que o diabo amassou, nós comemos sem resmungar. No tempo em que era preciso fazer as coisas pesadas que tínhamos que fazer para colocar a economia brasileira nos eixos, nós fizemos. E, durante muito tempo, nós dizíamos: não existe mágica em economia, o que existe é seriedade, determinação e objetivo bem definido.

Qual é a situação que nós estamos vivendo hoje? Primeiro, é quando eu pego os números da PNAD e os números dizem que o consumo no Nordeste brasileiro cresce acima do que cresce o consumo chinês. E quando eu percebo que no Nordeste brasileiro volta a esperança de vê-lo deixar de ser aquela região empobrecida para se transformar numa região que disputa projetos em igualdade de condições com qualquer outra região do País. Então, eu começo a ter coragem de dizer para vocês: o Brasil só será o país dos nossos sonhos quando o Norte e o Nordeste brasileiros tiverem a mesma oportunidade que tem o Sul e o Sudeste.

Ao mesmo tempo, nós percebemos que o resultado do esforço que fizemos nós estamos colhendo agora. Logo, logo, daqui a alguns anos, estará chegando ao Porto de Pecém uma locomotiva puxando um monte de vagões e, dentro de vagões, riquezas que virão para cá e que irão daqui para outros estados. Logo, logo, o gasoduto estará interligando o Brasil para que a gente possa dar vazão à necessidade da construção da siderúrgica no estado do Ceará e na cidade de Fortaleza.

Mas o importante é o que estamos anunciando hoje. Certamente parte do dinheiro investido não vai aparecer em obras importantes, não vai ter a

fotografia ou o nome de ninguém, porque serão dinheiros que estarão soterrados e a gente não verá a grandeza do que foi feito numa placa. A gente vai ver é na qualidade de vida das nossas crianças, das nossas mulheres e dos nossos homens.

É por isso que o PAC é, sem dúvida nenhuma, o mais planejado programa de investimento já feito neste País. São 504 bilhões de reais em quatro anos. Desses 504 bilhões, 40 bilhões serão aplicados em urbanização de favelas e saneamento básico, e mais 106 bilhões em habitações. Aqui tem empresários, o Ciro já foi governador, o Cid já foi prefeito, tem muita gente importante na política do Ceará. E eu duvido que, nos últimos 40 anos, tenham investido, em quatro anos, 40 bilhões de reais em saneamento básico neste País. Em 1970, Fortaleza não tinha uma favela; em 1970, São Paulo tinha apenas duas favelas. E hoje São Paulo tem 2 milhões de habitantes morando em favelas, em situações totalmente degradantes.

Quando nós fizemos o PAC, resolvemos escolher, num primeiro momento, as chamadas regiões metropolitanas, a capital e as cidades próximas da capital, porque é exatamente nas maiores cidades que estão concentrados os maiores problemas. São pessoas morando em palafitas, são pessoas repartindo dois metros quadrados com ratos, com baratas, com o crime organizado, são pessoas morando em situações que, quando cai uma pequena chuva, já inunda praticamente todo o bairro. Então, nós resolvemos aplicar o grosso do dinheiro para resolver parte dos problemas dessa parcela de brasileiros e brasileiras que vive em situação degradante, em situação de miséria.

E, possivelmente, nem todo brasileiro, nem todo mundo que estudou, sabe qual é a condição de vida de uma pessoa que mora numa favela, de uma pessoa que mora na beira de um córrego, de uma pessoa que mora na encosta de um morro. É por isso que nós priorizamos as cidades grandes: não só para fazer as obras, gerar empregos e distribuir riquezas mas, sobretudo, para melhorar a qualidade de vida das pessoas, sobretudo das crianças inocentes que ficam brincando em ruas com esgoto a céu aberto, bebendo água não potável, que às vezes é a maior causa da mortalidade das crianças na periferia deste País.

Além disso, nós tomamos outras medidas. Não são apenas as cidades da região metropolitana. A ministra Dilma falou aqui que nós temos mais R\$ 2 bilhões em projetos habitacionais de casas de interesse social, para que a gente possa atender parte das pessoas que não podem pagar nem uma prestação de 10 centavos por uma casa. Mas outra coisa importante: o PAC-Funasa. São mais 4 bilhões de reais para a gente atender as cidades de até 50 mil habitantes e, entre essas cidades, nós vamos escolher aquelas que ainda têm doença de Chagas, e vamos escolher aquelas que têm malária para ver se a gente consegue diminuir uma doença que tem matado milhares ou milhões de pessoas ao longo da história deste País.

Mas não é apenas isso – e a ministra Dilma esqueceu de falar do dinheiro do PAC-Funasa – meu caro ministro Ciro Gomes, meu caro Eunício e meu querido companheiro governador. No PAC-Funasa nós estamos assumindo o compromisso de, até 2010, levar esgotamento sanitário e água potável para 90% das comunidades indígenas deste País, espalhadas pelo território nacional. Nós estamos assumindo o compromisso, minha companheira Matilde, de levar, para 50% das comunidades quilombolas, água potável e esgotamento sanitário, porque nós achamos que o Brasil nunca será um país justo se a gente continuar com a tese e a dinâmica de que quem é rico fica cada vez mais rico e de que quem é pobre fica cada vez mais pobre.

Chegou a hora de a gente olhar para aqueles que vivem no anonimato na periferia deste País, sofrendo as agruras do esquecimento da maioria dos políticos, ao longo da história. Chegou a hora de a gente aproveitar essa extraordinária gama de governadores novos que foram eleitos, construir parceria com os prefeitos das capitais e das pequenas cidades, para que a gente possa estender a mão e fazer com que a mulher mais humilde da periferia volte a ter esperança de que nós, homens públicos, governamos definitivamente para todos e não para aqueles que conseguem adentrar nos palácios das prefeituras, nos palácios dos governos e nos palácios do presidente da República.

A vida é assim, meus companheiros. Na hora de votar, quem vota em nós é a maioria do povo pobre. Mas, depois, quem consegue audiência é a maioria daqueles que não votou em nós. São aqueles que conseguem e o que nós queremos é ser apenas justos, é atender todos os brasileiros, saber quem

precisa mais do Estado, quem precisa mais do poder público, quem está precisando de saúde, quem está precisando de habitação, quem está precisando de tratamento de esgoto, quem está precisando melhorar a qualidade da escola. Quando a pessoa tem dinheiro, pode escolher a escola, tirar o filho de uma e colocar em outra, mas quando é pobre, ou é aquela ou não é nenhuma, e às vezes não tem água para beber, não tem sequer carteira para as crianças sentarem.

Este País, meus companheiros, está preparado para as grandes mudanças, e só está preparado, companheiro Cid, companheiro Wagner e companheiro Wellington, porque nós fizemos bem a nossa tarefa de casa. E aqui eu invoco o Luciano Coutinho, que é presidente do BNDES. Eu tenho dito que duvido que, em 118 anos de República, o Brasil tenha vivido um momento tão importante como está vivendo hoje. É verdade que teve tempos em que a economia cresceu 14%, mas é verdade que a inflação era de 20%, é verdade que o salário mínimo não subia, é verdade que o Brasil já teve outras coisas, mas ter quase 150 bilhões de dólares de reserva, não dever nada ao FMI, não dever nada ao Clube de Paris, crescer as exportações todos os meses... Este semestre, governador Cid, é a maior geração de empregos com carteira assinada da história deste País, 1 milhão de trabalhadores estão entrando com carteira assinada. E aqui dizem, Cid, que nós, brasileiros, temos memória curta. E eu queria dizer uma coisa para vocês que ninguém falou: ontem, entrou em vigor a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que vai ser uma revolução para os pequenos empreendedores deste País. Vai ser, na verdade, uma pequena reforma trabalhista, vai ser, na verdade, uma grande reforma tributária, porque os impostos cairão muito, e eu não tenho dúvida de que os impostos caindo, mais os pequenos empresários irão entrar na formalidade e irão deixar de ser clandestinos.

Mas não é apenas isso. O Cid falou que talvez eu não volte mais aqui. Volto porque, com você, eu quero entrar naquele trem que estamos construindo, na ferrovia. Porque a gente anuncia uma obra, eu fui lá, o Ciro era ministro, o Eunício era ministro, nós fomos lá, andamos um pouquinho de trem. Depois que a gente desce do trem, aí dizem que não sei quem proibiu a obra de continuar. Vem não sei quem e diz que precisa parar, e aí a obra não começa a andar. Agora, me parece que nós já temos 80% de tudo

regularizado, seja no Tribunal de Contas, seja no Ibama, porque é muita coisa.

Gente, eu vou contar uma coisa para vocês: para construir tem poucos, para não deixar construir “está assim”. Eu ainda quero vir ao Ceará, com a permissão do nosso querido governador da Bahia, beber um pouco da água do Rio São Francisco aqui, no estado do Ceará. Porque o baiano que é baiano, o sergipano que é sergipano, o alagoano que é alagoano, o mineiro que é mineiro e, sobretudo, quem é cristão, não nega um copo d’água ao seu irmão nordestino.

Mas, também, quero vir aqui, como metalúrgico, participar da inauguração dessa tal siderúrgica que já me criou tanta dor de cabeça e já deixou tanta gente nervosa. E ela vai vir. Como este mês – talvez eu venha aqui no começo do mês, Cid, para resolver definitivamente – também no começo do mês eu vou a Recife dar o pontapé inicial para a construção da refinaria, vou ao Rio de Janeiro dar o pontapé inicial ao pólo petroquímico.

O que eu quero dizer para vocês é que o PAC é apenas uma experiência extraordinária. Depois do PAC, meu caro Cid, o Brasil nunca mais voltará a ser o mesmo, porque todos nós aprendemos. Você agora, meu caro, vai ter que criar, junto de ti, um Conselho Gestor para fiscalizar essas obras, para saber se estão aplicando, para saber se o prefeito agilizou. Porque, às vezes, o dinheiro está no banco, disponibilizado, e o projeto está engatinhando, não anda. Monte um Conselho Gestor e vamos fiscalizar, porque dinheiro público bom não é aquele que está guardado para superávit ou para aumentar a nossa conta, não. Dinheiro público bom é aquele que está aplicado em obras, gerando riquezas para este País, gerando melhoria da qualidade de vida do nosso povo.

E, mais ainda. Logo, logo, nós vamos anunciar... Não, eu não vou falar do Bolsa Família aqui, porque eu vou ali, daqui a pouco, falar do Bolsa Família. Logo, logo, vamos anunciar aqui o Programa de Desenvolvimento da Educação, que vai ser uma revolução na educação brasileira. Como, da mesma forma, vamos anunciar um programa de saúde para melhorar ainda mais as condições de saúde desse povo. E, por último, nós vamos vir aqui, quem sabe, um dia desses, anunciar um novo programa de segurança pública, em parceria com os governadores de estado.

Portanto, meus companheiros e companheiras, a gente estava falando

do crescimento da cidade. E, aqui, alguns prefeitos, a Luizianne falou do êxodo rural, do inchaço das grandes cidades. Vejam uma coisa: quando nós pegamos o governo, R\$ 2 bilhões foram para o financiamento da agricultura familiar. Este ano, nós terminamos com R\$ 8 bilhões e meio, e colocamos R\$ 12 bilhões para o próximo ano. Porque nós achamos que na hora em que o pequeno agricultor tiver financiamento, tiver crédito e tiver assistência técnica, ele, certamente, não virá morar numa favela de Fortaleza, tampouco de São Paulo, tampouco do Rio de Janeiro. Ele vai vir aqui de férias com a família para tomar um banho nessas praias tão bonitas da cidade de Fortaleza.

E, para terminar, companheiros, eu queria fazer justiça. Primeiro, à lealdade que o companheiro Cid tem tido conosco, nessa relação. O Cid tem sido um governador, um parceiro, um companheiro, porque companheiro não é aquele que aparece no baile apenas quando está cheio de moças bonitas, não. Companheiro é aquele que vai ao baile mesmo quando só tem homens, vai lá para rever os amigos. Companheiro não é aquele que dá tapinha nas costas quando você tem 80% nas pesquisas, não. Companheiro é aquele que é teu amigo quando você não tem nenhum ponto na pesquisa. Companheiro é aquele que é teu amigo a vida inteira, e é assim que a gente constrói essa relação sincera e não uma relação falsa. Então, eu quero fazer justiça, Cid, ao teu comportamento. Não vou nem falar da Luizianne, porque ela é companheira do PT, ela já tem obrigações históricas e tem o DNA nessa relação comigo.

Agora, eu quero fazer justiça à companheira Dilma e quero dizer o seguinte: todo o mundo aqui trabalhou, mas se não fosse a perseverança da Dilma, junto com o Márcio Fortes, para organizar esse PAC tal como está organizado... nós estamos desde janeiro, nós anunciamos no dia 22 de janeiro. Mas qual era o nosso medo? Era de anunciar um montante de dinheiro e depois o dinheiro não acontecer. Então, nós ficamos de janeiro até agora trabalhando. Já fomos a Minas Gerais, fomos a São Paulo, fomos ao Rio de Janeiro, agora estamos aqui, na semana que vem vou à Bahia, depois vou a Pernambuco, depois vou ao Piauí, ao Rio Grande do Sul, ao Paraná. Em cada estado deste País, nós vamos juntar com os prefeitos e anunciar o PAC. E o mais importante, nós vamos fiscalizar o PAC porque queremos que o dinheiro renda os objetivos pelos quais nós o criamos.

Quero terminar, dizendo o seguinte: o Brasil não tem retorno. Se tiver algum pessimista aqui, Cid, você me diga depois, porque o Brasil não tem retorno. Está cheio de gente que vive resmungando pelos cantos, agora a verdade é que este País encontrou o seu caminho. Eu estou indo amanhã para Portugal com a Dilma. Nós vamos vender lá o biodiesel, vamos divulgar o PAC para que empresários portugueses venham para cá fazer investimentos. Depois nós vamos a Bruxelas falar do biodiesel e vamos falar do PAC também, porque nós temos que fazer deste País a grande nação que ele poderia ter sido no século passado e, pela mediocridade da política, não passou de um país em vias de desenvolvimento.

Meus companheiros do Ceará, um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês e até a próxima visita ao Ceará.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Sessão de encerramento da Cimeira Empresarial Brasil-União Européia

Lisboa-Portugal, 04 de julho de 2007

Senhor José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Européia,
Senhor Peter Mandelson, comissário europeu do Comércio,
Senhora Benita Ferreira, da Comissão Européia das Relações Exteriores,

Meus companheiros brasileiros: Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; embaixador Marco Vieira de Sousa, embaixador do Brasil em Portugal; embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues, representante permanente do Brasil junto à Comunidade Européia,

Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Meu caro José Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa,

Meu caro Armando Neto, presidente da Confederação Nacional das Indústrias,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso que as duas primeiras perguntas que foram colocadas à mesa, merecem a resposta inicial, para depois falar das coisas que viemos aqui falar.

Em primeiro lugar, o Brasil tem sido um centro de atração para investimentos estrangeiros. Eu acredito que isso está acontecendo neste momento porque os investidores estrangeiros estão compreendendo que, finalmente, mesmo sem fazer nenhuma privatização, o Brasil está oferecendo oportunidades de negócios para que empresários façam seus investimentos, possam produzir e obter o seu dinheiro em forma de lucro, de retorno. E vamos continuar fazendo com que a economia brasileira e o comportamento do governo sejam efetivamente o grande atrativo para investimentos no Brasil. Como eu acredito que não existe mágica em economia, e muito menos mágica

em investimentos, as pessoas vão atrás de oportunidades e, em função das possibilidades de ganhar alguma coisa, nós vamos continuar oferecendo as oportunidades.

A questão da simplificação fiscal e da introdução do Imposto sobre Valor Agregado, eu queria dizer aos empresários, tanto brasileiros, que já discutem isso há tanto tempo, quanto aos empresários europeus, que a reforma tributária é uma das coisas mais difíceis de ser feitas, não apenas no Brasil, mas em qualquer país do mundo. Nós fizemos uma primeira tentativa, em 2003, quando 27 governadores e eu fomos ao Congresso Nacional entregar uma proposta de reforma tributária. Depois, quando a reforma tributária chegou ao Congresso Nacional, não teve acordo, portanto, não foi votada. Mas nesse período de tempo, o governo já fez isenção de impostos equivalentes a quase 15 bilhões de dólares, sobretudo naqueles setores que nós queríamos tornar mais competitivos e ajudar os que tivessem qualquer prejuízo na sua relação com os consumidores, para que pudessem, eu diria, ter as oportunidades. Foi o caso da construção civil, por exemplo, em que nós fizemos a desoneração de mais de 30 produtos para facilitar que não apenas que os empresários da construção civil, mas também os compradores de material de construção pudessem ter acesso ao dinheiro mais barato. E isso tem resultado num benefício importante.

A impressão que eu tenho é que nós nunca tivemos a oportunidade que temos hoje para votar a reforma tributária. Ela está construída, numa discussão muito serena com o Congresso Nacional. Eu penso que, pela primeira vez, nós poderemos enfrentar dois problemas que pareciam cruciais para o Brasil, reformas que são fáceis teoricamente, mas que são difíceis na prática. Uma é a reforma política que se tenta fazer há muito tempo no Brasil e não se consegue, e a outra é a reforma tributária. Porque há um consenso, hoje, junto ao Congresso Nacional – se não um consenso, pelo menos uma grande maioria – de que nós temos que criar uma outra dinâmica na política tributária.

É importante lembrar que segunda-feira entrou em vigor no Brasil a Lei-Geral da Micro e Pequena Empresa, que é a primeira demonstração da possibilidade que nós temos de fazer mudanças na área trabalhista, sem precisar discutir a área trabalhista, e também facilitando a vida das pequenas empresas que sobrevivem na formalidade. Ela entrou em vigor na última

segunda-feira e acho que vai ser um sucesso extraordinário, porque nós devemos formalizar algumas milhares de empresas que hoje estão, eu diria, quase que na clandestinidade, porque não conseguem pagar a carga tributária. E, também, porque nós temos interesse, aprendendo com experiências bem-sucedidas nos outros países e tentando, sempre que possível, ir aperfeiçoando as regras no Brasil, para que a gente possa criar mais condições para mais investimentos, para mais parcerias e, conseqüentemente, para mais desenvolvimento.

Mas eu queria aproveitar essa oportunidade, eu não sei se o meu Ministro da Indústria e Comércio já falou aqui, não sei se a ministra Dilma já fez a apresentação do PAC, eu só não quero incorrer em redundância, dizer coisas que já foram ditas. De qualquer forma, na condição de primeiro-ministro, o Sócrates, e eu, na condição de presidente, temos até o direito de repetir que ninguém vai reclamar conosco.

Primeiro, quero dizer que é um prazer estar ao lado de dois velhos amigos: o nosso primeiro-ministro José Sócrates, e o nosso ex-primeiro-ministro, Durão Barroso, hoje representante da União Européia, para juntos encerramos esta Cimeira Empresarial Brasil-União Européia. Este evento ocorre em momento histórico. Hoje, lançamos uma parceria estratégica entre a União Européia e o Brasil, estamos revigorando uma relação com grandes potencialidades. Trata-se de uma iniciativa que vai muito além do comércio e dos investimentos, mas o seu êxito dependerá de um adensamento ainda maior de nossas relações econômicas. Por isso, é fundamental que vocês empresários sejam nossos sócios nessa empreitada, que nos ajudem a aprimorar uma relação que já é excelente, mas que ainda tem muito a produzir. Nossas trocas comerciais e fluxos de investimentos já caracterizam uma parceria privilegiada por sua amplitude e seu dinamismo. Nosso comércio com a União Européia atingiu o valor recorde de 51 bilhões de dólares, em 2006, um crescimento de 13%, em relação a 2005, e de 60% em relação a 2003.

O aumento não pára nessas cifras. Já nos cinco primeiros meses de 2007, o intercâmbio total elevou-se em 30% frente ao mesmo período do ano passado, alcançando cerca de 25 bilhões de dólares. E o potencial para o crescimento é enorme. O mercado brasileiro de bens de consumo e de capital vem aumentando de forma contínua e nossa economia reencontrou o caminho

do crescimento sustentável. Somos o principal destino dos investimentos europeus na América Latina. Também entre os BRICs o Brasil se destaca e a presença de capitais brasileiros na Europa, assim como no resto do mundo, está em franca expansão.

A competitividade do parque produtivo europeu e o dinamismo da economia brasileira deixam patente qual é o desafio desta primeira Cimeira empresarial: ajudar a realizar o pleno potencial desses dois sócios. Passamos a dispor de um fórum de alto nível, com a participação de lideranças de grande expressão em condições de conferir impulso ainda maior aos negócios e investimentos recíprocos.

Senhoras e senhores,

O Brasil vive hoje um momento inédito, caracterizado pela combinação de crescimento, inflação baixa e forte incremento do comércio exterior. Ao mesmo tempo, vemos a ampliação do mercado interno, aumento do emprego, expansão da renda, redução da pobreza e das desigualdades. Nossa vulnerabilidade externa caiu radicalmente, saldamos a totalidade de nossa dívida com o FMI e com o Clube de Paris, possuímos hoje mais de 146 bilhões de dólares de reservas, o risco-Brasil, hoje, está abaixo dos 150. O Brasil já embarcou em uma nova etapa de crescimento sustentável com a projeção do crescimento do PIB de 5% nos anos seguintes. O Programa de Aceleração do Crescimento, que lancei no início deste meu segundo mandato, oferece uma radiografia das oportunidades que se abrem para investidores. Estão previstas medidas para desonerar e incentivar a iniciativa privada, aumentar o investimento público e aperfeiçoar a nossa política fiscal. São privilegiados os investimentos em infra-estrutura e na área social. Para habitação, saneamento, transporte coletivo e eletricidade serão mais de 500 bilhões de reais, o equivalente a 250 bilhões de dólares entre 2007 e 2010. São obras que abrirão novas portas para os negócios no mercado brasileiro e que irão dinamizar as relações do Brasil com o mundo.

Amanhã, participarei, em Bruxelas, da inauguração da Conferência Internacional sobre os Biocombustíveis. Sei que não é preciso insistir com esta platéia sobre o potencial de geração de comércio e investimento dessas fontes renováveis de energia. Aqui eu queria cumprimentar a Petrobras e a Galp e dizer que o gesto de vocês, não sei se para produzir os 300 milhões de litros de

biodiesel, 150 para Portugal e 150 para o Brasil – seiscentos, já aumentou para 600? Eu espero que, no final da reunião, chegue a 900, e aí nós poderemos estar ganhando muito mais. Mas eu quero dar os parabéns, é um extraordinário sinal para o Brasil, certamente para a União Européia e para o mundo. Trata-se de uma nova fronteira agrícola e industrial que se abre, com oportunidades para negócios não somente no Brasil, mas em toda a América Latina, Caribe e África. O governo e os empresários brasileiros buscam parceiros para disseminar a experiência que temos acumulado ao longo dos últimos 30 anos. No Brasil, plantamos os combustíveis do futuro. Desenvolvemos um instrumento de proteção ambiental, de geração de empregos e de criação de oportunidades para as populações mais pobres.

Por isso, convido, também, todos os presentes a examinar com atenção o crescente dinamismo do Mercosul e da União Sul-Americana de Nações. Nossas iniciativas de integração inspiram-se na experiência européia. Estamos determinados a superar dificuldades e a construir consensos em torno de objetivos comuns. Os países da região partilham o mesmo empenho, em favor do desenvolvimento com justiça social. Nosso comércio e investimento intra-regionais estão crescendo aceleradamente.

No Mercosul, nossas discussões foram além das tarifas sobre bens. Passam a incluir o setor de serviços e o conceito das cadeias produtivas regionais. São numerosas e significativas as obras de integração física e energética em curso, que abrirão novos mercados no interior do continente e facilitarão os contatos com a Europa e outras regiões. Esse é outro campo de atuação que se oferece, cada vez mais, para empreendedores de visão.

Meus amigos e minhas amigas,

Num mundo cada vez mais globalizado, o pleno aproveitamento dessas muitas oportunidades passa, necessariamente, pelas reformas das relações econômicas e comerciais internacionais. Precisamos rever práticas superadas dos organismos financeiros multilaterais e reduzir barreiras protecionistas, sobretudo no comércio agrícola. É isso que estamos defendendo na OMC. Precisamos ter determinação e confiança para atingir resultados ambiciosos e equilibrados, que facilitem o comércio e distribuam melhor os investimentos.

A conclusão da Rodada de Doha demanda a compreensão e o apoio dos empresários e de outros setores interessados da sociedade civil, exige

compromissos de parte a parte e decisões políticas no mais alto nível. O Brasil tem demonstrado sua disposição de levar as negociações multilaterais a bom termo. Estamos preparados para ser flexíveis, desde que os resultados, sobretudo em agricultura, atendam os justos pleitos que partilhamos com nossos parceiros do Mercosul e do G-20, e outros países em desenvolvimento.

Não há substituto para um sistema multilateral de comércio forte baseado em regras estáveis e eqüitativas. O acordo de associação União Européia-Mercosul será um importante complemento à OMC, sua relevância transcende a mera abertura de mercados e tem um valor estratégico na construção de um mundo multipolar. Na economia como na política, a diversidade de parceiros, mais do que o isolamento, é o que assegura a independência. As negociações já estão avançadas e com o impulso político adequado poderiam ser concluídas rapidamente. Essa é a mensagem que eu trouxe hoje a Lisboa e que levarei amanhã para Bruxelas.

Senhores empresários,

O lançamento de uma parceria estratégica e a realização de uma primeira cimeira empresarial representa uma aposta numa relação com muita história, mas também de grande futuro. Precisamos ter a capacidade de identificar novas oportunidades e lançar projetos comuns com base nas nossas complementaridades econômicas e tecnológicas. E serão vocês, empresários, os principais atores dessa nova etapa das relações entre a União Européia e o Brasil. Esta bela cidade assistiu a invenção, pelos navegadores portugueses, de uma nova economia do mundo e da primeira fase da globalização. Estou certo de que nos servirá de inspiração nessa nova era que se abre.

Meu caro primeiro ministro, Sócrates,

Meu caro Durão Barroso,

Empresários brasileiros,

Empresários europeus,

Eu penso que seria importante desafiar vocês para que conhecessem os planos que temos de investimentos no Brasil, no Mercosul e na América do Sul. Nós estamos falando de energia, estamos falando de estradas, estamos falando de ferrovias, estamos falando de telecomunicações e estamos falando de desenvolvimento tecnológico, científico e industrial. E esse desafio que nós, latino-americanos e o Brasil, desejamos partilhar com vocês é um caminho que

nós precisamos e queremos abrir de oportunidades de novos investimentos mas, sobretudo, de oportunidades de novas parcerias com o mundo político europeu e o mundo empresarial europeu. Eu diria que não apenas o Brasil, mas no Mercosul e na América do Sul, os países estão vivendo um momento econômico que há muitas décadas não viviam. Todos os governantes estão aprendendo que a melhor forma de fazer o país crescer de forma sustentável, sair da fase do país subdesenvolvido ou de país em desenvolvimento para a fase do país desenvolvido, carece de investimentos não apenas na infraestrutura mas, sobretudo, investimentos na formação de profissionais totalmente qualificados, que é condição fundamental para que nós possamos dar o salto de qualidade.

Nós já perdemos muito tempo. Quem conhece o Brasil sabe que, no século XX, nós perdemos oportunidades, chegamos a crescer 14,3% ao ano, entretanto carecíamos de democracia, faltava liberdade sindical, liberdade intelectual, liberdade cultural, liberdade política. O que aconteceu depois desse crescimento extraordinário, que alguns chamaram de milagre brasileiro, é que os ricos tinham ficado mais ricos e os pobres tinham ficado mais pobres. Só que na década de 70 tinha apenas duas favelas, hoje tem aproximadamente 700 favelas, numa demonstração de que não basta a economia de um país crescer, se os governantes, responsáveis por esse crescimento, não tiverem concomitantemente a responsabilidade de partilhar, de forma mais equânime, o resultado das riquezas produzidas pelo país.

É isso que estamos fazendo e é por isso que eu digo que o Brasil vive hoje o melhor momento econômico da sua história Republicana em 118 anos. Não fizemos tudo ainda, estamos iniciando um processo, mas um processo seguro, um processo em que o presidente da República pode olhar na cara de um empresário europeu, americano, brasileiro, e dizer para ele que não tem mágica na política econômica, não tem aqueles anúncios à meia-noite, para pegar empresários de surpresa no dia seguinte ou empresário que vai dormir com o dólar valendo quatro e acorda, de manhã, com o dólar valendo dois.

No Brasil é importante dizer: o dólar vai continuar sendo flutuante. E digo para vocês o que digo no Brasil todos os dias: o problema do dólar flutuante é que ele flutua para mais ou para menos, e quando vai para menos, alguns ganham, quando vai para mais, outros ganham. As empresas que porventura

tenham problemas com o câmbio, o que nós temos que fazer é política de inovação tecnológica para que elas se tornem cada vez mais competitivas, sabedoras de que nesse mundo globalizado não tem espaço livre. Isso é que nem política. Em política, se você pensar que não vai concorrer em uma eleição para voltar dois anos depois, você sabe que 30 estarão ocupando o seu lugar. Nesse mundo globalizado e nesse mundo do comércio, se alguém perder a competitividade, sabe que dificilmente vai recuperar se não tiver um produto novo, de melhor qualidade e mais barato. E isso não significa ajuda governamental, significa investimento em inovação tecnológica para que possa dar o salto de qualidade.

Por último, eu queria dizer aos empresários aqui presentes, que muito se tem falado da Rodada de Doha, alguns tentam falar como se fosse um fracasso. Eu sou um homem esperançoso, aos 23 anos de idade já estava fazendo negociações com as indústrias automobilísticas de São Bernardo do Campo, em São Paulo, porque eu era dirigente sindical. Nem sempre os acordos são fáceis. Às vezes, um acordo que parece impossível num ano, acontece no ano seguinte. O dado concreto é que nós temos que trabalhar com a seguinte responsabilidade: quando a representante da União Européia sai para vender um carro, o ideal para ela é que o comprador do carro saia satisfeito, porque pagou um preço justo. Mas que ela também saia satisfeita, porque acha que recebeu o dinheiro justo pelo valor do seu carro. Se o comprador e o vendedor saírem com a imagem de que ganharam alguma coisa, o acordo é perfeito. Por isso é que as pessoas casam, porque os dois pensam que vão ganhar.

Agora, se a proposta de acordo econômico é uma proposta em que uns têm que fazer mais concessões que outros, sem levar em consideração o que significa o peso da indústria nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento, sem levar em conta o que significa o peso da agricultura numa União Européia que deve empregar, no máximo, 2% de pessoas no campo, e num país africano, que emprega 70%, se não levarmos isso em conta, certamente teremos dificuldade em fazer acordo.

Mas tem duas coisas que me dão esperança. Primeiro, eu acredito que nós, seres humanos, por piores que sejamos, sempre trabalhamos para que o dia de amanhã seja melhor do que o de ontem. Segundo, nós sempre

trabalhamos com a hipótese de que o gesto que nós vamos fazer, fará a gente passar ou não para a história como alguém que foi útil ou alguém que foi inútil.

Eu sou cristão. Levanto todo dia de manhã crendo em Deus e que nós vamos conquistar melhores condições de vida. Nesse momento em que o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento, seja a União Européia, os Estados Unidos e o Japão, olham para o Brasil, a China, a Índia e o G-20, e sabem que as potências econômicas se equilibram com as potências humanas, porque representamos quase a metade da população mundial, somos países com potencial de crescimento extraordinário. E é mais extraordinário ainda que as nossas economias cresçam, porque tudo o que um europeu precisa querer é que nós sejamos bons consumidores. Quanto melhores consumidores nós formos, mais os europeus vão produzir e vão vender para nós, e mais nós seremos países em fase de desenvolvimento.

Se a gente acreditar nessas coisas e levar em conta que tem um componente político muito mais sério do que o componente econômico, que é a construção da harmonia e da paz nesse mundo conturbado que vivemos hoje, se nós não levarmos isso em conta, todos nós, ou pelo menos todos aqueles que têm a minha geração e que governaram o Brasil...

Eu disse ao presidente Bush, Durão Barroso, em Camp David, quando o visitei, e disse por telefone, há 15 dias, ao primeiro-ministro, meu amigo Tony Blair, que em determinados momentos históricos nós temos que escolher com que cara queremos passar para a história. E quando chega essa decisão, ela é eminentemente política, não tem mais nada de econômica e de comercial, ela é política. Eu dizia ao Tony Blair: você vai deixar o governo no mês de junho. Seria extraordinário que deixasse o governo com o acordo firmado. Disse ao presidente Bush: no ano que vem, você deixa a Presidência da República dos Estados Unidos, era importante que o acordo saísse antes. Dizia ao Chirac, em dezembro do ano passado, o Chirac já saiu, sem fazer o acordo.

Confesso a vocês que eu não quero sair – tenho mais três anos e meio de mandato – sem concluir um acordo na OMC, porque é a única chance que os países pobres do mundo vão ter. Se não fizermos o acordo, nós iremos amargar insatisfações que, depois, irão fazer com que nos arrependamos de não termos sido generosos com os países mais pobres.

Meus amigos, muito obrigado, e que Deus nos ajude a fazer o acordo.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a Sessão Plenária da Cimeira Empresarial Brasil-União Européia

Lisboa, 04 de julho de 2007

OBS: Este discurso foi proferido na Sessão Plenária e não no encerramento da Cimeira Empresarial Brasil-União Européia, conforme divulgado anteriormente.

É uma satisfação especial rever o meu amigo, primeiro-ministro José Sócrates, a quem recebi no Brasil no último mês de agosto. Tenho também grande alegria em reencontrar meu companheiro Durão Barroso, presidente da Comissão Européia, que nos visitou em maio de 2006. Quero agradecer os esforços de ambos para que esta Cúpula se realizasse.

Hoje nos reunimos para dar início a uma nova era do relacionamento entre o Brasil e a União Européia. Estamos lançando uma parceria estratégica, estamos elevando nossa relação à altura de suas potencialidades, e estamos projetando uma visão comum para um mundo em transformação. É significativo que este processo se inicie em Lisboa e que ocorra no momento em que Portugal assume a Presidência do Conselho da União Européia, num período em que um amigo português está à frente da Comissão Européia.

Há 47 anos, o Brasil estabeleceu relações diplomáticas com a então Comunidade Econômica Européia. De lá para cá, a União Européia cresceu e aprofundou-se. Hoje, reúne 27 países vocacionados para a democracia, a paz, a liberdade, a prosperidade e a justiça social. É uma construção única, que motiva a todos que acreditam na cooperação internacional e na interdependência solidária. É também uma fonte de inspiração para a integração que estamos construindo no Mercosul e na União de Nações Sul-Americanas.

A parceria estratégica entre o Brasil e a União Européia se alicerça em uma realidade econômica sólida. Superamos, em 2006, a cifra de 50 bilhões de dólares de comércio bilateral, um crescimento de 13% em relação ao ano

anterior e de 60% em relação a 2003. Nossas trocas com a União Européia representam 22% de nosso comércio exterior.

O estoque de investimentos diretos europeus no Brasil é de 150 bilhões de dólares. O Brasil oferece todas as condições para atrair nova leva de empresários europeus. O Programa de Aceleração do Crescimento do Brasil, que lancei em janeiro último, apresenta uma radiografia de oportunidades, sobretudo no setor de infra-estrutura.

Mas há, evidentemente, muitas outras. A Cimeira Empresarial que hoje se realizou em Lisboa propiciará novos negócios e investimentos. As empresas brasileiras também estão ganhando presença na Europa. Tenho instado os nossos homens de negócios a transformarem suas companhias em verdadeiras multinacionais.

Queremos também dar contornos mais ambiciosos à nossa parceria em outros campos, como ciência e tecnologia, meio ambiente, educação e cultura. Para tanto, devemos dar ao Diálogo Político de Alto Nível e à Comissão Mista Brasil-União Européia o necessário impulso.

A agenda da reunião que ora iniciamos reflete bem o porquê de nossa parceria estratégica. Brasil e União Européia podem começar a pôr em prática uma necessidade que salientei na Cúpula Ampliada do G-8. As grandes questões globais, como comércio, mudança climática e segurança energética, não podem ser discutidas em círculos restritos, que não levem em conta as posições dos grandes países em desenvolvimento. Se quisermos verdadeiramente construir um mundo melhor, temos que estimular o diálogo e a cooperação entre o Sul e o Norte sobre os principais temas da agenda global.

É grande o patrimônio de valores e ideais comuns que sustenta e orienta nossa união de esforços para enfrentar os grandes desafios do presente. Comungamos de princípios democráticos e do respeito aos direitos humanos. Respaldamos as Nações Unidas como principal instrumento da defesa da paz e da segurança internacionais. Confiamos no sistema multilateral para a promoção do desenvolvimento com justiça social. O grande desafio que temos é o de operacionalizar esses valores, mediante propostas concretas, se possível comuns ou pelo menos coordenadas. Para isso deve servir nosso diálogo.

Meu amigo José Sócrates, que foi ministro do Meio Ambiente, bem conhece a urgência de se encontrar alternativas energéticas renováveis, mais limpas, mais eficientes e menos custosas. No momento em que a comunidade internacional discute saídas para a ameaça do aquecimento global, o Brasil e a União Europeia podem patrocinar soluções inovadoras no campo dos biocombustíveis, inclusive através da cooperação triangular em países mais pobres da América Latina, Caribe e da África.

Os biocombustíveis aumentam a segurança energética, ajudam a conter os efeitos da mudança climática e promovem o desenvolvimento sustentável. O etanol e o biodiesel abrem caminho para uma verdadeira revolução para as economias dos países mais pobres. Geram empregos, renda e segurança alimentar, fixando a população na terra e fornecendo uma nova alternativa para as aspirações de desenvolvimento. Essa é a mensagem que levarei amanhã à Conferência Internacional sobre Biocombustíveis, em Bruxelas.

Brasil e a União Europeia também são chamados a oferecer soluções inovadoras e solidárias no âmbito da Rodada de Doha. Não podemos aceitar que o atual impasse continue. Estaríamos colocando em xeque o sistema multilateral de comércio como um todo, com prejuízos enormes para os países mais pobres. Mas, para que essa seja efetivamente uma Rodada para o Desenvolvimento, não podemos, como nas rodadas anteriores, privilegiar a liberalização dos setores de maior interesse dos países altamente industrializados. Chegou a hora de nivelarmos o terreno e igualarmos as regras aplicáveis ao comércio de bens industriais àquelas dedicadas ao comércio de bens agrícolas, que são do interesse de grande parte da humanidade. Em especial, não podemos permitir que esta Rodada se conclua, sem que haja uma redução efetiva e substancial de todas as formas de subsídios e barreiras que distorcem o comércio agrícola.

Penso também que a nossa parceria deve contribuir para que as negociações do acordo de associação entre o Mercosul e a União Europeia cheguem a bom termo. Estou convencido de que temos muito a ganhar com essa associação, desde que se levem em conta as necessidades e peculiaridades de ambos os blocos. Estou certo, também, de que a união destes dois blocos contribuirá para a construção de um mundo multipolar, infenso a hegemonismos.

A governança global só será justa e efetiva se for acompanhada do fortalecimento das instituições multilaterais. O Brasil e a União Europeia têm responsabilidades maiores em ajudar as Nações Unidas a fazer frente aos desafios do século XXI. Temos que orientar o processo de reforma do Conselho de Segurança, de forma a torná-lo mais representativo e eficaz. Também devemos somar esforços para assegurar que o Conselho de Direitos Humanos e a Comissão de Construção da Paz atendam às nossas altas expectativas. Situações como a do Haiti, em que o Brasil está profundamente envolvido, oferecem oportunidade para pôr em prática os ideais que defendemos nesses foros.

A Ação contra a Fome e a Pobreza, que lancei em Nova York ao lado de alguns colegas europeus, apontou para a necessidade de mecanismos inovadores de financiamento ao desenvolvimento. Já colhemos um primeiro fruto. A Central de Medicamentos ajudará a mitigar os efeitos devastadores de pandemias como o HIV/AIDS, a malária e a tuberculose nos países mais pobres, especialmente na África. Sei que a União Europeia está empenhada em levantar os recursos necessários para realizar plenamente as Metas do Milênio. Queremos trabalhar em conjunto com a Europa nesse sentido. Afinal, nada é mais estratégico do que eliminarmos os flagelos da fome e da pobreza, que estão na raiz de muitos outros males que persistem ou mesmo se agravam no mundo de hoje: as guerras, o terrorismo e o crime organizado.

Nosso engajamento conjunto em iniciativas para tornar nosso mundo mais pacífico e mais justo será expressão maior do caráter estratégico de nossa parceria.

Muito obrigado.



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos

Bruxelas – Bélgica, 05 de julho de 2007

Primeiro, quero dizer ao presidente da Comissão Europeia, presidente Durão Barroso, a alegria de termos nos encontrado ontem em Lisboa, por ocasião da Cimeira Brasil e União Europeia. E, hoje, cumprimentá-lo também pelo seminário sobre biocombustíveis. Bem, todo mundo sabe que a União Europeia é um parceiro extremamente importante na relação com o Brasil. A nossa relação com a Europa vem desde a descoberta do Brasil em 1500 até os dias de hoje, com a definição dessa parceria estratégica.

Quero dizer ao presidente Durão Barroso que foi extremamente positiva essa discussão sobre biocombustíveis. Essa é uma discussão extremamente necessária, que tem que ser feita com muita responsabilidade para que possamos, daqui a algum tempo, dar uma resposta ao mundo de como vamos fazer para despoluir o planeta Terra. Acho que nós temos consciência da importância da Europa nessa discussão, dos acordos que têm que envolver desde a questão comercial até a questão tecnológica mas, sobretudo, o diálogo para o mundo que queremos construir num futuro bem próximo.

Eu acredito que essa parceria estratégica entre União Europeia e Brasil vai produzir muito mais frutos do que já produziu até agora, sobretudo com a possibilidade de estabelecermos parceria entre a União Europeia e o Brasil com terceiros países, sobretudo da África. Eu não sei por que, meu caro Durão Barroso, mas esses dois dias – um em Lisboa e o outro aqui em Bruxelas – estão me fazendo sair daqui com a convicção de que nós vamos fazer um acordo na Rodada de Doha. Porque é inacreditável. Certamente tivemos problemas, mas hoje o clima está tão positivo na compreensão de que precisamos avançar, que eu, não sei se você está, estou muito otimista, e



muito mais otimista estou com a disposição da Europa em discutir a questão dos biocombustíveis com muito carinho. Para mim, como presidente do Brasil, quero lhe dizer que me sinto honrado pela decisão dessa parceria estratégica da União Européia com o Brasil, sinto-me honrado com a participação neste encontro de Comissários da União Européia para discutir biocombustível e estou convencido de que nós começamos um outro momento histórico na relação União Européia e Brasil.

Por isso, obrigado por esta oportunidade.

Jornalista: Boa tarde, Presidente. Vivian Oswald, do jornal O Globo. Nas suas palavras, durante a Conferência de Biocombustíveis, o senhor falou da relação do espaço que se utiliza para produzir energia e agricultura, e que uma coisa não interferiria na outra. Hoje foi divulgado, na verdade está nos jornais de hoje, um estudo da OCDE que diz que existe uma expectativa de elevação de preços de produtos agrícolas, principalmente entre o período de 2007 e 2016. Eu queria que o senhor comentasse esse estudo.

Presidente: Esse estudo poderia demonstrar quanto os alimentos aumentaram depois do aumento do petróleo de 28 dólares para 70 dólares o barril. É importante que tenhamos claro que não precisamos aceitar *a priori* as idéias dos muito otimistas, mas também não podemos aceitar todas as idéias dos muito pessimistas. Entre o exagero do otimismo e o exagero do pessimismo, eu prefiro me comportar como ponto de equilíbrio, e construir a possibilidade de termos uma nova matriz energética que transforme os países em países mais independentes. Eu vou dar um exemplo. Hoje, o mundo depende de 20 países que produzem petróleo. Se adotarmos os biocombustíveis, mais de 100 países poderão produzi-lo, portanto, nós teremos uma maior distribuição e oportunidades no mundo. E nós queremos debater com todos aqueles que têm dúvidas, achamos que ninguém é totalmente bom porque defende o biodiesel,



nem é totalmente mau porque não defende o biodiesel. Aceitamos aqueles que pensam o contrário e queremos, apenas, poder estabelecer a possibilidade de fazer os debates com muita competência científica, tecnológica, política e econômica, ter a oportunidade de convencer e a oportunidade de ser convencido. Confesso a vocês que jamais irei fazer a disputa entre energia e comida, até porque eu preciso dos dois, e também não irei fazer a disputa entre energia e preservação ambiental, porque também preciso dos dois. O que eu quero é que a gente discuta a irracionalidade e a racionalidade. Aí eu acho que a racionalidade vai vencer.

**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o Presidente do Parlamento Europeu, Hans-Gert Potering
Bruxelas-Bélgica, 05 de julho de 2007**

Primeiro, quero dizer ao Presidente do Parlamento Europeu e à imprensa aqui presente da nossa alegria de termos esse contato. Teremos daqui a pouco uma reunião com os grupos aqui representados, no Parlamento Europeu.

Eu acho que tem duas coisas extremamente importantes, que interessa a nós, da América do Sul, e interessa a nós, do Mercosul. É muito fácil falarmos em integração, mas é muito difícil construí-la, porque muitas vezes prevalece o interesse do Estado nacional. Construir a integração significa que os governantes precisam se despojar da questão do Estado eminentemente nacional e pensar nos interesses coletivos da comunidade regional.

A União Européia, alguém pode ter críticas, mas ela construiu, ao longo desses últimos 50 anos, o mais sólido modelo de integração que nós conhecemos. E eu quero crer que isso só tenha sido possível porque a partir de 1979 se constituiu o Parlamento Europeu.

Eu, às vezes, fico pensando que a construção de um Parlamento, como o que estamos criando no Mercosul, que vai funcionar na sua totalidade, com eleição direta, a partir de 2014, vai permitir que os debates muitas vezes feitos internamente, em cada país, possam ser feitos num Parlamento, eu diria, com representação de todos os países da comunidade. E as tensões políticas, que muitas vezes são carregadas dentro dos partidos políticos, ficam amenizadas no debate de um Parlamento integrado.

De forma que eu penso que é preciso haver maior interação do Parlamento Europeu com o Parlamento do Mercosul. E vou sugerir aos parlamentares do Mercosul que também tenham uma integração maior com o Parlamento Europeu. Certamente, teremos muito a aprender com a experiência acumulada de vocês.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Conferência Internacional sobre Biocombustíveis
Bruxelas-Bélgica, 05 de julho de 2007**

Com grande prazer participo da Conferência Internacional sobre Biocombustíveis, a convite de meu amigo Durão Barroso. Esta é a oportunidade para discutirmos respostas ao duplo desafio que o mundo hoje tem diante de si. Como garantir segurança energética sem causar desequilíbrios ambientais? Como reduzir padrões insustentáveis de consumo e, ao mesmo tempo, atender às aspirações de bem-estar e desenvolvimento? Estou convencido de que os biocombustíveis nos abrem uma oportunidade histórica para enfrentarmos esses dilemas, permitindo construir o mundo próspero, solidário e justo que almejamos.

A experiência brasileira – testada e aprovada ao longo de 30 anos – na pesquisa, produção e uso do etanol e do biodiesel tem ensinamentos. Conseguimos reduzir em 40% nosso consumo e nossa dependência de combustíveis fósseis importados. É importante lembrar que o Brasil é auto-suficiente em petróleo. Criaram-se mais de 6 milhões de postos de trabalho diretos e indiretos, inclusive para pequenos agricultores em regiões economicamente deprimidas. Houve importante geração de renda, evitando o êxodo rural e, com isso, reduzindo o crescimento anárquico de nossas cidades.

Toda a gasolina, hoje no Brasil, tem 25% de etanol. Mais de 85% dos carros atualmente produzidos em meu país são *flex-fuel*, comportando o uso alternativo de gasolina e etanol nas proporções que seus proprietários definirem. Os programas de biocombustíveis têm sido acompanhados de ações governamentais em defesa da biodiversidade: repressão ao desmatamento e à grilagem de terras, além da criação de 20 milhões de hectares em unidades de conservação. Juntamente com a concessão de terras para a exploração sustentável de madeira, esse conjunto de medidas permitiu reduzir em mais de 50%, nos últimos três anos, as taxas de desmatamento e, portanto, de emissão de gases de efeito estufa.

Estou seguro de que podemos repetir esses resultados em muitos países pobres e em desenvolvimento – sobretudo na África, América Central e

Caribe – com grande impacto na redução da pobreza e na proteção ambiental do mundo. Em todos os eventos internacionais de que participo, ouço que a mudança do clima deve ser combatida e que todos devemos fazer a parte que nos toca para a solução do problema. Desde o início do programa no Brasil, o emprego do álcool carburante reduziu em 640 milhões de toneladas as emissões de gás carbônico equivalente na atmosfera.

Os biocombustíveis são uma opção de baixo custo e comprovada eficiência na transição para uma economia baseada na baixa emissão de carbono. Ao reduzir essas emissões, os biocombustíveis afastam um grave dilema: adotar tecnologias de alto custo ou reduzir o ritmo de crescimento mundial. Essa opção é especialmente dramática para países pobres, que não dispõem de recursos para adotar tais tecnologias e, ao mesmo tempo, precisam urgentemente criar emprego, riqueza e renda. Os biocombustíveis contribuem diretamente para combater a fome e a miséria ao criar condições para um crescimento econômico sustentável.

A experiência brasileira mostra ser incorreta a oposição entre uma agricultura voltada para a produção de alimentos e outra para a produção de energia. A fome no meu país diminuiu no mesmo período em que aumentou o uso dos biocombustíveis. O plantio da cana-de-açúcar não comprometeu ou deslocou a produção de alimentos. Na realidade, o cultivo da cana no Brasil ocupa menos de 10% da área cultivada do País, ou seja, menos de 0,4% do território nacional. Essa área – é bom que se diga – fica muito distante da Amazônia, região que não se presta à cultura da cana.

Aqui, eu queria pedir a compreensão da intérprete para dizer uma coisa. Se a Amazônia fosse importante para plantar cana-de-açúcar, os portugueses que introduziram a cana-de-açúcar no Brasil, há tantos séculos, já o teriam feito na Amazônia. Portanto, eu quero agradecer mais uma vez à dupla portuguesa aqui, nesta mesa, e aos seus antepassados, por não terem utilizado a Amazônia para produzir álcool nem açúcar.

Um dado interessante é que, no estado de São Paulo, que é o estado mais importante do Brasil, que é o maior produtor de cana do Brasil, o aumento da produção foi acompanhado do incremento da produção agropecuária. Todos sabemos que não há escassez de alimentos no mundo, mas escassez de renda capaz de garantir o acesso das populações mais pobres ao que comer.

A falta de renda está diretamente vinculada aos vultosos subsídios agrícolas dos países ricos. Trata-se de desvio do comércio internacional que ameaça a produção de alimentos e de excedentes exportáveis pelos países pobres.

A agricultura de subsistência é abandonada e cristaliza-se a dependência de doações ou do consumo de produtos subsidiados dos países mais desenvolvidos. São essas e outras distorções, como as dificuldades de acesso ao mercado agrícola dos países desenvolvidos que estamos empenhados em eliminar nas negociações da Rodada de Doha.

A inclusão dos biocombustíveis na matriz energética internacional também ajudará a eliminar outro preocupante desequilíbrio: 20 países produzem energia para aproximadamente 200 países. Com a adoção dos biocombustíveis, mais de 100 países poderão produzir energia, democratizando seu acesso. Estaremos reduzindo as assimetrias e desigualdades entre países consumidores e produtores de energia e prevenindo potenciais conflitos derivados da competição por recursos energéticos finitos.

Senhoras e senhores,

Por todas essas razões, a solução está em incentivar o estabelecimento de um mercado internacional para o etanol e o biodiesel. Para tanto, é indispensável que os governos indiquem claramente ao setor privado sua decisão de fazer dos biocombustíveis um dos eixos prioritários de sua agenda energética e ambiental. Não podemos emitir sinais contraditórios. Os mesmos governos que reiteram seus compromissos com o desenvolvimento sustentável e com a redução do efeito estufa não podem criar empecilhos para que os biocombustíveis se transformem em *commodities* internacionais. Não podem gravar suas importações com pesadas alíquotas, que não aplicam ao petróleo.

A criação de um mercado para os biocombustíveis deve ser feita de modo responsável e sustentável. Por isso, estamos desenvolvendo o Programa Brasileiro de Certificação Técnica, Ambiental e Social dos biocombustíveis, que permitirá mostrar que toda a cadeia de produção dos biocombustíveis no País respeita critérios ambientais, sociais e trabalhistas, consagrados nas normas internacionais e na legislação brasileira e também exigidos pela sociedade.

Aí está a grande força dos programas brasileiros de biocombustíveis: eles fazem parte de uma estratégia integrada, centrada no desenvolvimento

sustentável do País em termos econômicos, sociais e ambientais. Espero contar com o apoio da comunidade internacional para estender essa iniciativa aos demais países produtores.

Também como parte do esforço em fazer dos biocombustíveis um pilar da matriz energética mundial, estamos trabalhando, juntamente com nossos parceiros do Foro Internacional de Biocombustíveis – África do Sul, China, Estados Unidos, Índia e União Européia –, para criar padrões e normas técnicas sobre o etanol e o biodiesel.

Ao mesmo tempo, o Brasil vem compartilhando sua experiência com países e regiões interessados em ingressar na revolução da biomassa. Temos dado especial ênfase à cooperação com países mais pobres da África e da América Latina.

Nesse mesmo intuito, o Brasil convocará uma Conferência Internacional sobre Biocombustíveis, em julho de 2008. Vamos congregarmos o maior número possível de países para debater todos os aspectos dessa questão. Não por acaso escolhemos o Rio de Janeiro como sede. Estamos dando seguimento ao trabalho da Conferência do Rio, de 1992, quando a comunidade internacional endossou o princípio do desenvolvimento sustentável e sinalizou uma mudança de paradigma no tratamento de questões ambientais. Desejo que a Conferência do Rio constitua um marco histórico de nosso compromisso em pôr os biocombustíveis no centro de nossa resposta coletiva a esses grandes desafios do século XXI.

Esta é a mensagem que trago hoje. Temos ao nosso alcance soluções técnicas e experiências amplamente testadas para a segurança energética, a mudança do clima e a eliminação da pobreza. O que não temos é tempo a perder diante de uma ameaça que se avoluma a cada dia.

Convido todos a formar uma parceria solidária para garantir que a humanidade possa prosperar como um todo, sem deixar ninguém para trás nem hipotecar o futuro das próximas gerações.

Meus amigos e minhas amigas,

Queria terminar dizendo a todos vocês que não estamos aqui escolhendo entre comida e energia, até porque a principal energia que precisamos é a comida, sem ela não poderemos produzir mais nenhuma outra energia. Segundo, é importante olhar para os biocombustíveis, não com um

olhar de um cidadão ou cidadã da Europa. É preciso olhar como um cidadão do mundo. É preciso olhar para o mapa do mundo não apenas com a lógica dos países desenvolvidos, onde as conquistas já foram feitas, onde a economia já está resolvida e, portanto, importar petróleo a 60 ou 70 dólares não tem nenhum problema. Olhem para os biocombustíveis enxergando o mapa do continente africano, o mapa da América do Sul e da América Latina. Olhem para outros países asiáticos que, em primeiro lugar, têm terra, têm sol, mas não conseguem plantar porque não têm financiamento e não têm acesso à tecnologia. Hoje, nós temos mais de 1 bilhão de seres humanos passando privações, que não conseguem consumir as calorias e as proteínas necessárias à sua sobrevivência.

Ao mesmo tempo, olhem para o mundo do combustível fóssil imaginando quantos países do Planeta têm petróleo, quantos países do Planeta têm tecnologia para fazer prospecção a 3, 4 mil metros de profundidade, para fazer uma plataforma de petróleo que custa, cada uma, mais de 1 bilhão de dólares. Certamente a maioria não tem.

Agora, olhem para o mundo e percebam que todos – do mais humilde país do Planeta Terra, do mais humilde ser humano vivo neste Planeta – têm tecnologia e conhecimento para cavar um pequeno buraco de 30 centímetros e plantar uma oleaginosa que pode produzir a energia que eles não conseguiram produzir no século XX.

É preciso que o olhar não seja ganancioso, é preciso que o olhar seja de solidariedade, é preciso que o olhar seja o de dar uma chance àqueles que não tiveram chance no século XX e que não podem perder mais o século XXI. Porque não é compatível com a nossa alma cristã e, muito menos, com a nossa alma de solidariedade, os ricos ficarem sempre mais ricos e os pobres continuarem cada vez mais pobres.

O Brasil quer fazer essa discussão da forma mais diplomática, mais didática e mais competente possível. Quero agradecer ao Durão Barroso esta oportunidade. Mas queremos fazer, em qualquer parte do mundo, os nossos empresários estão aqui, os nossos institutos de pesquisa estão aqui, os nossos especialistas estarão à disposição para viajar para qualquer parte do mundo para debater, do ponto de vista técnico, do ponto de vista científico e do ponto de vista econômico, esses temas.

Não há nenhuma possibilidade de que uma política feita com planejamento, uma política estudada com zoneamento agrícola, determinando as áreas que serão ocupadas por tipo de agricultura e por tipo de oleaginosa, não há nenhum problema de o mundo sofrer qualquer prejuízo. O que pode acontecer de mau, o que pode acontecer de ruim é que países africanos poderão conquistar a sua independência e a sua autonomia, quando os países mais ricos tiverem que comprar biodiesel deles para despoluir o Planeta, que os mais pobres não poluem e que são vítimas deles.

Quero dizer a vocês que nós, brasileiros – governo e sociedade brasileira – estaremos dispostos a fazer os debates com as ONGs, estaremos dispostos a fazer o debate com os especialistas do mundo inteiro, estaremos dispostos a fazer o debate com os governos, estaremos dispostos a fazer o debate na ONU. Queremos convencer e queremos ser convencidos.

O que nós não podemos é, de forma irresponsável, por falta de criatividade e por falta de ousadia, continuar poluindo o Planeta, comprometendo o futuro das novas gerações.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de encerramento do Seminário “Brasil e Europa: Fronteiras do Futuro”

Bruxelas-Bélgica, 05 de julho de 2007

Quero cumprimentar os empresários italianos, os empresários europeus,
Quero cumprimentar os ministros que me acompanham nesta viagem,
Quero cumprimentar os parlamentares,
Os intelectuais,

Quero cumprimentar, também, todos os membros que fazem parte desse complexo chamado União Européia,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero, inicialmente, agradecer aos organizadores deste importante seminário “Brasil e Europa: fronteiras do futuro”. É uma satisfação encerrar minha visita à União Européia participando deste diálogo entre governos, empresários e acadêmicos.

Quero, também, saudar meu amigo Massimo D’Alema, presidente honorário da Associação União Européia-Brasil, que sempre foi entusiasta da parceria estratégica que lançamos ontem em Lisboa.

A vontade de aproximar nossos países se beneficia de uma economia sólida no Brasil, que avança para realizar seu pleno potencial. Nosso País está colhendo os frutos de uma política econômica que anuncia um longo ciclo de crescimento sustentável. Temos hoje uma combinação virtuosa de crescimento, baixa taxa de inflação e forte incremento do comércio exterior, com a correspondente redução da vulnerabilidade externa.

O Brasil é hoje credor líquido no mercado internacional. Temos 150 bilhões de dólares de reservas, mesmo após saldarmos nossas dívidas com o FMI e com o Clube de Paris.

Paralelamente, o mercado interno se ampliou e há aumento do emprego. Aqui, quero dizer ao amigo D’Alema que neste primeiro semestre, nos primeiros cinco meses do ano, nós batemos recordes de geração de emprego

foram gerados 1 milhão de empregos com Carteira Profissional assinada, nos primeiros cinco meses do ano. Significa menos desempregados em sua Itália e mais investimentos da Itália no Brasil. A renda dos trabalhadores cresceu e houve significativa redução da pobreza e das desigualdades sociais.

Eu queria dizer a vocês que no Brasil nós aprendemos uma lição muito grande: não adianta um presidente da República viajar o mundo falando das suas desgraças, falando da sua pobreza, porque isso pode até gerar grandes aplausos, dependendo de qual público esteja assistindo, mas, certamente, gerará outros investimentos, porque a miséria não atrai investimento. O que atrai investimento é, na verdade, o crescimento, a distribuição de renda, a melhoria da educação e a responsabilidade e seriedade de quem está governando uma cidade, um estado ou um país.

E eu estou convencido de que o Brasil, que teve extraordinárias oportunidades no século XX, que muitas vezes jogou fora essas oportunidades, porque o sonho começava durante a campanha eleitoral e terminava depois das eleições. Nós descobrimos que o Brasil precisaria dar ao mundo uma demonstração de competência, de seriedade; uma demonstração ao mundo de que não era possível que a economia de outros países ficasse estável durante muito tempo e a nossa funcionasse como aqueles aparelhos que medem os batimentos cardíacos de um cidadão hipertenso. Ou seja, era preciso ter equilíbrio.

Hoje, nós quebramos algumas regras no Brasil. Durante o século passado inteiro, dizia-se no Brasil que não era possível crescer as exportações com o crescimento do mercado interno. Então, um matava o outro. No Brasil se dizia que não era possível crescer com inflação baixa. Qualquer demonstração de crescimento econômico significava um aumento da inflação. E nós estamos provando que é possível exportar e fortalecer o mercado interno, e que é possível crescer com a inflação controlada.

Isso me permite dizer que estamos vivendo senão o melhor momento porque, um tempo desses eu disse isso e foram pesquisar se o que eu dizia era verdade ou não, e foram procurar o presidente de 1902, para fazer comparação do tempo em que o Brasil só tinha café e nada mais, do tempo em que o Brasil ainda mandava lavar roupa em Paris, do grande ciclo da borracha no Brasil.

Pois bem, eu ousou dizer, meu caro amigo D'Alema, de que em toda a história da República brasileira, de 118 anos, não há nenhum momento econômico em que o Brasil ofereça tantos indicadores positivos como oferece agora. Poderíamos estar crescendo mais, dirão alguns. Mas, no momento em que o Brasil cresceu mais, a inflação não era de 3,7%, era de 23%, era de 40%, e chegou a 80% ao mês.

Esse momento econômico é que me permite vir à Europa e convidar aqueles que ainda não conhecem o Brasil a ir conhecer, aqueles que ainda não investiram no Brasil ou não construíram parcerias com empresários brasileiros que construam. Afinal de contas, parece que nós, Brasil e União Européia, estamos muito distantes um do outro, falamos línguas diferentes, mas desde 1500, os portugueses chegaram ao Brasil, os alemães chegaram em 1850, os italianos chegaram em 1875 – chegaram e ficaram todos – os japoneses chegaram em 1908, os espanhóis chegaram no começo do século XX. E nós esperamos que mais gente chegue ao nosso País. Os árabes, hoje, são 10 milhões – entre árabes e descendentes – que moram no Brasil e tem lá uma extraordinária comunidade judaica. Todos vivem em paz: lá não tem disputa, lá não tem guerra e lá não tem conflito. Os franceses não ficaram porque tentaram tomar o Brasil de Portugal e os holandeses também, não quiseram fazer acordo. Se tivesse a Rodada de Doha, poderíamos até (inaudível).

Bem, o que aconteceu é que essa mistura de europeus, africanos – os africanos chegaram, também, há trezentos anos mas não chegaram por vontade, chegaram por imposição do sistema que vigia naquele tempo – mas a mistura entre negros, índios e vários europeus que chegaram ao nosso País construiu esse povo que gosta de trabalhar, que gosta de samba, que gosta de carnaval, que gosta de jogar bola, mas que também, agora, aprendeu que o Brasil vai se transformar numa economia definitivamente desenvolvida e forte, porque é isso que o povo espera do nosso País.

O aumento dos negócios entre o Brasil e a Europa tem papel fundamental na consolidação deste novo ciclo de nossa economia. E este seminário é, certamente, palco privilegiado para a discussão das novas oportunidades de comércio e investimentos.

No meu segundo mandato, quero manter e ampliar as conquistas obtidas nos últimos anos. Mas quero, também, aproveitar todo o potencial de

crescimento do País em benefício de todo o povo brasileiro. Por isso, nós lançamos o PAC, que a Dilma já falou com vocês, e espero que ela tenha vendido bem essa idéia do PAC.

Mas eu queria – vou pular duas páginas, aqui, para não repetir coisas que certamente ela já falou – obviamente que 250 bilhões de dólares de investimentos para um país do tamanho do Brasil é pouco. Mas é importante lembrar que há duas décadas e meia não havia investimento em infraestrutura.

O que vocês assistem, na televisão brasileira, de criminalidade, de jovens praticando atos de delinqüência é o resultado de 30 anos de política em que a economia brasileira não crescia. Esses jovens têm 30 anos de idade, têm 28 anos de idade, 29 anos, portanto, eles são vítimas de modelos de desenvolvimento e de política econômica que preferiram privilegiar os ajustes fiscais, sem levar em conta que o maior ajuste que um país tem que fazer é com o seu próprio povo, é com a garantia da sobrevivência digna do ser humano, com alimento, com educação, com saúde e com emprego, coisa que durante muito tempo o nosso País não (inaudível).

O PAC – e aqui tem uns números importantes, que eu não sei se a Dilma especificou, se eu repetir, você faz um sinalzinho – mas são quase 3.500 quilômetros de ferrovias, são 4.700 quilômetros de gasoduto. Só a Petrobras terá o compromisso, até 2010, de investir o equivalente a 228 milhões de reais, o equivalente a 164 milhões de dólares. E isso tudo porque nós queremos recuperar o tempo perdido do não investimento em infra-estrutura. E se nós quisermos convencer vocês a fazerem investimentos no Brasil ou parcerias com empresas brasileiras, nós precisamos oferecer bons portos, boas estradas, boas ferrovias, bons profissionais com boa formação de escolaridade. Se não for assim, vocês poderão até ter gostado do PAC da Dilma, ou poderão ter gostado da minha palestra, mas vocês irão dizer: “Vamos investir em outro lugar que nos oferece mais condições”.

Nós sabemos definir o que é nossa responsabilidade. E, quando cumprimos a nossa responsabilidade, nós, então, sabemos pedir parceria, e convencer vocês, não com argumentos, mas com oportunidades de coisas concretas a serem praticadas no nosso País e no nosso continente.

Hoje, eu tive a oportunidade de inaugurar a Conferência Internacional de

Biocombustíveis. Aqui estou vendo gente da minha idade, gente talvez com um pouco mais de idade, mas muita gente nova. E eu quero dizer uma coisa, peço que vocês prestem atenção: não demorará 20 anos, o biocombustível se transformará numa matriz energética definitiva na área de combustível. Vamos ter resistências, vão ter aqueles que vão dizer: “Olha, os carros da Ferrari vão correr menos com biocombustíveis”. Outros vão dizer: “Vai diminuir a produção de alimentos”. Outro vai dizer: “Mas vai mexer na questão ambiental, porque vai mexer na Amazônia”. E, aqui, companheiro D’Alema, uma coisa importante: os portugueses introduziram a cana-de-açúcar no Brasil há quase 500 anos, e nunca chegaram perto da Amazônia, porque eles sabem que a Amazônia, pela sua situação climática, não permite o plantio de cana-de-açúcar.

Segundo, não haverá dúvida, nem antagonismo entre nós, se vamos plantar cana, oleaginosa ou comida. Até porque a colheita é a mais nobre da energia que nós precisamos para produzir a outra energia. Então, seria impensável que um país deixasse de plantar a comida do seu povo para garantir a segurança alimentar do seu povo, para produzir combustível.

Agora, o que me deixa extremamente feliz é que, com a cooperação da União Européia junto com a bem-sucedida experiência brasileira no campo (inaudível), nós poderemos avançar (inaudível).

Eu poderia perguntar, D’Alema, aos nossos queridos empresários, quantos países do mundo têm petróleo? Ou melhor, quantos países do mundo têm tecnologia para fazer prospecção de petróleo? Ou melhor, quantos países do mundo têm tecnologia para construir uma plataforma, que custa mais de 1 bilhão de dólares? Ou melhor, quantos países do mundo têm condições de fazer investimento? São poucos. E, hoje, apenas 20 países fornecem energia a 200 outros países.

Com o biodiesel e com os biocombustíveis, a possibilidade é de nós democratizarmos os fornecedores de biocombustíveis, pulando de 20 para 100 países que possam fornecer combustível para os bons carros italianos (inaudível). Aliás, uma vantagem para o Brasil: a Itália já aprovou o flex-fuel, o triflex e o quatriflex, ou seja, já tem carro a gasolina, carro a álcool, e a gás, tudo no mesmo carro, tudo no mesmo motor, em cima das mesmas quatro rodas. E eu sei que as pessoas vão resistir ainda, porque todo mundo tem medo de reforma, as pessoas só falam em reforma da Previdência, reforma

tributária, reforma trabalhista, mas as pessoas não falam em reforma na matriz energética, em reforma na questão do combustível. Nós estamos convencidos de que essa parceria União Européia e Brasil vai permitir que façamos experiências bem-sucedidas. Aliás, quero lembrar que em outubro vou à África lançar um programa de etanol em Angola.

Bem, nós estamos vivendo uma situação, porque o comércio do Brasil com a União Européia, em 2006, superou a casa dos 51 bilhões de dólares, o que representou mais de 22% do total do comércio brasileiro. Lógico que 52 bilhões de dólares parece muito, mas é pouco, pelo potencial econômico do Brasil e pelo potencial econômico da Itália.

Nós precisamos, no fundo, no fundo, é diversificar as nossas exportações – e isso vale para a União Européia e vale para o Brasil – para que a gente possa incluir produtos de maior valor agregado. Eu não estou, com isso, propondo um comércio de mão única, ou seja, em que só o Brasil tem que exportar, não. O Brasil tem que exportar, mas o Brasil também tem que importar a tecnologia que durante muito tempo vocês acumularam e que foi a razão pela qual vocês se transformaram em países desenvolvidos. Mas também é verdade que as importações brasileiras têm crescido, inclusive as importações da Europa, que cresceram 12% no ano passado.

As perspectivas promissoras que existem no Brasil para as empresas européias são maiores ainda, se considerarmos o processo de integração em curso no Mercosul e na União Sul-Americana de Nações. Estamos avançando em um processo ambicioso de integração física e energética.

O cronograma de construção de estradas, pontes e gasodutos vem exercendo forte efeito multiplicador sobre a economia. E ainda não fizemos a nossa primeira PPP, não conseguimos fazer. E queremos fazer, quem sabe, não sei se a Dilma falou na possibilidade de construirmos o famoso trem-bala que tanto queremos construir junto com (inaudível) ligando São Paulo ao Rio de Janeiro para que a gente possa chegar mais rápido a Copacabana e voltar mais rápido para o trabalho no dia seguinte.

Tem um pequeno problema. A Rodada de Doha não (inaudível) sucesso ainda. E eu quero dizer aos empresários italianos que eu tenho, no mínimo, 40 anos de experiência com negociações. Parece que eu sou novo mas, só parece. Eu aprendi a negociar em situação muito adversa e compreendo que a

Rodada de Doha está vivendo um momento de reflexão e de negociações.

Todos nós sabemos o que queremos. Todos nós sabemos que os Estados Unidos precisam reduzir os subsídios agrícolas internos, todos nós sabemos que a União Européia precisa flexibilizar o seu mercado agrícola para os países mais pobres, e todos nós sabemos que o G-20 precisa flexibilizar os produtos industriais e, também, o setor de serviços. Sabemos e temos números.

Por que parou a negociação? Porque, veja, não é possível. Os Estados Unidos, nos últimos 3 anos, investiram 15 bilhões em subsídios ao ano e, no último ano, 11 bilhões. No acordo, eles queriam colocar 17 bilhões. Ou seja, não quiseram nem colocar a média dos últimos 3 anos e, numa utopia, aumentar para 17. A União Européia – é um direito dela – não queria flexibilizar o tanto que nós queríamos no mercado agrícola, e nós, obviamente, que não queremos flexibilizar os produtos industriais, porque isso tem que ter uma compensação.

Eu digo sempre o seguinte: o bom acordo é aquele em que todos vão tomar a cerveja, depois, achando que ganharam. Todos têm que sair satisfeitos com o acordo. Ou seja, por que um homem e uma mulher casam? Porque os dois estão convencidos de que vai ser um sucesso o casamento, não é isso? Ou seja, acordo comercial também é assim: a União Européia tem que sair pensando que ganhou, o Brasil pensando que ganhou, o G-20 pensando que ganhou, os Estados Unidos pensando que ganharam. Se o resultado de tudo isso for os Estados Unidos não ganharem nada, o Brasil não ganhar nada e a União Européia não ganhar nada, mas os países mais pobres ganharem alguma coisa, já valeu a pena ter feito o acordo. Senão, vamos continuar discutindo entre nós o que fazer. Eu sou otimista, D'Alema. Estou mais otimista do que nunca, estou extremamente otimista. E vou trabalhar aqui, com meu amigo Celso Amorim, para que a gente possa fazer com que haja o acordo.

Volto para o Brasil extremamente satisfeito com a determinação e a criação da parceria estratégica com a União Européia. Eu realizei a Cimeira ontem, em Lisboa, que foi uma coisa extremamente importante. E eu quero dizer a vocês que nós continuaremos a acreditar que não existe nenhuma possibilidade de um país progredir se a gente não acreditar no fortalecimento das instituições democráticas, se nós não acreditarmos que um país só cresce

quando está em paz, interna e externa. E o Brasil está com toda a disposição de, junto com vocês, discutir não apenas os problemas nossos, mas discutir os problemas que possam interferir no fortalecimento do multilateralismo, no fortalecimento dos países que ainda não conseguiram chegar a um grau de desenvolvimento aceitável.

O Brasil tem compromissos, tem responsabilidades. Nós sabemos o que temos que fazer, que depende só de nós. Não adianta eu pedir para os italianos me ajudarem a investir na educação, não adianta eu pedir para os italianos me ajudarem a investir na segurança pública, não adianta eu pedir aos italiano que façam aquilo que é a nossa obrigação.

Portanto, nós iremos cumprir os nossos deveres, e espero que vocês continuem (inaudível). E olhe que o Brasil está tão próspero, que qualquer investidor italiano poderá desembarcar nos aeroportos brasileiros (inaudível), para fazer bons negócios, porque o que não falta são boas oportunidades.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) nas áreas de saneamento e urbanização no estado da Bahia

Salvador-Bahia, 12 de julho de 2007

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Minha querida companheira Maria de Fátima, primeira-dama,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República,

Meus companheiros ministros de Estado Waldir Pires, da Defesa; Geddel Vieira, da Integração, e Márcio Fortes, das Cidades,

Meu caro Edmundo Pereira Santos, vice-governador da Bahia,

Meu caro Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

Desembargador Benito Figueiredo, presidente do Tribunal de Justiça,

Meu caro companheiro João Henrique de Barradas Carneiro, prefeito de Salvador,

Senador João Durval,

Deputados federais Colbert Martins, Daniel Almeida, Guilherme Menezes, João Carlos Bacelar, José Rocha, Joseph Bandeira, Luiz Bassuma, Maurício Trindade, Nelson Pelegriño, Roberto Britto e Sérgio Barradas,

Companheiro Zezéu Ribeiro, coordenador da Bancada do Nordeste,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Minha querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meus queridos prefeitos da região metropolitana e de todo o estado da Bahia, Saulo Pedrosa de Almeida, de Barreiras; Fernando Antônio da Silva Pereira, de Cachoeira; Luiz Carlos Caetano, de Camaçari; Maria Célia de Jesus Magalhães, de Candeias; Orlando Peixoto Pereira Filho, de Cruz das Almas; José Ronaldo de Carvalho, de Feira de Santana; Valderico Luz dos Reis, de Ilhéus; Fernando Gomes de Oliveira, de Itabuna; Cláudio da Silva

Neves, de Itaparica; Misael Aguilár da Silva Júnior, de Juazeiro; Moema Gramacho, de Lauro de Freitas; Erenita de Brito, de Madre de Deus; Sílvio José Santana Santos, de Maragogipe; Roque Luiz Dias dos Santos, de Muritiba; João Roberto Pereira de Melo, de Santo Amaro; Humberto Augusto Rodrigues Alves, de São Félix; Antônio Pascoal Batistan, de São Francisco do Conde; Edson Almeida de Jesus, de Simões Filho; Nicandro Macedo, de Vera Cruz; José Raimundo Fontes, de Vitória da Conquista,

Demais prefeitos municipais,

Secretários de Estado aqui, da Bahia,

Secretários municipais,

Meus companheiros vereadores,

Companheiros representantes das federações de moradores aqui da Bahia,

Meus amigos da imprensa,

Meus companheiros e companheiras – tem tanto nome aqui para eu falar, que se eu falar, não vou conseguir fazer meu discurso,

Mas queria cumprimentar o Fernando Romão, da Central de Movimento Popular,

Querida cumprimentar a Maria José da Silva, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia,

Querida cumprimentar o Sérgio Bulcão, dirigente da União Nacional por Moradia Popular,

Querida cumprimentar o Ramiro Pedro Cora, dirigente da Confederação Nacional de Associações de Moradores,

Querida cumprimentar todos vocês,

E, agora, vou falar do PAC. Bem, é importante compreender que o PAC, na verdade, envolve um investimento de 504 bilhões de reais até 2010. O que nós estamos fazendo aqui, hoje, é apenas anunciando o PAC Saneamento Básico e Habitação, em que nós temos R\$ 106 bilhões para habitação e R\$ 40 bilhões para saneamento básico. Esse PAC, ele pressupõe estradas, portos, aeroportos, ferrovias, gasodutos, navios. Ele pressupõe o maior investimento já feito de forma planejada, nas últimas décadas, no nosso País.

Então, nós vamos voltar à Bahia, Wagner, para apresentar as outras

coisas do PAC. Por enquanto, nós estamos cuidando do saneamento básico. E por que estamos cuidando primeiro do saneamento básico? Primeiro, porque nós temos clareza de que no Brasil, historicamente, nunca se gostou de investir em saneamento básico. Saneamento básico não é uma obra que as pessoas gostam de fazer, porque quando você enterra um cano ou uma manilha, ela fica embaixo da terra e você não tem como colocar o nome de um parente para homenagear, como você faz numa ponte. Então, muitas vezes, no Brasil, houve uma indução a não se investir em saneamento básico.

Se vocês prestarem atenção, e os prefeitos devem acompanhar isso muito bem, de 1998 a 2001 não se investiu praticamente nada em saneamento básico no Brasil. Muitas vezes – e é importante os prefeitos atentarem para isso – o governo federal anunciava uma quantidade de dinheiro que estava disponibilizado para saneamento básico e, no final do ano, todo aquele dinheiro que estava anunciado não era utilizado. Por que não era utilizado? Não era utilizado, primeiro, porque o governo tinha uma coisa chamada “fila burra”. Essa fila burra foi inventada para que o governo não liberasse dinheiro, ou seja, se inscreviam todos os prefeitos para receber dinheiro, só que não havia uma aferição anterior para saber qual o prefeito que tinha projeto ou não. Então, se um prefeito de Salvador se inscrevesse e não tivesse direito porque o projeto dele não estava correto, porque ele estava inadimplente com o governo federal, o que acontecia? Se atrás do prefeito de Salvador tivesse um outro prefeito com tudo certinho para pegar o dinheiro, ele não conseguia pegar, porque o prefeito de Salvador não saía da fila. Foi a forma que o Tesouro Nacional encontrou de anunciar dinheiro e não liberar, para poder garantir o superávit primário neste País.

Então, nós tivemos que, primeiro, acabar com a fila burra. Ou seja, se o cidadão não tem direito, nós temos que dizer logo que ele não tem direito, mandá-lo fazer o projeto correto, com a papelada correta, e fazer entrar no lugar o segundo. Se o segundo não tiver, entra o terceiro, porque nós anunciamos o dinheiro e queremos liberar o dinheiro.

Eu queria pedir ao companheiro Jaques Wagner que é preciso constituir o Conselho Gestor do seu governo, que as prefeituras constituam os Conselhos Gestores municipais para que essas obras comecem a andar. Eu quero que vocês comecem a imaginar o que será da Bahia a partir de 3 ou 4

meses, quando esse R\$ 1 bilhão, 369 milhões começarem a aparecer, na forma de máquinas trabalhando, homens trabalhando, ou seja, a movimentação de dinheiro vai gerar emprego, que vai distribuir renda. É isso que nós precisamos fazer acontecer.

Uma outra coisa extremamente importante para os companheiros: nós fizemos um critério de justiça. O critério não é político-partidário, o critério não é político-religioso e o critério também não é político-futebolístico. Ou seja, o critério que nós escolhemos é o seguinte: os mais graves problemas sociais deste País estão nas grandes cidades brasileiras, sobretudo nas regiões metropolitanas.

Se o cidadão mora numa cidade pequena, e ele não tem esgotamento sanitário, ele ainda tem uma moitinha. Mas se ele mora numa grande metrópole, ele está morando em barracos 2 por 2, dividindo o metro quadrado com baratas, com ratos, com córregos, com encosta de morro, e a condição de vida dele vira um inferno. E ele estará muito mais próximo, pelo descrédito, pela perda da fé, pela perda da esperança e, não acreditando mais em nada, ele está muito mais próximo a achar que o crime organizado, que a bandidagem, que o narcotráfico podem ser o caminho que ele tem que seguir.

Então, nós queremos, com esse programa, não apenas levar água e coletar esgoto. É preciso que nas grandes favelas deste País – e aqui, na Bahia, vocês não chamam de favela, chamam de invasão, de ocupação, ou coisa parecida – é preciso que chegue a água, o esgoto, mas chegue também o posto médico, chegue também a escola, chegue também o centro de cultura, chegue o centro de lazer, para as pessoas sentirem que o Estado está presente. Porque se o Estado não está presente, cumprindo as suas funções constitucionais, o povo não tem por que acreditar mais em nada. Daí, o povo começa a dizer: “Não vale a pena votar em beltrano, não vale a pena votar em cicrano, é todo mundo a mesma coisa, ninguém presta”. E um setor da política brasileira gosta que o povo pense assim.

E, aí, eu queria chamar a atenção de vocês, antes de continuar no PAC. O companheiro Wagner tem seis meses de governo, já pegou uma greve de 58 dias. Vocês sabem que eu jamais serei contra a greve, porque fiz a primeira greve, depois do regime militar, e a greve me colocou numa situação... Agora, é preciso que a greve não perca a racionalidade. As pessoas não podem

querer que alguém que só tem seis meses de governo, que está ainda montando a máquina, seja obrigado a ter condições de recuperar os prejuízos que as pessoas deixaram durante anos, quando a direita governava este estado, este município e este País.

A forma mais inteligente, primeiro, é descobrir que tem um governador que também foi grevista e foi sindicalista dos bons. Segundo, é melhor sentar e estabelecer uma programação para que a gente possa melhorar o salário das pessoas, e isso jamais poderá ser feito de uma só vez, porque se for assim fica uma coisa muito complicada. Aí não tem diferença se é a direita ou se é a esquerda que está governando, se é um homem do bem ou um homem do mal, nós tratamos todos em igualdade de condições.

É preciso que a gente ajude a construir um novo padrão de relação entre o Estado e a sociedade. O povo estava acostumado com o Estado, quando fazia greve, em que o primeiro a enfrentar era a polícia. Agora, não, agora é uma mesa de negociação. Vamos sentar e vamos conversar. Vamos construir uma outra relação nesse Estado, uma relação democrática em que as pessoas passam a se gostar mesmo na diversidade, passam a se respeitar mesmo na diversidade. É preciso que a gente estabeleça esse padrão, porque senão, ao terminar o nosso mandato, a gente vai medir o que aconteceu e ficou a mesma coisa: todo mundo é tratado como se fosse inimigo, todo mundo é tratado como se fosse a mesma coisa.

Eu lembro de governadores que ganharam as eleições prometendo dar 30% de aumento, até hoje, já faz 10 anos, não deram. E pessoas boas, que por serem honestas, diziam que não podiam dar, perderam as eleições. Então, quando a irracionalidade toma conta da cabeça do ser humano, ele prefere acreditar numa grande mentira do que acreditar numa grande verdade. É melhor a gente acreditar na verdade, mesmo quando ela dói, ou mesmo quando ela é contra a gente, do que acreditar numa mentira quando é favorável e nunca vai acontecer.

A única coisa que eu peço é que as pessoas aproveitem essa oportunidade histórica. Vocês tiveram essa oportunidade em 1986, com a maior vitória que um político já teve aqui, que foi o Waldir Pires. Não vamos discutir o que aconteceu. Mas o dado concreto é que nesses 30 anos vocês governaram apenas dois anos e quatro meses, o restante, quem governou foi a

direita deste estado. Agora, vocês deram outra chance a vocês mesmos, elegeram um homem do meio de vocês, com a cara de vocês, com a cultura de vocês. Não joguem fora, tentando querer que ele faça em seis meses o que não foi feito em 20 ou 30 anos neste estado. Ajudem a construir a Bahia do sonho de vocês, ajudem a construir a Bahia de Todos os Santos.

E a você, Caetano, que está meio desanimado, eu quero dizer: “Não abaixe a cabeça não, meu filho. Não abaixe a cabeça não, levante a cabeça e lute, porque o jogo é duro”. A política no Brasil é assim, ela é dura. Aqueles que perdem querem se vingar o tempo inteiro daqueles que ganharam, e aqueles que perdem costumam começar a cobrar de quem ganha o que eles não fizeram. Só que eles não sabem que eu já estou calejado para enfrentar isso. Essas costas aqui têm muita chibatada e ficaram cascudas.

E eu aprendi uma coisa importante, gente. Wagner, um conselho de companheiro: brigue com quem você quiser brigar, mas não perca nunca a sua referência, que é esse povo mais humilde que o elege e que põe a gente. A gente tem que governar para todos, não tem que haver discriminação e tem que governar para a totalidade das pessoas. Mas a gente tem que ser que nem mãe, Wagner, e não que nem pai: a mãe não comete erros. Uma mãe pode ter dez filhos e ela vai sempre cuidar daquele que está mais fragilizado, daquele que está mais dengozinho, daquele que está mais necessitado. Os outros que estão bons podem chorar, mas ela vai cuidar daquele que precisa de cuidado. O governador não tem que governar, ele tem que cuidar do povo, dos mais pobres, das ruas e da economia do estado, porque no fundo, no fundo, Wagner, é por isso que vale a pena a gente governar.

E o PAC é um bom começo para a Bahia: R\$ 1 bilhão e 400 milhões de reais para investir em coisas importantes. As cidades escolhidas – vocês viram aqui – são as que têm maiores problemas de esgotamento sanitário e de tratamento de água potável. São palafitas, são pessoas que moram em regiões mais degradantes, mas não é apenas a região metropolitana. Vocês viram a Dilma falar do FNHIS, que vai atender programas de até R\$ 10 milhões em qualquer cidade, de qualquer tamanho. Mas vocês ouviram falar também do PAC Funasa. No PAC Funasa, Luís Alberto, são R\$ 4 bilhões, e desses R\$ 4 bilhões, nós vamos priorizar quatro coisas: a primeira é que nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável a 90% das comunidades indígenas deste

País. Segundo, nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável para 50% das comunidades quilombolas deste País. Terceiro, nós vamos priorizar as cidades com até 50 mil habitantes e entre elas vamos escolher aquelas que têm maior incidência de doença de Chagas para que a gente possa extirpar essa doença do nosso País. E no Norte do País, vamos priorizar as cidades que têm maior incidência de malária para a gente também poder combatê-la. Quando a gente tiver feito isso, eu tenho certeza de que o Ministro da Saúde e o Secretário de Saúde da Bahia vão agradecer, porque investir na qualidade da água, investir na coleta de esgoto significa investir numa coisa chamada saúde do povo brasileiro, saúde da criança brasileira.

Pois bem, meus companheiros, eu queria que vocês compreendessem uma coisa. Tem muita coisa para acontecer na Bahia, muita coisa, Wagner, não se “avexe”. Não se incomode quando os seus adversários escreverem no jornal deles “O Lula é amigo do Wagner, mas não traz dinheiro para cá”, não se “avexe”, não perca o sono, porque no governo deles eu trouxe, e se eu trouxe para o deles, muito mais eu vou trazer para o seu governo, muito mais. Esses dias, um grande jornal brasileiro fez uma manchete dizendo que o PAC privilegiava prefeituras do PT, só que esqueceram de dizer que aquelas prefeituras do PT eram de um estado que recebeu quase R\$ 8 bilhões, governado pelo PSDB. Só que esqueceram de dizer que era o segundo estado do País governado pelo PSDB, porque o presidente da República não escolhe o partido quando ele vai ajudar a cidade e muito menos interfere no resultado eleitoral. Quando nós queremos fazer investimento em uma cidade, a gente não investe por causa do prefeito, a gente investe por causa das necessidades do povo daquela cidade. O Geraldo, que foi prefeito de Itabuna, disputando com o atual prefeito, receberia a mesma coisa que o Fernando Gomes está recebendo hoje, sem nenhuma discriminação. Porque o cidadão de Itabuna que votou contra o Geraldo e favorável ao Fernando Gomes é tão importante quanto aqueles que votaram no nosso companheiro Geraldo contra o Fernando, porque nós temos que aprender a respeitar a diversidade política neste País. Nós temos que aprender a respeitar aqueles que votam a favor e aqueles que votam contra.

O PAC é muito mais do que isso e só pode ser feito porque estamos vivendo um momento singular no nosso País. Eu digo sempre – aqui deve ter

muito economista da Universidade Federal da Bahia, aliás, a Bahia, que nos deu o grande companheiro José Sérgio Gabrielli, que é o presidente da nossa Petrobras, e aqui está o nosso querido Luciano Coutinho, presidente do BNDES, um dos grandes economistas deste País, estou vendo aqui dirigentes sindicais – e poderia dizer para vocês: há poucos momentos, na história do Brasil, em que a gente teve a chance de viver o momento que estamos vivendo.

Veja, a economia está totalmente equilibrada, a economia está crescendo, a massa salarial está crescendo, a renda dos pobres, por todas as pesquisas, seja da PNAD, do IBGE, está crescendo. Ao mesmo tempo, a inflação está controlada. Não devemos nada ao FMI, que nem põe mais os pés aqui. Não devemos mais ao Clube de Paris. Antigamente, a gente tinha que sair todo dia correndo para Washington, para conseguir pegar uns dólares. Hoje nós temos quase 160 bilhões de dólares de reserva neste País. Nós crescemos as exportações a cada dia. Nesse primeiro semestre, meu caro Nelson, nós geramos 1 milhão de empregos com Carteira Profissional assinada. É pouco, diante do que nós precisamos, mas a gente não pode apenas comparar os números com o sonho, a gente tem que comparar o que aconteceu neste País com os últimos 10 anos.

Portanto, o Brasil está preparado e o PAC só pôde acontecer por isso, porque a Casa está arrumada, os móveis estão no lugar, a comida está esquentando no fogão, o povo não pode mais viver aquele momento de baixa estima, em que nada ia dar certo, em que tudo dava errado. Nós temos que acreditar que o Brasil, hoje, não depende mais do estrangeiro, não depende mais do FMI. O Brasil, hoje, depende apenas da nossa capacidade, depende apenas de nós, brasileiros, dos prefeitos das cidades, do governador do estado e do presidente da República. É por isso que nós começamos a tratar o povo da forma que nós entendemos que o povo precisa ser tratado. Esse PAC é apenas a primeira experiência, é apenas a grande primeira experiência de um modelo de desenvolvimento que nós queremos fazer.

O Wagner estava falando do Luz para Todos, e eu queria contar uma história para vocês. O planeta Terra tem, se você pudesse medir o planeta Terra, ele tem 40 mil quilômetros. Se você medir toda a circunferência, são 40 mil quilômetros. O programa Luz para Todos, Wagner, até agora já utilizou

quase 500 mil quilômetros de cabos. Portanto, nós já colocamos de fio, neste País, uma quantidade que daria para enrolar a Terra quase 12 vezes. Nós já colocamos quase 3 milhões de postes, já colocamos quase 400 mil transformadores e, por conta disso, já se comprou mais de 480 mil televisores, geladeiras, liquidificadores. E nós vamos continuar fazendo, porque a nossa meta, até o ano que vem, é chegar a 12 milhões de pessoas atendidas com o Programa Luz para Todos. E eu sei que não vai acabar, porque tem mais gente pobre construindo mais casas, e nós vamos ter que levar lá.

Sabe quanto custa uma ligação na Amazônia? Cinco mil reais. Sabe o que são 5 mil reais, Nelson? Dois mil e quinhentos dólares. E nós fazemos de graça, o cidadão não paga nada, e ainda colocamos três bicos de luz e colocamos três pontos para ligar a geladeira, rádio, e outras coisas mais. E, se vacilar, a gente manda uma musiquinha educando as pessoas a como utilizar a energia corretamente. E nós fazemos isso sem abrir mão de que tem outras coisas para fazer.

O investimento que nós vamos fazer na educação, agora, com o Programa de Desenvolvimento da Educação, será uma revolução na educação brasileira. E no governo acabou aquele conceito de que vamos gastar com a educação. Nós não vamos gastar com a educação, nós vamos investir no futuro deste País, vamos investir nas nossas crianças, nos nossos adolescentes, na nossa juventude, no nosso educador, nos nossos cientistas. É preciso que a gente assuma a responsabilidade de fazer com que o Brasil não jogue fora a oportunidade que jogou fora no século XX e que a gente se transforme, definitivamente, numa grande economia.

Ao prefeito João Henrique, aos prefeitos das cidades da região metropolitana, ao governador Jaques Wagner, e aos companheiros de Salvador e da Bahia, eu queria dizer o seguinte: meus companheiros, chegou o momento em que a gente precisa colocar o desânimo embaixo do tapete ou jogar fora. Não há mais espaço, Wagner, para a gente desanimar. Eu queria te dar um conselho que eu aprendi, e você viveu comigo isso: quando você levantar, porque tem dia que a gente levanta de manhã achando que não vale a pena viver, Wagner, eu sei que você estava chateado porque você foi no “Dois de Julho” e os professores te vaiaram, eu sei que gente fica chateado. Eu fico chateado, Walmir, quando os companheiros reivindicam a reforma agrária

– eu acho justa a reivindicação –, mas não reconhecem o que nós já fizemos. Eu acho que a gente precisa fazer um balanço: eu quero mais, mas eu tenho que reconhecer o que já aconteceu. Porque senão, eu não politizo a coisa, senão, eu aposto na desinformação.

Eu queria te dizer, companheiro Wagner, quando você levantar “acabrunhado”, tem dia que a gente levanta “acabrunhado”, levanta esmorecido com uma crítica no jornal. Não leia jornal de manhã, viu, tome café primeiro, vá trabalhar e, quando o sangue tiver quente, você pode ler o jornal. Depois, não se preocupe, Wagner, em ler notícia ruim, porque notícia ruim você vai ouvir do motorista, quando chegar no Palácio, você vai abrir a porta e já tem um cara para te dar notícia ruim, porque eu não sei como tem tanta gente que gosta de dar notícia ruim. Um outro conselho que eu queria te dar, Wagner, é que não permita que nenhum assessor te ligue depois das 10 horas da noite para te dar notícia ruim: “Wagner, vai sair no jornal uma matéria contra você”. Deixa isso aí. Não perca uma noite de sono por isso, meu Deus do céu. Não fique com azia, porque isso mata. Você precisa estar tranqüilo para governar, maduro.

Então, quando você estiver “aperreado”, me ligue. Se eu não puder lhe ajudar, pelo menos notícia ruim também não vou lhe dar. Não tem coisa pior. Um dia me liga uma companheira às 3 horas da manhã dizendo que tinha morrido um companheiro. Ela acabou de dizer “morreu um companheiro”, e eu falei: e daí? O que eu vou fazer às 3 horas da manhã? Eu vou ter que esperar chegar às 8 horas, porque não me avisou às 7 horas? Aí eu fiquei sem dormir até as 8 horas. Então, Wagner, quando você estiver assim, sempre me ligue, que haverá um bom conselho. Agora, quando o meu conselho também não prestar, saia andando pela rua e comece a perguntar para o povo as coisas pois, certamente, na sabedoria anônima do povo brasileiro, ele vai saber dizer as coisas boas que você precisa fazer para este estado, para esta cidade e para este País.

Meus queridos companheiros, quero comunicar a vocês que a dívida do cacau vai ser prorrogada até dezembro. Mas eu não me contento com isso, porque esse negócio do cacau, vira e mexe, é que nem sarna: resolve um ano, no outro ano dá problema. Nós precisamos, companheiro Wagner, resolver definitivamente esse negócio do cacau. Nós vamos sentar para discutir e vamos tentar resolver esse negócio definitivamente, da mesma forma que

vamos terminar o projeto Salitre, lá em Juazeiro, para que a gente comece a produzir de verdade, e vamos também terminar o Baixio de Irecê. Esses dois projetos de irrigação são de extrema importância para a Bahia e nós vamos terminá-los, Walmir, para você perceber que a agricultura agora vai “bombar” também na pequena propriedade, na média propriedade e na agricultura familiar.

No mais, meus companheiros, podem ficar certos de que eu voltarei muitas vezes à Bahia. Eu espero que o Wagner não me chame aqui só para trabalhar e para pedir dinheiro, mas me chame também para descansar uns dias.

Um abraço e que Deus abençoe todos vocês.

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 22ª Reunião Ordinária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social - CDES

Palácio do Planalto, 17 de julho de 2007

Na última reunião do Conselho eu tinha prometido que ia assistir a toda a reunião. Acontece que justamente hoje chega o Príncipe das Astúrias ao Brasil e eu tenho um compromisso com ele a partir do meio-dia e não posso ficar nem mais um minuto com vocês, como já dizia Adoniran Barbosa.

Companheiro Walfrido,

Meu caro Dimitris Dimitriadis, presidente do Comitê Econômico e Social Europeu,

Convidados italianos,

Convidados do Comitê Econômico e Social Europeu,

Meu caro Chacho Álvarez, nosso grande comandante do Mercosul,

Meus amigos conselheiros brasileiros,

Empresários,

Dirigentes Sindicais,

Eu queria, sobretudo, enaltecer aqui a presença do João Paulo Reis Velloso e do Delfim Neto, porque depois de tantos anos na política, poderiam não ter disposição de participar de mais uma discussão de tantas que participaram, umas melhores, outras iguais, outras piores mas, de qualquer forma, o interesse de vocês pelo debate econômico e político é uma coisa gratificante em função até do que disse o companheiro Oded Grajew, do desestímulo que muitas vezes nós vemos na juventude brasileira, de participar da vida política.

Eu tinha um discurso escrito, mas resolvi não fazer o discurso, porque eu queria ter uma conversa com vocês.

Eu estive na semana passada, retrasada, na verdade, em Portugal, em Lisboa, onde firmamos o compromisso da parceria estratégica entre a União Européia e o Brasil. É importante lembrar que antes dessa parceria estratégica,

a União Européia só tinha parceria estratégica com a Índia, com a Rússia e com a China, se não me falha a memória. E isso é muito importante porque é um passo para que a gente possa, aperfeiçoando as nossas relações, fazer com que haja essa parceria estratégica entre União Européia e o Mercosul, que é o nosso segundo passo.

A segunda coisa foi a minha ida a Bruxelas para discutir a questão dos biocombustíveis. E aqui eu queria, Walfrido, dar os parabéns pelo fato de vocês terem criado esse grupo de trabalho e dizer, Artur, que na coordenação de um grupo de trabalho dessa magnitude é preciso que se junte o que há de melhor no Brasil, porque esse será um acontecimento inexorável. Podem chorar, podem brigar, podem contestar, podem contar mentiras contra o Brasil, podem inventar o que quiserem, será inexorável. Nos próximos 20 anos os biocombustíveis serão uma realidade no planeta Terra. Não que isso vá acabar com o petróleo, pelo contrário, também não queremos acabar, até porque o Brasil investe cada vez mais para ser auto-suficiente, é por isso que a Petrobras investe tanto. Mas o que nós queremos é mostrar que a utilização do biodiesel é a forma mais eficaz para diminuir a emissão de CO₂.

Eu disse lá em Bruxelas que era preciso, e a indústria automobilística pode contribuir, o Miguel Jorge já está trabalhando nisso, se a gente for fazer uma comparação entre os avanços tecnológicos do euro 3 para o euro 4, ou do euro 4 para o euro 5, o que significa o encarecimento do produto para o consumidor e o que significa cada engenharia dessas, que aumenta o preço do caminhão em 15%, em 10%, e diminui apenas 3% do CO₂, é preciso que a gente compare o que significa a diminuição de CO₂, introduzindo 10% de etanol na gasolina ou 10% de biodiesel no óleo diesel no mundo inteiro. Eu não tenho dúvida nenhuma de que é a forma mais eficaz, a forma mais prudente, economicamente mais correta, ambientalmente mais correta, e como distribuição de riqueza e de renda, é a mais correta.

Portanto, eu acho Artur, que você está com um bom “pepino” na sua mão para discutir. E aí vai ter que discutir a questão da propriedade no Brasil, se as pessoas vão poder comprar as nossas terras ou se essas terras vão ter que ficar nas mãos de brasileiros. É preciso, Márcio, toda uma discussão, como disse o ex-ministro João Paulo Reis Velloso, é preciso ter uma estratégia para que a gente se consolide não apenas pelo *status* de termos sido pioneiros, e

manter, não o *status* de pioneiro, mas o *status* de deter a estratégia correta para que a gente possa não apenas ajudar o Brasil, mas ajudar os países em desenvolvimento, ajudar os países africanos e, obviamente, contribuir com o Planeta. Eu acho que essa é uma coisa extraordinária.

Quais são os problemas que têm sido levantados contra o Brasil? O primeiro é um problema de alimentos, ou seja, nós, na hora em que estivermos produzindo biodiesel, vamos causar problemas de alimentos no mundo. É importante só lembrar que esses 850 milhões de seres humanos que passam fome hoje, não é pela inexistência de alimentos, é pela inexistência de renda para comprar os alimentos. Até porque hoje nós estamos produzindo cada vez mais em menos hectares. Obviamente que um país com as qualidades do Brasil não vai produzir etanol de milho, mas nós vamos ver que os produtores de milho no Brasil estão satisfeitos, porque quando o Bush produz lá, eles já estão vendendo a produção de 2009 e fazendo *hedge* com a venda do milho antecipada. Obviamente nós sabemos que o aumento do preço do milho implica o aumento do preço da ração, conseqüentemente implica o preço da carne e o preço de determinados produtos, e nós vamos ter que cuidar disso com muito carinho. Mas não é o caso do Brasil, até porque dos 440 milhões de hectares de terras que nós temos disponíveis, a cana ocupa hoje apenas 1%, ou seja, não tem nenhum sentido essa discussão. E eu dizia lá em Bruxelas que os portugueses eram tão inteligentes que trouxeram a cana para cá há 470 anos e não foram para a Amazônia, porque sabiam que o solo e o tipo de umidade que tem na Amazônia não permitem que se produza cana-de-açúcar como se produz em São Paulo, como se produz no Centro-Oeste brasileiro. Então, essa é uma discussão que vamos ter que fazer. Eu queria alertar vocês, a coisa mais fantástica é ver um ex-ministro falando, porque muitas vezes a gente fala com a experiência de um lado e isso parece uma moeda de um lado só, mas a moeda tem que ter cara e coroa. Então, é importante a gente estar dos dois lados para saber quantas coisas equivocadas a gente fala por falta de informação.

Eu, Artur, pego a minha experiência de 20 anos no movimento sindical, e fico olhando a quantidade de coisas que eu falei e falava porque era moda falar, mas que não tinham substância para sustentar na hora em que você pega no concreto. Na hora em que você entra no “pão-pão, queijo-queijo” tem

uma diferença, e tem determinadas coisas que não podem ser um debate eminentemente ideológico, ele é real. Hoje nós poderíamos discutir que os produtores de cana-de-açúcar vão ter que sentar com o governo e com os trabalhadores para discutir a humanização do trabalho no campo, e discutir com muito carinho, sabem por quê? Porque para os empresários fica mais fácil mandar os trabalhadores embora e comprar máquinas. E cada uma dessas máquinas vai dispensar, não é Manoel, 90 trabalhadores. E eles estarão atendendo a um apelo daqueles que são contra o trabalho não-humanizado e estão deixando os trabalhadores na rua da amargura. É aí que entra o papel do movimento sindical, do governo e dos empresários. Como é que a gente vai encontrar um denominador comum para não permitir que, nesse momento de ouro que vive a questão do etanol e do biocombustível no mundo, a gente aproveite para aperfeiçoar aquilo que nasceu quase que no sufoco, em 1975.

Esse é um desafio que está colocado para nós. Esse debate sobre biocombustíveis é uma coisa extremamente séria, e eu estou pensando até em torná-la ainda mais séria, para que a gente possa dar o *status* de soberania nacional à questão do biocombustível. Não podemos brincar com isso e não podemos permitir que aconteça conosco o que aconteceu com a borracha. Não faz muito tempo, os brasileiros mais refinados mandavam, viu Chacho, lavar suas roupas, no final do século XIX, em Paris. Era uma chiquesa! Hoje ninguém dá importância, mas entre o final do século XIX e o começo do século XX, a elite brasileira, que saía do Sul para tomar conta da borracha no Amazonas, mandava lavar a roupa em Paris. Eram seis meses para ir e para voltar. Imaginem o cidadão ficar esperando uma cueca seis meses, e naquele tempo era ceroulão, era mais complicado, imaginem isso.

Pois bem, como não tinha um projeto estratégico de nação, era apenas uma coisa momentânea daqueles que querem ganhar dinheiro com muita rapidez, a borracha foi embora e o Brasil perdeu importância, perdeu hegemonia e ficamos sem tirar proveito daquele momento extraordinário. Os biocombustíveis são outra coisa. Até agora, não é Paulo Skaf, as pessoas tratavam o etanol com um certo desdém, era uma coisa só brasileira. Na década de 90 produzimos 90% de carro a álcool, depois também desprezamos, o brasileiro gostava de carro mais envenenado, dizia que o carro não pegava de manhã. Então, parou-se de produzir carro a álcool. O sindicato, diga-se de

passagem, os trabalhadores metalúrgicos deste País, começaram a fazer propostas de reestruturação da frota de automóveis, da renovação da frota, da introdução do carro “verde” na frota. Quem é da indústria automobilística, o Miguel Jorge estava lá, sabe que era assim.

Pois bem, nós fizemos uma revolução, o *flex-fuel*. Hoje virou coisa bonita falar de *flex-fuel*, todo mundo quer um carro *flex-fuel*, a indústria automobilística está satisfeita, o consumidor está satisfeito, e nós temos um parâmetro agora para controlar. Na hora em que o álcool está 70% do preço da gasolina, não é bom colocar álcool no carro. Então, o álcool tem que estar sempre um pouquinho mais barato que os 70% da gasolina.

Então, nós encontramos um filé mignon importante para ter uma base de desenvolvimento no setor que pode ser estratégico, se assim nós o definirmos. Tem muita coisa para fazer ainda, mas é importante lembrar que em janeiro do próximo ano já começaremos a introduzir 2% de biodiesel no óleo diesel. É importante lembrar que no Rio de Janeiro já tem 3 mil ônibus andando com 5% de biocombustível no óleo diesel. E nós não colocamos mais, não é meus companheiros da indústria automobilística, porque a indústria automobilística teve medo e o governo teve cuidado. Então, ficamos muito acanhados quando poderíamos ter introduzido uma quantidade muito maior e ter nos preparado com mais antecedência. Um aviso aos dirigentes sindicais: é importante, enquanto o Plano é recente, é uma política nova, que a gente trate de trabalhar para aperfeiçoar essa relação entre capital e trabalho, para que a gente possa fazer do biodiesel não apenas um novo combustível, mas uma política de inclusão social mais moderna no campo brasileiro, e não permitir que venha alguém dizer que tem trabalho escravo neste País.

Então, a questão dos biocombustíveis, estejam certos, estou indo para o México, agora, para discutir biocombustíveis, vou para Cingapura discutir biocombustíveis, vou para a Nicarágua discutir biocombustíveis, vou para a Jamaica discutir biocombustíveis, vou para o Panamá discutir biocombustíveis, depois eu vou para os Países Nórdicos discutir biocombustíveis. Quem quiser falar comigo agora, fale o que quiser, mas vai ouvir sobre os biocombustíveis, porque eu acho que o Brasil não pode abrir mão de dominar. E logo, logo o Piva vai estar anunciando que as indústrias de papel e celulose vão pegar um pouco dos eucaliptos para que a gente possa produzir biocombustível também

de eucalipto, ou seja, nenhum país do mundo tem as condições que tem o Brasil. Se a gente imaginar que o crescimento de uma árvore lá na Finlândia demora 60 anos para crescer, e que aqui no Brasil a gente a corta com sete anos, pode até pagar um pouco mais de imposto, porque a vantagem comparativa favorece amplamente os empresários brasileiros. Sobre o biocombustível nós precisamos fazer um debate sereno, a gente não pode desprezar os que são contra, achar que eles estão errados. Não, vamos conversar, porque tem coisas a serem acertadas na questão ambiental, na questão de alimentos mesmo. Tem coisas a serem acertadas.

Uma outra coisa importante é a reforma política. Dom Demétrio, eu vou lhe dizer uma coisa de coração. Em função do cargo de presidente, nem sempre a gente pode falar tudo que a gente pensa, quando se trata de reforma política. Eu acho que a reforma política é imprescindível para que a gente possa arrumar este País, ela é imprescindível porque nós precisamos acabar um pouco com a hipocrisia neste País. Vejam, se a gente for conversar com empresários pelo Brasil inteiro, está cheio de empresários com bancada de deputados, com bancada de senadores, com bancada de vereadores, de prefeitos, porque a lógica política é assim, a lei permite. Então, se nós quisermos moralizar, nós precisamos ter coragem de discutir o financiamento público. É mais barato, é mais fácil de controlar. E aí o cidadão eleito não fica devendo favor a ninguém.

Certamente que isso não pode acabar com tudo, mas é um passo extremamente importante, a representação, o número de pessoas por estado, a quantidade de anos do mandato, tem muita coisa para ser discutida e que eu, durante determinado tempo, comecei a discutir, depois achei que não era uma coisa do Poder Executivo tentar determinar os partidos políticos e a discussão sobre reforma política. Mas eu acho que a sociedade organizada pode constituir uma plataforma de reforma política e fazer o debate com os partidos políticos.

Eu, muitas vezes, tenho dúvida, porque é a questão da legislação em causa própria. Vocês estão lembrados que na Constituição de 88 nós tínhamos o debate se a Constituição seria livre e soberana e à parte do Congresso. Nós a fizemos juntos, então, normalmente ela sempre vai cometer benefícios ou malefícios em função da necessidade de sobrevivência de quem está

legislando em causa própria. Essa é uma discussão que eu acho que a sociedade deveria fazer com os partidos políticos. O movimento sindical não deveria ver isso como uma coisa menos importante e colocar na pauta para discutir com os partidos políticos. E reforma política é como reforma tributária, cada um tem a sua. É sempre difícil você juntar, é como se você estivesse montando um quebra-cabeça, mas sempre haverá possibilidade de nos aproximarmos de um modelo. A minha tese é de que sem a reforma política as outras sempre ficam mais difíceis. Essa é a minha tese, de que a reforma política é o começo para mudar este País, e eu penso que a grande discussão deveria ser feita com os partidos políticos. Aí não tem coloração ideológica, você vai encontrar em todos os partidos, de esquerda ou de direita, gente pensando de forma diferente, gente vendo a reforma política diferente, mas é preciso que a gente tenha habilidade de encontrar um denominador comum. Por quê? Porque a reforma política vai permitir que a gente possa fazer outras reformas. E aqui eu queria dizer aos meus companheiros do Conselho. Vejam, nós não temos por que ter medo de discutir qualquer que seja a reforma. Nós temos agora um fórum que está discutindo a Reforma da Previdência. Eu não sei o que vai sair de lá, mas vai sair alguma coisa.

A Reforma Trabalhista, obviamente, se continuar do jeito que está, de um lado um grupo de empresários achando que é preciso rasgar a CLT e fazer tudo novo, de outro lado os dirigentes sindicais achando que têm que manter a CLT e colocar mais coisas. Não dá acordo. Então, eu sugiro que este Conselho possa permitir que os trabalhadores apresentem uma proposta, porque não é possível que o Getúlio Vargas tenha tido a onipotência de Deus de, em 1940, fazer uma lei que prevaleça no mundo do trabalho de hoje na sua totalidade. Muitas coisas podem ser aperfeiçoadas em função da realidade, sobretudo, do surgimento de uma coisa chamada setor de serviços, em função Neto, de uma coisa para a qual os dirigentes sindicais já estão atentando, de que hoje nós temos mais gente na economia informal do que na economia formal e precisamos dar a resposta para eles de que hoje temos milhões de jovens que querem adentrar no mercado de trabalho e não conseguem, muitas vezes, pelas condições exigidas. Ou nós discutimos isso para dizer: olha, nós não queremos mudar, nós queremos mudar, ou achar um meio-termo. E aí os empresários preparam a deles, os trabalhadores preparam a deles e aí nós

costuramos um denominador comum. Do contrário nunca haverá mudança, vai ficar essa situação que já perdura há uma ou duas décadas, e quanto mais houver evolução tecnológica, mais o setor de serviços vai ganhar espaço, portanto, as condições de trabalho terão que ser discutidas. E discutir sem medo, porque muitas vezes a discussão, quando começa equivocada, é uma desgraça. Eu aprendi Feijóo, que se a gente não cuidar de uma criança até os primeiros seis anos de idade, se não der as calorias e as proteínas necessárias, ela pode ter seqüelas cerebrais para o resto da vida. Então, é por isso que a gente manda a mãe dar o peito, é por isso que a gente quer que a criança coma bem.

Ora, na política, se as coisas começam a ser discutidas corretamente, a gente pode concordar ou não concordar, mas se a discussão for feita corretamente, todos ganharão com o resultado. Duro é quando a gente não quer nem discutir, duro é quando a gente não se dispõe a fazer uma discussão madura para saber se é isso mesmo, em que um prove ao outro que está certo. E este fórum aqui, é um fórum privilegiado. Sabe por que eu o acho privilegiado, Neto? Eu não sou tão antigo assim, mas eu sou do tempo em que eu ia à Fiesp negociar, Paulo Skaf, e os empresários nem sentavam perto da gente. O Jorge Duprat Figueiredo era duro na queda, era como se tivesse dois blocos de inimigos ali. E hoje eu vejo o avanço que tem nas negociações, as pessoas sentam, divergem, discutem, cada um dá a sua declaração. Eu vejo aqui todos vocês juntos, obviamente que cada um tem a defesa dos seus interesses, do seu setor, mas antes de tudo são seres humanos civilizados, são seres humanos brasileiros, que querem encontrar uma solução melhor para o Brasil como um todo.

Essas são reformas de que nós não escaparemos, e a Reforma Tributária, companheiros, vai sair. Eu só temo que as discussões da Reforma Tributária também sejam sempre assim, porque nós precisamos melhorar a saúde, precisamos melhorar a educação, precisamos desonerar isso, desonerar aquilo, mandar muito servidor público embora, porque precisa enxugar o Estado e baixar os impostos. O meu medo é que nem sempre a conta fecha. Isso é como o balanço de uma empresa, se o Abílio Diniz não vender mais do que compra no Pão de Açúcar, ele está “desgramado”, vai chegar a hora em que vai ter que fechar a porta, ele precisa vender. O Estado

brasileiro, e o João Paulo Reis Velloso disse bem, é preciso que a gente vá demarcando, na Reforma Tributária, as coisas que são essenciais, as coisas que são quase prioritárias, porque não é uma questão apenas nacional, municipal ou estadual, é uma coisa delicada entre os três níveis. Eu estou querendo, há três anos, reduzir o preço do gás de cozinha para a dona-de-casa, e cada estado cobra imposto sobre o GLP. Tem de 32 a 12. E aí não adianta a minha vontade política, ou o governador se dispõe a abrir mão daquela receita ou não tem, e eu vou ficar na vontade.

Eu acho que nós estamos avançados, nós construímos um clima, junto à sociedade, de que é possível, se não fazer a reforma perfeita, fazer aquela que é mais, eu diria, adequada para o momento que estamos vivendo, senão a gente esquece das conquistas que tivemos. E aqui vocês não esqueceram que no dia 1º de julho entrou em vigor a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que já é uma pequena reforma tributária, já é uma pequena reforma trabalhista, porque a gente esquece das conquistas. A nossa ânsia de conquistar tudo ao mesmo tempo é tão grande que a gente marca um gol, nem comemora e já está querendo marcar outro. Vamos comemorar primeiro, depois a gente marca o outro gol.

Eu diria, então, que o clima é esse. Eu acho que este Conselho, neste segundo mandato, pode ser muito mais produtivo, muito mais, eu diria, ousado do que fomos. Vocês estão lembrados que quando começamos aqui, em 2003, houve uma ciúmeira no Congresso Nacional, de que eu estava criando um instrumento para fazer frente ao Congresso Nacional, com quem vocês iam competir. Bom, depois de quatro anos e meio, provou-se que vocês não querem competir com o Congresso Nacional, não querem substituir o Ministério Público, não querem competir com o Supremo Tribunal Federal, não querem competir com o presidente da República. O que vocês querem é apenas contribuir com o aprendizado que vocês tiveram, nas mais diferentes funções, para que a gente possa aperfeiçoar as instituições democráticas no nosso País.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, eu queria terminar dizendo para vocês uma coisa importante. Quero dizer para vocês que também é inexorável – de vez em quando eu aprendo uma palavra difícil e a repito muito, inexorável eu acho o máximo – a sustentabilidade do crescimento econômico

brasileiro. Aqui eu poderia avocar os empresários, poderia chamar o Delfim Neto, poderia pegar o Guido Mantega, poderia pegar o Piva, poderia pegar o Paulo Skaf, poderia pegar qualquer um, poderia pegar o dirigente sindical mais antigo que tem aqui, nós vivemos um momento excepcional na economia brasileira, reconheçam isso para a gente exigir as outras coisas que precisam ser feitas.

Eu nunca tive, na vida, oportunidade de discutir economia neste País sem que a gente não estivesse, primeiro, discutindo a maldita inflação. Depois a inflação foi embora e ficamos discutindo a maldita dívida externa. Depois ficamos discutindo o maldito FMI e discutíamos os malditos juros. A verdade é que tudo isso está se exaurindo. A verdade é que logo, logo, Delfim, nós, que fomos deputados constituintes e vimos lá uma proposta de que os juros deveriam ser 12% na Constituição, os juros reais hoje já são bem menos do que isso, já estão em 8%. E poderemos chegar a muito menos se a gente não quiser tomar um envelope de comprimidos de uma única vez, porque o problema é esse, o problema é que quando a gente levanta – não sei se vocês já levantaram com dor de cabeça ou se já tiveram uma dorzinha quando fizeram ginástica – a gente vai ao médico e fala: “doutor, me dá um comprimido.” Ele dá um. “Mas só um? Me dá logo dois.” “Não, é um de cada vez.” Ou seja, mexer na política econômica, a gente sabe que, por mais que a situação esteja tranqüila, nós não vamos rasgar nota de 100, nós não vamos dar nenhum passo que possa significar, amanhã, um tropeço maior para a gente quebrar a cara e ter que voltar atrás. A volta atrás é muito pior.

Então, se as coisas estão certas até agora, se nós estamos tão perto de atingir tudo aquilo que a gente queria atingir – crescimento acima de 5%, juros em padrões internacionais – por que a gente tem que se precipitar? Por que a gente tem que mudar e tentar dar um rompante, fazer aquela mágica em que, depois, não aparece nenhum coelho? Aparece uma cacetada na nossa cabeça. Então, nós estamos tranqüilos, da parte do governo, nós estamos tranqüilos, sabendo o que vai acontecer neste País, sabendo o que queremos que aconteça neste País. E vamos fazer as coisas para quando alguém entrar, a partir de 2010, pegar este País totalmente acertado, com taxa de crescimento que seja motivo de orgulho, com mais distribuição de renda, com mais política social. Esse é o desafio que está colocado para nós. E eu estou muito à

vontade porque se tivesse eleições em 2010 e eu fosse candidato, aí diriam: é porque o Lula tem interesse. Graças a Deus, vocês não sabem o peso que eu tirei das costas pelo fato de saber que não sou mais candidato. Então, estou muito mais à vontade para fazer as coisas, Feijóo, e eu quero que os trabalhadores brasileiros sintam orgulho de terem participado desse processo, mas quero que os empresários também tenham orgulho de terem participado desse processo, onde o empresário ganhou, o trabalhador ganhou e, no fundo, no fundo, aqueles que não são empresários e que não são ainda trabalhadores, adentrem no mercado de trabalho e tenham uma política social para dar sustentabilidade para essas pessoas viverem dignamente.

Este País nunca esteve tão próximo de ser construído. Eu acho que nós nunca tivemos um momento tão especial de fazer este País dar certo, o que era o sonho de todo mundo. Agora, isso também não acontece... eu diria que isso vai-se construindo, são os anos e a maturidade dos governantes que vão construindo. O Miguel Jorge rapidinho aprendeu a diferença do lado de lá e a diferença do lado de cá. O Guido, eu já tive o Guido em três posições diferentes no governo: ministro do Planejamento, era um cidadão; presidente do BNDES, era uma outra figura importante; ministro da Fazenda, mais juízo, mais responsabilidade. Por quê? Porque é menos discurso e mais prática. Em determinados cargos, a gente não diz aquilo que pensa nunca, a gente faz quando pode, e se não pode, a gente deixa como está para ver como é que fica.

Eu só quero passar essa segurança para vocês. Ontem, Delfim, por exemplo, eu estava conversando com o Guido sobre o fato da gente chegar a 150 bilhões de dólares de reserva. Isso não é pouca coisa, obviamente que eu não posso gastar esse dinheiro como eu gostaria, eu tenho tanta coisa na cabeça para esse dinheiro, mas esse dinheiro é uma reserva que a gente vai ter que segurar, porque é ele que vai dar estabilidade para fazer outras coisas. Ontem o Guido me dizia que a entrada de capital aqui no setor financeiro foi de 45 bilhões de dólares. Eu lembro do dia em que entravam 18 bilhões e se comemorava: ah, no Brasil entraram 17 bilhões, 15 bilhões. Agora entram 45 e nós estamos achando ruim. É por isso que o câmbio tem dificuldades de se manter na taxa em que todo mundo gostaria, os exportadores. Por quê? Porque com essa entrada de dólares, o Banco Central pode comprar, pode

comprar e nós vamos ter que aguardar, com muita paciência, que o dólar se acomode. É assim, precisa ser assim, e não peçam para fazer nenhuma medida intempestiva, porque o equilíbrio e a maturidade é o que pode garantir que o Brasil... era importante, viu Paulo, que os assessores da Fiesp, da Fiemg, viu Robson, começassem a estudar, porque a gente, muitas vezes, fala da valorização do real, mas não fala da desvalorização do dólar, não com o real, com quase todas as moedas do mundo. E nós, viu Delfim, pegamos o real no pico dos quatro, quando a gente devia pegar o real na média, e nós vamos perceber que a diferença não é tanta, mas esse negócio de percentual, a gente utiliza da forma que a gente bem entende, como melhor interessar, sobretudo em época política, a gente utiliza aquilo que mais nos favorece.

Eu só posso dizer para vocês o seguinte, como presidente e amigo de vocês: eu nunca estive com tanta certeza e com tanta convicção de que o Brasil encontrou o seu caminho como estou agora. Agora é só a gente não fazer nenhuma bobagem. Se não tiver nenhuma bobagem, todos nós iremos usufruir deste País que construímos.

Meus parabéns a todos vocês mais uma vez, e muito obrigado pela presença.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de posse do ministro da Defesa, Nelson Jobim

Palácio do Planalto, 25 de julho de 2007

Excelentíssima ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal, em nome de quem saúdo os demais ministros do Supremo Tribunal Federal e dos outros Tribunais Superiores aqui presentes,

Meu caro Nelson Jobim, ministro de Estado da Defesa,

Meu querido companheiro Waldir Pires,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, em nome de quem saúdo os companheiros ministros aqui presentes,

Governador de Sergipe, Marcelo Déda,

Parlamentares,

Comandantes das Forças Armadas,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Amigos da imprensa,

Na vida de um presidente da República, o momento mais difícil, por mais experiência que você tenha como presidente da República, é sempre a troca de um companheiro por outro companheiro. E todo mundo sabe que na política, muitas vezes, isso se faz necessário.

Não é segredo para nenhum brasileiro que nós temos uma crise no setor aéreo brasileiro, numa combinação de várias coisas que vêm acontecendo ao longo dos últimos dez meses. Eu acompanhei de perto o esforço que cada companheiro ligado ao setor tem feito para tentar resolver esses problemas que, possivelmente, já existiam e vieram à tona com muito mais visibilidade depois do acidente do avião Legacy com o avião da Gol, que resultou numa centena de mortes. A partir dali, eu acho que todos os parlamentares e todas as pessoas que estão aqui acompanharam uma sucessiva seqüência de acontecimentos que foram criando problemas, deixando todos nós de cabelos um pouco mais brancos nesses últimos dez meses.

O governo trabalha sempre com a hipótese e com a convicção de que é preciso encontrar uma solução definitiva para esse problema e para qualquer problema existente. Ao governo não cabe culpar quem quer que seja, antecipadamente. O governo não pode ficar falando o que acha, não pode ficar falando o que pensa e não pode ficar falando o que acredita. Ao governo cabe a responsabilidade de dizer apenas aquilo que é a verdade, apenas a verdade. E, para isso, nós temos que fazer todo o processo de apuração, desde a greve dos controladores, acontecimentos em prédios do Cindacta, ao acidente que culminou com a morte de 200 pessoas.

Quando acontece um acidente dessa magnitude, muita gente sente na pele como se estivesse perdendo o próprio filho. Imaginem o sofrimento de parentes e amigos de pessoas que estavam naquele avião.

Eu não sei se aqui neste plenário tem alguém que não tenha medo de avião. Eu, particularmente, toda vez que o avião fecha a porta, entrego minha sorte a Deus porque estou na mão de um comandante, que é um ser humano; estou na mão de uma máquina ultramoderna, mas que é uma máquina; estou na mão de um controlador, que diz quando devo parar ou não; e estou na mão das intempéries, que nem sempre o ser humano consegue controlar.

Mesmo assim, sabendo que tenho o conforto de entregar a minha sorte a Deus, eu sou um medroso de andar de avião. Confesso isso publicamente, porque não é vergonha nenhuma dizer que nós temos medo. E exatamente por ser essa máquina moderna, por ser esse homem que lida com uma coisa tão delicada, e por ser o problema das intempéries muitas vezes visíveis, detectáveis, mas que não reagem igual ao mesmo, tempo é que acontecem os acidentes.

Se eu pudesse pedir a Deus, eu pediria que esse fosse o último acidente de avião que acontece no Planeta. Não será. Deus queira que não seja no Brasil que aconteçam outros acidentes, mas podem acontecer. E podem acontecer em função de dezenas de coisas. E nós, por termos juízo e maturidade, precisamos não transformar tragédias como essa em disputas menores, e condenar pessoas à pena de morte antes do julgamento, antes da investigação, antes de saber concretamente o que aconteceu. Mas isso também é uma coisa que faz parte, um pouco, da cultura brasileira. Ou seja, primeiro condena-se e depois analisa-se e julga.

Nessa troca de ministros, eu estou trocando um homem da mais extraordinária história pública deste País, um homem que em 1954 já tinha sido eleito deputado estadual, e que em 1958 fez campanha para o então candidato a presidente Juscelino Kubitschek. A ironia da história, contada a mim pelo Waldir, é que o ex-senador Antônio Carlos Magalhães tinha feito campanha contra o Juscelino, e o Waldir virou vice-líder do Juscelino. Seis meses depois que o Juscelino tomou posse, o Waldir Pires ainda não tinha conseguido marcar uma audiência com o Juscelino e o Antônio Carlos Magalhães já era amigo de cozinha do Juscelino Kubitschek. Depois, com o Golpe de 64, esse homem foi afastado, foi exilado. Foi o último homem, junto com o nosso querido professor Darcy Ribeiro, a deixar o Palácio do Planalto. Foi para o Uruguai, depois recebeu a família no Uruguai, foi para a França, em 1970 voltou e começou a construir a sua vida política no Brasil, até ser eleito governador do estado da Bahia, com a maior votação já tida por um governador no estado, em 1986. Em 1989, cometeu um pequeno erro político de querer disputar as eleições contra mim, sendo o vice do Ulysses Guimarães. Fui para o segundo turno e o Waldir não foi. Tinha sido, antes, ministro do então presidente José Sarney, depois foi ministro da Controladoria-Geral da União no meu governo, que implantou o sistema de sorteio para que não houvesse nenhuma dúvida de que não havia qualquer implicação política nas investigações de má utilização do dinheiro público nos municípios. Foi criado um sorteio pelo mesmo sistema que a Caixa Econômica utiliza para fazer os sorteios da loteria. E, depois, com a saída do então ministro José Alencar, ele veio ser o ministro da Defesa. Esse homem, por coincidência, tem a mesma formação profissional do homem que entra: é advogado. Na época eu não sei se chamava procurador ou advogado-geral da União, mas ele foi o consultor-geral da República do governo João Goulart.

Eu estou dizendo essas coisas, Waldir, porque quando você me comunica a sua decisão de sair, e eu aceitei porque compreendo o momento que estamos vivendo, isso não permite a quem quer que seja interpretar que o companheiro Waldir deixa o governo sem prestar os mais extraordinários e os mais relevantes serviços à Nação brasileira. Eu, Waldir, quero que você saiba que serei eternamente grato de ter tido com você os contatos que tive, de ter podido trabalhar com você no governo. E quero dizer para você que,

certamente, haverá aqueles que irão dizer que o companheiro Waldir está saindo por causa da crise área, por causa da tragédia do avião da TAM. Esse fato, na verdade, permitiu que você tomasse uma decisão de pedir o afastamento.

Mas a troca de ministro nem sempre acontece só por isso. Ela acontece em função de conjunturas políticas, de momentos que vive o País, que vive a nação. Eu acho que você pode andar em qualquer rua deste País, em qualquer cidade deste País de cabeça erguida, como um homem que nasceu e viveu grande parte da sua vida prestando serviços a esta nação. Há incompreensões, é verdade, mas certamente haverá uma maioria que compreende o legado político que você deixa, pela sua passagem no nosso governo.

Eu, que te acompanho, pelo menos quando você foi candidato em 1982, na Bahia, e eu estava iniciando a construção do PT, posso dizer, Waldir, que você talvez seja o último remanescente daquilo que nós chamamos de velha guarda da política nacional. Eu estou, há tempos, pedindo para o Waldir escrever, não a biografia dele, mas a passagem dele na política brasileira, os momentos que ele viveu, que foram momentos ricos, momentos de muita alegria e também momentos de muita tristeza, porque viver fora do País não deve ser bom.

Então, Waldir, essas palavras são, realmente, de um companheiro que você sabe que gosta de você, que trouxe você para o PT. Eu me lembro do Waldir no avião, vindo comigo para Salvador, de Vitória da Conquista, depois de um comício muito grande em que ele falou às duas horas da manhã. Ele não parava de falar, o povo queria dormir, eu era o último orador e também queria dormir, e o Waldir dizia das experiências dele no PDT, das experiências dele no PMDB, das experiências dele no PTB. Eu disse: Waldir, agora, se você pensa tudo isso da política, faça a sua experiência no PT. E, para minha alegria, o Waldir veio para o PT há muito tempo e deu e dá extraordinárias contribuições.

O companheiro Nelson Jobim, não sei se é mérito ou não dizer que também é advogado, eu tive a oportunidade de conhecer como deputado constituinte na Comissão de Sistematização. Muitas vezes, ele evitou que eu, um deputado classista, reivindicando os interesses dos metalúrgicos, pudesse

colocar algumas coisas de forma definitiva na Constituição, sempre ficava para regulamentação. Mas isso é próprio da competência dos advogados, e aqui eu estou vendo muitos. Pois bem, a carreira do Jobim, todo mundo conhece: deputado três vezes, ministro da Justiça, até terminar o seu mandato de presidente da Suprema Corte brasileira e prometer à sua digníssima esposa que nunca mais iria participar de política, que iria dedicar à mulher o tempo que não tinha dedicado quando estava trabalhando. E essa promessa, todo político faz.

Eu quero dizer para vocês que quando fui reeleito no Sindicato de São Bernardo, em 1978, eu prometi à Marisa que era o meu último mandato e que nunca mais iria fazer política. Vai fazer 30 anos e eu não estou com vontade de parar, isso é o que fazem os políticos.

De repente, eu vejo que o advogado, o ministro, o deputado estava sem fazer nada, atrapalhando a esposa, que pedia para ele sair de casa um pouco. Eu falei: bom, eu acho que está na hora do Waldir, que tem um pouco mais de idade do que ele descansar e do Nelson Jobim voltar a ativa, porque um cidadão com o tamanho e com a força dele não pode ficar aposentado. Guido, para você ficar feliz, ele é um ministro que não dará despesa ao governo, porque ele já ganha o teto. Então, fique tranquilo, que não vai aumentar o Orçamento da União. Eu estou dizendo essas coisas aqui porque nós vivemos momentos de tensão no País, momentos de sofrimento no País e, de vez em quando, é preciso que a gente tenha momentos de descontração para tornar a vida, eu diria, menos sofrível.

Eu queria dizer ao Jobim que ele terá oportunidades que o Waldir não teve como ministro da Defesa, que o José Alencar não teve como ministro da Defesa, que o Viegas não teve como ministro da Defesa e, possivelmente, outros ministros de outros governos não tiveram.

E vou dizer uma coisa, meu caro ministro Jobim. A primeira é que nós precisamos, em momentos de dor, em momentos de crise, em momentos de sofrimento, sofrer menos internamente e aproveitar esses momentos para tirar lições e fazer as coisas que precisam ser feitas. O Waldir Pires, os ministros aqui sabem, sobretudo os ministros que já estão comigo há mais tempo, que muitas vezes a gente vai criando instituições e daqui a pouco a gente tem um monte de instituições e, muitas vezes, é difícil você comandar esse conjunto de

instituições. Todos nós, aqui não deve ter um que não brigou um dia para que nós criássemos a Agência Nacional de Aviação Civil. Houve um tempo que parecia um dogma, como foi a Constituinte, de que a Anac seria a solução de todos os problemas. Hoje, além da parte que a Aeronáutica cuida, nós temos a Anac, nós temos o Conac, temos o ministro da Defesa, temos a Infraero, é um conjunto de instituições, e nós precisamos aproveitar esse momento para fazer com que essas instituições tenham uma única cabeça pensante e que decida.

Eu estou dizendo, categoricamente, que é preciso – e o Waldir se preocupava com isso – é preciso repensar neste País o Ministério da Defesa. O Ministério da Defesa, tal com está, está aquém daquilo que é a exigência, da sociedade brasileira, do funcionamento de um Ministério da Defesa. É preciso que a gente tenha o Ministério da Defesa com força suficiente para fazer as mudanças que precisam ser feitas, desde discutir a modernização, reequipar, até a reestruturação das Forças Armadas Brasileiras, até colocar pessoas para tomar conta de tudo aquilo que é pertinente às nossas Forças Armadas.

Você, Nelson, vai assumir o Ministério como o ministro Waldir assumiu. As Forças Armadas brasileiras, que já tinham tido, num tempo, empresas importantes neste País, para produção de material de defesa, hoje tem a Imbel, que a cada um ou dois anos somos obrigados a ficar dando alguns milhões para pagar salários atrasados. Porque neste País não se pensou nas Forças Armadas enquanto órgão não apenas do cumprimento da Constituição, mas da defesa da nação brasileira. Talvez alguém pensasse: “Bom, mas estamos em tempo de paz, por que nós temos que reestruturar as Forças Armadas, modernizá-las e investir dinheiro para reequipar as Forças Armadas?”. Isso é como Deus e como segurança: a gente só avoca quando precisa.

E eu não diria outra coisa senão que não existe país no mundo que seja respeitado se não tiver as Forças Armadas competentemente preparadas e equipadas para a defesa dos interesses da soberania nacional. E neste País, há mais de 20 anos, vem-se desmontando as Forças Armadas brasileiras. Possivelmente porque o modernismo possa ter levado alguém a crer que é possível, com pétalas de rosas, a gente resolver o que às vezes, em conflito, precisa de outras armas que não as pétalas de rosas. Esse é um desafio que nós temos que ter. E precisamos começar agora para pensar o que vai acontecer nas Forças Armadas em 10 ou 15 anos.

No Ministério da Defesa, meu caro Nelson, alguns anos atrás tinha as três Forças, cada uma tentando desenvolver o enriquecimento de urânio: o Exército, a Aeronáutica e a Marinha. Possivelmente a Marinha, como única que tem o objetivo definido de construir o submarino nuclear, continuou com o seu projeto. Mesmo assim, sendo o Brasil o detentor da mais importante tecnologia de centrífugas de enriquecimento de urânio que tem no mundo – você vai visitar Aramar e vai ver um motivo de orgulho para o povo brasileiro – há muitos anos que a Marinha não tem os recursos necessários para terminar todo o seu processo.

Pois bem, nós decidimos agora, a partir do Orçamento do ano que vem – o Paulo Bernardo já sabe disso, o Guido já sabe disso, você vai saber disso, o Waldir já sabia disso –, R\$ 130 milhões por ano, numa perspectiva de que em 8 anos nós iremos terminar o nosso processo e estar preparados para dar os passos seguintes que precisamos dar.

Você vai encontrar, Nelson, como eu encontrei, um Exército em que não era possível os nossos recrutas trabalharem oito horas por dia, porque não tínhamos dinheiro para pagar o almoço, então, tínhamos que liberar os recrutas antes do almoço. Você vai encontrar, Nelson, uma Aeronáutica que nós reequipamos, mas voando em aviõezinhos que quem já voou sabe o risco que se corria neste País, e quantas vezes o avião levantava vôo, 20 minutos depois tinha que descer com a fumaça tomando conta do avião.

Eu estou dizendo isso para vocês irem com o espírito preparado, porque essa é uma briga que tem que ser cotidiana, é uma briga em que você terá em mim um parceiro, porque nem sempre as pessoas que cuidam da economia do País colocam isso como prioridade. Não porque não tenham compreensão, é porque os problemas urgentes e imediatos, às vezes, são sempre aqueles que são prioritários e nós não pensamos estrategicamente o que fazer.

É esse o Ministério que você vai assumir. E eu quero te dizer: assumir com todas as forças para fazer todas as mudanças que precisar fazer, onde precisar fazer. Por isso eu disse que a crise pode nos dar condições de fazer as coisas que precisam ser feitas, e se fizéssemos antes, possivelmente teríamos questionamentos em 500 lugares deste País.

Eu sou um admirador do Waldir e um admirador seu, e digo isso com a tranquilidade de dizer que eu sou um homem capaz de fazer amizade com

peças que não pertencem ao meu partido político, tenho grandes amigos que não são do PT. Tem, possivelmente, pessoas que não gostam de mim dentro do PT, e tem pessoas que gostam de mim em outros partidos políticos. O presidente da República, no momento em que tira um ministro e coloca outro ministro é como se ele estivesse se despedindo de um filho que foi fazer uma viagem e, ao mesmo tempo em que ele está na porta se despedindo desse filho, está chegando um outro que estava fora de casa.

Eu sei que vocês dois são amigos, são companheiros, sei que vocês dois têm trajetória de militância política no mesmo partido durante muito tempo. Ao Waldir vai caber te passar todas as informações das coisas boas e das coisas difíceis que tem no Ministério, e a você vai caber o papel de fazer o que nós não pudemos fazer no primeiro mandato. Eu queria, Nelson, te pedir já o primeiro compromisso: amanhã vai ser a posse – a posse, não, a transferência – mas eu acho que depois você deveria ir com o brigadeiro Saito, ao aeroporto de Congonhas, que fosse visitar o hospital onde está se fazendo o estudo de DNA, e que a gente assumisse o compromisso, não apenas de resolver o problema aéreo brasileiro, mas de dar uma resposta contundente à sociedade brasileira. E não tem resposta de curtíssimo prazo, tem medidas que podem ser feitas amanhã e tem medidas que serão feitas a longo prazo. O dado concreto é que nós precisamos aproveitar este momento para fazer, definitivamente, o que tem que ser feito no Brasil.

Eu me lembro que um dia, Guido, você não era ministro da Fazenda – eu estou vendo o Palocci ali – e nós estávamos discutindo um dinheiro para o Paraguai e, como é de hábito, a Fazenda sempre diz que não tem dinheiro. E não era muito dinheiro mas, “não temos dinheiro, tem que mandar um projeto de lei para o Congresso”, e eu dizia para eles o seguinte: me digam uma coisa, se o Paraguai ou qualquer outro país vizinho decretasse uma guerra contra nós, teria dinheiro? “Aí, sim, teria dinheiro.” Então, nós não precisamos de guerra para resolver as coisas. Nós temos que resolver enquanto é possível resolver.

É com essas palavras, meu querido companheiro Waldir e meu querido companheiro Nelson Jobim, que eu faço essa troca de ministros, dizendo a você, Nelson, que vai ter mais sorte do que o Waldir porque nós, agora, vamos brigar muito mais para o Guido ser mais flexível, para o Paulo Bernardo ser

mais flexível, não apenas por causa da tragédia. É porque ao longo dessa crise, nós estamos descobrindo falhas que nós precisamos corrigir. O brigadeiro Saito me dizia, esta semana, que o que aconteceu em Manaus é impensável de acontecer, mas aconteceu. Qualquer cidadão de juízo perfeito diria: isso não pode acontecer, não deveria acontecer, não tinha como acontecer, mas aconteceu.

Então, a partir de agora, é fazer o que nós precisamos fazer, com a força que precisamos fazer, gastando o que precisar gastar para que a gente possa dar tranqüilidade à sociedade brasileira. A única coisa que um ser humano, um presidente da República e nem o ministro da Defesa podem prometer é que nunca mais haverá um acidente, porque não depende de nós. Mas, se depender das condições da estrutura, nós podemos garantir que este País vai viver tempos de tranqüilidade.

Muito obrigado. Boa sorte, Waldir, e boa sorte, Nelson Jobim.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado da Paraíba

João Pessoa-PB, 26 de julho de 2007

Meus companheiros,

Amigos,

Companheiras e amigas da Paraíba,

Eu queria, antes de explicar o que estamos fazendo aqui, pedir que esse auditório e o nosso plenário se colocassem de pé para que nós pudéssemos prestar um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da tragédia do voo da TAM. Muito obrigado a todos vocês.

Meu querido companheiro governador do estado da Paraíba, Cássio Cunha Lima,

Minha querida companheira, ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

Meus queridos companheiros ministros Márcio Fortes, das Cidades, e Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Meu caro deputado Arthur Cunha Lima, presidente da Assembléia Legislativa da Paraíba,

Senadores José Maranhão e Cícero Lucena,

Deputados Armando Abílio, Luiz Couto, Manoel Júnior, Marcondes Gadelha, Rômulo Gouveia, Vital do Rêgo Filho, Wellington Roberto, Wilson Braga, Wilson Santiago,

Meu querido companheiro Ricardo Coutinho, prefeito da cidade de João Pessoa,

Meu caro Dom Aldo Pagotto, arcebispo da Paraíba,

Meu caro Elvio Lima Gaspar, diretor da área social do BNDES,

Meu caro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Meus caros secretários de Estado, vereadores,

Prefeito Jota Júnior, de Bayeux; José Francisco Regis, de Cabedelo; meu companheiro Veneziano Vital do Rego, de Campina Grande; Jairo Feitosa,

de Pombal; Marcos Odilon Ribeiro Coutinho, de Santa Rita; Rubens Germano Costa, prefeito de Picuí e presidente da Federação Municipal de Prefeitos da Paraíba,

Meus companheiros e companheiras, demais prefeitos que não estão aqui na minha nominata, mas eu sei que tem muitos prefeitos e prefeitas aqui,

Meus amigos deputados estaduais,

Senhor José Zenóbio Teixeira, diretor-geral da Agência de Desenvolvimento do Nordeste,

Senhor Antônio Ubiratan Santos, diretor da Confederação Nacional da Associação de Moradores,

Marconeide Barbosa, da União Nacional de Moradia Popular, e Maria José Alves, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia,

Meu caro José Inácio de Araújo Neto, da Central dos Movimentos Populares,

Maria do Socorro Gadelha, presidente da Companhia de Habitação da Paraíba,

Secretários municipais aqui presentes,

Amigos e amigas,

Eu quero crer que o que estamos fazendo no Brasil, nesses últimos meses, é a implementação de um programa de governo que dá a exata dimensão daquilo que nós pensamos para o Brasil nas próximas décadas.

Se nós olharmos o que aconteceu no Brasil nos últimos 26 anos, ou se quisermos pegar os últimos 30 anos, nós vamos perceber que o último momento em que o Brasil fez um forte investimento em infra-estrutura foi no governo Geisel. E, por conta do investimento feito à época do governo Geisel, nós pagamos um preço muito duro depois, porque ele foi feito às custas da facilidade do dinheiro externo que, depois, resultou numa dívida que nós passamos esses 30 anos tentando pagá-la, quase que impossível.

Mas, de qualquer forma, foi o último presidente que pensou estrategicamente o desenvolvimento do Brasil, a começar por grandes investimentos em obras de infra-estrutura. De lá para cá, o Brasil fez uma opção de se reconhecer pequeno, de se reconhecer incapaz e de não tomar atitudes que a grandeza do Brasil exigia que os governantes tomassem.

Se vocês analisarem o que aconteceu no Brasil nesses últimos anos, a gente vai descobrir, com muita facilidade, mas com muita facilidade mesmo, por que tem tantos jovens de 20 a 30 anos de idade metidos no crime, na violência e na marginalidade. Essa menina que hoje está presa, essa menina que hoje nós vemos na televisão cometendo os crimes são filhos deste País, resultado de um período histórico do nosso País em que as políticas sociais não eram levadas em conta como fator de desenvolvimento, em que a educação não era levada em conta como fator de desenvolvimento no nosso País. E por que não eram levados em conta? Porque neste País criou-se o hábito de ser muito mais fácil destinar, como se fosse investimento, bilhões de reais para os grupos econômicos, e via-se como gastos os centavos que se destinavam para atender a parte mais pobre da população.

Qual foi a mudança que nós fizemos? Primeiro, uma mudança conceitual. Garantir dinheiro para levar comida para o pobre comprar leite, para a agricultura familiar, para investimentos na educação. O programa Luz para Todos, Cássio, em alguns estados da Federação custa 5 mil reais a ligação, e ela é feita de graça, porque as pessoas pobres têm o direito de conquistar a cidadania neste País. Obviamente que, se nós formos pensar apenas do ponto de vista da viabilidade econômica, nós não fazemos nada, a não ser onde já tem os benefícios. Se cada projeto que a gente vai discutir, primeiro a chamar os nossos economistas ou chamar os nossos consultores, que normalmente nos apresentam aqueles que eu chamo de “engana presidente”, aqueles gráficos bonitos, coloridos, e falam para a gente: “Olha, não tem viabilidade econômica, isso aqui não é rentável economicamente, isso aqui não vai dar retorno”... Ora, se não vai ter retorno, então não tem investimento no Nordeste, não precisa fazer a BR-101, não precisa fazer a transposição de água, não precisa ter o Programa do Leite, não precisa ter o programa Luz para Todos, não precisa fazer a Transnordestina, porque é tudo, teoricamente, economicamente inviável. Porque neste País, durante três décadas, adquiriu-se o hábito de investir onde já tinha investimentos, de elevar a qualidade de vida onde já tinha qualidade de vida, e os mais pobres vão ficando cada vez mais pobres.

Essa é a construção sociológica deste País nos últimos 30 anos. Mudar isso não é uma tarefa fácil, porque sabe o nosso companheiro da Caixa

Econômica, aqui na Paraíba, como sabe a Maria Fernanda, lá em Brasília, como sabe o nosso presidente do Banco do Brasil, em Brasília, e como sabe o superintendente do Banco do Brasil, aqui, como sabe o presidente do Banco do Nordeste aqui, ou o Banco da Amazônia, na Amazônia, que sequer os Fundos Constitucionais, que foram criados na Constituição de 88, eram utilizados para o desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Antes de nós tomarmos posse – e é importante que tenha dois senadores aqui de partidos diferentes, antes de nós tomarmos posse, no ano de 2002, o BNB disponibilizou para investimentos 262 milhões de reais. Este ano, certamente ele terá quase 7 bilhões de reais para emprestar ao povo do Nordeste brasileiro se desenvolver.

Eu estou dizendo isso porque quando nós pensamos no PAC, nós pensamos que era preciso combinar um programa de desenvolvimento deste País que levasse em conta não apenas colocar aqueles que sempre estiveram à frente na corrida do desenvolvimento, era preciso saber como trazer a parte pobre da população para ser beneficiada nesse processo, porque muitas vezes, na teoria, a gente fala assim: “Não, porque se vai ter um grande projeto industrial aqui, então vai ter emprego para todo mundo.” Não é verdade, você constrói uma fábrica grande, ela vai gerar 2,3 mil empregos e vai gerar uma favela de 30 mil miseráveis ao lado dela, na expectativa de que tenha emprego, porque às vezes a propaganda é maior do que o empreendimento. E nós criamos ilusões na cabeça das pessoas. Então, é preciso que quando a gente pense num empreendimento, a gente já pense em pegar esses brasileiros e brasileiras que não têm nenhuma responsabilidade por serem mais pobres do que outros e fazer com que eles possam galgar esses degraus do desenvolvimento. Por isso o PAC. O PAC é uma combinação da participação de uma Petrobras, com investimento de 228 bilhões de reais em quatro anos, com a participação de um investimento de 106 bilhões de reais em obras de infra-estrutura e habitação. É isso que nós estamos fazendo. Aqui são 40 bilhões de reais para saneamento básico e urbanização de favelas. Não é pouca coisa.

Se vocês pegarem a história do Brasil desde que foi proclamada a República, nós não vamos ter nenhum período histórico em que se investiu tanto em saneamento básico e habitação como estamos fazendo. Sabem por que, meus companheiros? E não é nenhum radicalismo, porque presidente não

pode ser radical, presidente tem que ter sempre bom-senso. Sabem por que não se investia em saneamento básico neste País? Porque não é possível colocar nome de parentes em manilha enterrada embaixo da terra, não é possível. Aliás, tem pessoas que colocam a placa e o nome antes de fazer a obra. Eu digo isso porque o monumento que nós vamos colher com essa política, Cássio, meu caro Ricardo Coutinho, meus companheiros prefeitos, o que nós vamos colher com essa política de saneamento não é a imagem de uma ponte com o nome dos nossos parentes, o que nós vamos colher é a possibilidade de ter menos crianças morrendo de doenças geradas por falta de água potável e tratamento básico. O que nós vamos conquistar é a possibilidade de ver crianças brincando na rua sem estar pisando em esgoto a céu aberto. O que nós vamos colher como resultado dessa política é ver mulheres abrirem uma torneira e sair da sua torneira água com qualidade para elas beberem, para que as crianças não fiquem com esquistossomose, com a barriguinha parecendo um guaru, como eu fui quando era pequeno, até sete anos de idade.

É esse troféu, meu caro governador, que nós vamos colher, é a gente ver uma criança pobre na mesma sala de aula do nosso filho sem que a gente consiga fazer uma diferenciação, porque os dois estão com a mesma qualidade de saúde, bebendo a mesma água, os dois estão pisando no asfalto, os dois estão tendo luz elétrica. Afinal de contas isso não é muito, isso é o mínimo que os governantes precisam fazer para tornar o mundo mais igualitário, mais justo. E o que Estado tem que fazer é apenas levar a oportunidade. Aí a classe política vai ter que se tornar mais civilizada para que a gente possa compreender o momento de fazer oposição e o momento de pensar no País, para que a gente pense o momento de fazer oposição e o momento de construir o estado ou construir a cidade, porque no Brasil não termina nunca, já acabou uma eleição, ela continua e é eterna. Você pode mandar qualquer projeto, pode ser um projeto para melhorar qualquer coisa, e pessoas, se são contra o governo, dizem: “Eu voto contra, eu não voto favorável.” Ou seja, as pessoas não se preocupam sequer em analisar se aquilo vai beneficiar o presidente da República, o governador ou o prefeito, ou se vai beneficiar o povo da cidade, o povo do estado e o povo do nosso País.

Essas coisas é que nós precisamos pensar, porque enquanto a classe dirigente fica brigando pequeno, fica com mesquinha, o povo fica sofrendo, o povo fica na expectativa de que apareça um milagroso para salvá-lo, e não tem. É preciso ter políticas públicas justas, é preciso fazer parcerias como estamos fazendo, é preciso que a gente contribua. Eu não quero saber se o prefeito é do PFL, do PSDB, do PT, do PMDB, do PTB, do PR não quero saber em quem o eleitor votou na eleição de outubro, se foi em mim ou se foi no adversário, eu não quero saber. Acabou a eleição, nós fomos eleitos para governar este País, este estado e este município. É por isso que nós construímos o PAC. O PAC é tudo isso que a Dilma mostrou e um pouco mais, porque é o começo da mudança definitiva de um País que durante três décadas foi tido como um país em vias de desenvolvimento, para se transformar num país, definitivamente, desenvolvido.

Vocês estão lembrados que quando nós tomamos posse, este País vivia mendigando, todo final de ano, dinheiro do FMI, para poder pagar suas contas. Vocês agora lêem nos jornais que este País não deve nada ao FMI, não deve nada ao Clube de Paris, e ontem atingiu 154 bilhões de dólares de reserva. Este País, quando entrava 10 bilhões de dólares do exterior aqui, era manchete de jornais. Do dia 1º de janeiro ao dia 30 de junho, entraram neste País 59 bilhões de dólares, dos quais quase 12 para investimento direto, 23 na Bolsa e o restante no sistema financeiro. Hoje, a nossa preocupação não é ir atrás de dólar, mas é evitar que continue entrando essa enxurrada de dólares aqui, porque todo dia um fala: “Ah, mas o câmbio, o câmbio.” E todos os dias as exportações batem recorde e recorde. Pois bem, o Brasil está preparado para dar um salto de qualidade. Eu digo isso com orgulho, porque eu lembro quantas vezes disputei eleições, e a preocupação dos meus adversários era passar notinhas para a imprensa: “Pergunte ao Lula, ele não fala inglês, como é que ele vai governar? Ele não fala espanhol, como é que ele vai governar? Ele não entende francês.” Era essa a pergunta que todo dia eu tinha que responder, todo santo dia, como se alguém já tivesse perguntado se o Bill Clinton está preocupado em aprender português, como se alguém já tivesse perguntado se alguém está preocupado em aprender a minha língua para vir conversar comigo. A língua é um valor da Pátria, e nós temos que aprender a falar corretamente a nossa língua. Somente aqueles que são colonizados

intelectualmente, somente aqueles é que chegam no exterior pensando em fazer discurso em estrangeiro. Quando você vê, na televisão, alguém num fórum internacional, um brasileiro falando a língua do outro, primeiro, é um metido à besta. Tem gente que acha que é tão elegante que chega no aeroporto, já começa a tentar falar inglês com a moça do balcão, já achando que está lá fora.

Eu estou dizendo isso para vocês porque o Brasil nunca viveu um momento de respeitabilidade externa como estamos vivendo. E não estamos vivendo porque ficamos paparicando o Bush, não estamos vivendo porque estamos paparicando qualquer governante deste País, estamos sendo respeitados porque dizemos, em alto e bom som: nós somos brasileiros e temos orgulho de ser brasileiros do jeito que somos, temos orgulho de ser o resultado da mistura de índios, de negros, de europeus. Este País é tão chique, Dilma, que você viu aqui a cidade chamada Bayeux, parecia que você estava na França, e você estava na Paraíba. Este País multiétnico, este País com essa miscigenação, só vai se respeitar na hora em que a gente assumir, com 100% de garantia, o que somos, como somos, da cor que somos. É assim que a gente vai ser respeitado.

Outro dia, Ricardo, eu fiquei chateado, porque eu peguei um jornal e estava escrito assim – nós tínhamos ido lançar o PAC em São Paulo – e estava dizendo assim a manchete: “O governo Lula privilegia as cidades do PT”. Nós tínhamos lançado em São Paulo, possivelmente na região metropolitana de São Paulo tenha mais cidades do PT, afinal de contas, nós governamos Osasco, Guarulhos, Diadema, Santo André. Mas o que o jornal poderia ter dito é o seguinte: o governo Lula, que é do PT, faz investimentos de quase 8 bilhões de reais em São Paulo, que é governado pelo José Serra, do PSDB. Seria mais honesto. Da mesma forma que fizemos o investimento de R\$ 4 bilhões em Minas Gerais, no governo do PSDB. Da mesma forma que fizemos o investimento de R\$ 4 bilhões no governo do Rio de Janeiro, do PMDB. Da mesma forma que vamos fazer no Rio Grande do Sul, do PSDB. Da mesma forma que nós vamos fazer aqui, na Paraíba, em Pernambuco.

Eu não quero saber qual é a necessidade do governador, eu quero saber qual é a necessidade dos brasileiros e brasileiras que moram naquele estado e que moram na região. Lógico que é muito mais tranquilo a gente

construir os projetos em parcerias. E nós fizemos uma coisa que foi exemplar, o que a gente não queria era fazer o que sempre aconteceu no Brasil: você passa o dinheiro para os governos dos estados, tem governo que vai fazer as coisas com a maior tranqüilidade e dividindo com todo mundo. E tem governo que, habitualmente, procura os amigos e fazem as obras para o prefeito seu amigo e tal. Então, o que nós fizemos? Nós já conhecíamos um pouco a realidade de cada estado, nós levantamos as principais cidades brasileiras a partir das capitais e regiões metropolitanas, elaboramos o projeto com o Ministério das Cidades e, ao mesmo tempo, resolvemos chamar governadores e prefeitos para que a gente fizesse uma cumplicidade administrativa, para que a gente pudesse mapear as obras de interesse do conjunto da sociedade. É por isso que caíram essas cinco cidades aqui, no estado da Paraíba.

Mas os prefeitos que governam cidades com até 150 mil habitantes, ou os prefeitos que governam cidades com até 50 mil habitantes, não ficarão de fora. Porque, além do PAC, que foi anunciado aqui, tem R\$ 2 bilhões do Programa que é da habitação, FNHIS, que é uma conquista do movimento popular, não é conquista do presidente da República, não é conquista do governador do estado, não é conquista de nenhum prefeito e de nenhum deputado, é uma conquista do movimento social que luta por moradia. Eles fizeram a primeira emenda popular neste País, com mais de 1 milhão e 300 mil assinaturas, levou 13 anos para ser votada no Congresso Nacional e, finalmente, nós votamos em 2005 e, agora, tem R\$ 2 bilhões. Por isso eu disse para a Dilma: a gente não pode ir gastando todo esse dinheiro sem chamar o movimento que aprovou a emenda para que ele possa discutir conosco uma definição das prioridades.

Mas, além desses, tem uma coisa importante, governador, senadores, prefeitos, deputados: é o PAC da Funasa. São 4 bilhões de reais que vão ser aplicados pela Funasa em obras de saneamento básico também nas cidades com até 50 mil habitantes. E a gente vai priorizar as cidades que tenham, no Norte, malária, e no Nordeste, doença de chagas, ou seja, o bicho barbeiro, para ver se a gente acaba com essa peste no Brasil, que mata muita gente desde que o Brasil é Brasil. Vamos tentar acabar com isso.

Além disso, duas coisas importantes: desses R\$ 4 bilhões, meu caro bispo Dom Pagotto, R\$ 320 ou 340 milhões serão utilizados para que até 2010

a gente leve água potável e coleta de esgoto a 90% das comunidades indígenas deste País. E, ao mesmo tempo, nós queremos também, até 2010, levar água potável e coleta de esgoto a 50% de todos os quilombos já reconhecidos neste País.

Esse programa da Funasa, nós vamos lançá-lo em Brasília. Nós vamos chamar as comunidades quilombolas, chamar as comunidades indígenas, chamar os prefeitos das cidades com até 50 mil habitantes, e vamos fazer o lançamento desse programa lá em Brasília. Depois, eu vou visitar uma comunidade indígena em São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, e um quilombo, aliás, eu vou ao quilombo Kalunga, lá em Goiás, onde nós já fizemos saneamento básico, já fizemos água potável, já fizemos escola, campo de futebol. Porque nós achamos que este País precisa, um dia, ser verdadeiramente um País de todos, em que todos possam ter direitos efetivamente, cumprindo o que está na nossa Constituição.

Mas uma outra coisa importante que eu queria dizer para vocês: o projeto São Francisco. Eu não quero fazer disso uma profissão de fé, não quero fazer disso uma guerra. Eu quero apenas que vocês me ajudem a convencer as pessoas que são contra. Certamente, as pessoas têm suas razões, e eu fico pensando: se cada estado brasileiro resolvesse dizer “aquilo que eu produzo é só meu”, o que seria do Brasil? Por exemplo, o Rio de Janeiro produz petróleo, ou seja, se ele não quisesse vender para nós, como é que ficaria? Graças a Deus a Petrobrás decidiu fazer prospecção, teste, na cidade de Sousa, na Paraíba, e quem sabe a gente tenha petróleo aqui, aí a Paraíba pode ceder um pouco para os estados que não querem ceder água para nós.

O projeto da transposição, companheiros, foi um projeto pensado desde 1846. O imperador D. Pedro pensou nesse projeto. De lá para cá, vários presidentes da República pensaram nesse projeto, mas quando chegam as eleições, as pessoas se acovardam. Então, na época da eleição, você vai ao Ceará, o Ceará é favorável, você é favorável; você vai à Bahia, a Bahia é contra, você vira contra; você vem a Paraíba, é favorável, você é favorável; você vai a Alagoas, é contra, você é contra. E, assim, nunca acontece o projeto. Eu sei que houve boas intenções. O então senador, ministro, na época, Fernando Bezerra, que era ministro da Integração do presidente Fernando

Henrique Cardoso, foi debater conosco, foi debater no Sindicato, foi debater com o PT, com os outros partidos políticos. Eles tinham boa intenção ao fazer o projeto, mas aí radicalizou o ex-senador Antonio Carlos Magalhães, radicalizou o ex-governador não sei de onde, ou seja, o projeto não saiu. Eu, companheiros, trago como experiência de vida até os meus sete anos de idade, beber água de açude. E eu sei o que é, eu e meus irmãos, ir buscar pote de água no açude, tendo que ficar separando com uma cuia as fezes dos animais que lá estavam bebendo água, os caramujos que reproduzem a esquistossomose dentro da barriga do ser humano, e levar essa água barrenta para beber em casa. E não tinha filtro, era apenas colocar um pano fino, jogar água, coar, esperar assentar, separar com uma cuia para beber água da cor desta mesa aqui.

Eu lembro, eu morava numa casinha que era numa descida para o açude. E quando chovia a minha mãe fazia a gente fazer uma festa, fazer quase que uma... se Dilma visse, ela ia querer fazer uma hidrelétrica lá. A gente juntava areia para represar água da chuva, enchia as latas de água para a gente beber. Era assim. Por isso eu não tenho vergonha de dizer: quando eu fui para São Paulo, com sete anos de idade, eu tinha as perninhas que nem um sabiá e a barriga que nem uma ema, ou seja, o que era? Era o que hoje muita gente ainda tem no Brasil. Aquilo era verme. Come mal, não tem água potável, os dentes caem depois que completa 15 ou 16 anos, ou seja, nós não temos nem chance de ter dente-de-leite, ele já nasce podre, ou seja, é este País que nós queremos mudar com essa política. E nós não aceitamos que as pessoas digam: "Ah, vai custar 6 bilhões de reais." Que custe 7, que custe 8.

Mas eu estou vendo, dom Pagotto, a gente visita os estados, eles nunca fizeram um centavo de investimento para evitar que o esgoto da sua cidade fosse jogado dentro do rio São Francisco, através dos seus afluentes. Somos nós que já investimos R\$ 250 milhões no ano passado, vamos recuperar todas as matas ciliares do rio São Francisco, vamos fazer saneamento em todas as cidades que margeiam o rio São Francisco e vamos levar água potável para todas as comunidades que moram no rio São Francisco. Mas não podemos deixar, alguns não querem compreender, que o brasileiro não pode negar um copo de água para um brasileiro que tem sede. Eles não sabem, eu acho que não tenho pescoço de carregar lata d'água na cabeça, vou pôr a gravata e

tenho dificuldade. Eu queria ter um pescoção daqueles que eu vejo na televisão, aquelas pessoas que não carregaram pote, que não carregaram lata, que não sabem fazer uma rodilha para colocar na cabeça, que não sabem equilibrar nada.

Então, nós precisamos acabar com essa imagem maldita de que o Nordeste tem que continuar pobre e miserável. Precisamos acabar com essa imagem. É por isso que, às vezes, eu vejo alguns companheiros do Sul contra. Agora mesmo nós aprovamos as ZPEs. Tem gente que é contra. Não pode ZPEs, porque ZPEs é Zona de Processamento de Exportação. Então, nós estamos pensando o quê? Como é que vai desenvolver uma parte do Nordeste, como é que a gente vai levar desenvolvimento para o Amapá, para o Acre? Como é que a gente vai levar. Não. Agora, quem já está desenvolvido não quer. E, às vezes, sabe o que eu fico pensando, meus companheiros deputados e senadores? É que, às vezes, eles são minoria, mas eles ganham no Congresso Nacional. Eu não sei como é que, muitas vezes, o Nordeste e o Norte cedem tanto aos desejos de outras regiões mais prósperas. Eu não sei como é que a gente cede tanto. É uma questão de maioria ou minoria, não é uma questão partidária. É uma questão de maioria ou minoria. Como é que a gente vai pensar no desenvolvimento regional?

Nós recuperamos a Sudene. Vamos colocar o dinheiro do Fundo de Desenvolvimento na Sudene, para que a Sudene possa cumprir a obra extraordinária que o nosso companheiro e saudoso Celso Furtado pensou quando criou a Sudene. Afinal de contas, essa é a nossa chance. Cássio, é impossível imaginar que a Transnordestina não vai ter um braço para a Paraíba, para o Rio Grande do Norte. Ela vai ter que ter, ou no meu governo ou em outro governo, vai ter que ter, Cássio, não tem jeito, porque é um processo de integração, ela será quase que o São Francisco ferroviário, porque ela tem quase 1.900 quilômetros de comprimento. Imaginem com um braço para a Bahia, para a Paraíba, para o Rio Grande do Norte, para Aracaju, o que a gente não pode desenvolver neste País! Mas é preciso querer que essas coisas aconteçam.

Por isso, companheiros e companheiras, eu queria terminar pedindo aos prefeitos o seguinte: Cássio, é preciso criar conselhos gestores do PAC nas cidades e no estado. Porque tudo o que eu sonho é que até fevereiro esse

dinheiro, que hoje soma 362 milhões de reais, esteja transformado em obras, que as máquinas estejam trabalhando, porque aí significa emprego, e emprego significa melhorar a qualidade de vida das pessoas que moram neste estado e nesta cidade, e significa, no fundo, no fundo, a gente perceber, Cássio, que a geração que virá depois do nosso governo, será melhor do que a nossa geração, mais bem-tratada, mais bem reconhecida.

Cássio, eu vou contar uma história para você. Algumas pessoas não gostam que eu conte, mas só para você ter idéia do que está acontecendo no Brasil, nesse instante: o Pronaf sai de R\$ 2 bilhões para, neste ano, nesta safra, ser R\$ 12 bilhões. Você é testemunha de que a Paraíba pegava R\$ 14 milhões e, já no último ano, pegou 100, e você torce para pegar 200 e eu torço para pegar 300 ou 400. Porque o Pronaf, até nós chegarmos no governo, senadores e deputados, era um programa bonito – nós não inventamos nada, foi um programa criado no governo anterior – mas era um programa só do Rio Grande do Sul. Ele chegava a Santa Catarina, pegava um pedacinho do Paraná e quase não chegava em São Paulo. Hoje, se vocês quiserem fazer um teste, percorram o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, e vocês vão perceber que o Pronaf chegou a todos os estados brasileiros. E vocês vão ver o estudo o IBGE: acabou o êxodo rural tal como era antes. Porque, na hora em que você leva luz, na hora em que você garante a compra do alimentos e na hora em que você melhora – não sei se o gerente do Banco do Brasil está por aqui, o superintendente, se não tiver vou dar um puxão de orelha nele, porque deveria estar aqui. Está aqui. Na hora em que você consegue fazer, eu, por exemplo, falei com o Lima Neto, no final do ano passado: “Lima Neto, eu não quero mais essa desgraceira de 80 letras para emprestar dinheiro para o Pronaf: é Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf D, Pronaf E, o cidadão tem que ser alfabetizado para poder pegar o dinheiro, porque é tanta letra”.

Bem, o Lima Neto concordou, o MDA concordou, o pessoal do movimento concordou. Aí, sabe o que aconteceu? Quando é agora, que nós vamos fazer a negociação, o Lima Neto me trouxe uma lista desse tamanho, do tamanho do mapa do Brasil, é tanta letra, tanta letra, que se o cidadão for fazer um concurso público e tiver que adivinhar metade daquelas siglas, ele já está reprovado. Aí eu falei: “Lima Neto, pelo amor de Deus”. Ele falou: “Presidente, nós vamos mudar em janeiro, nós íamos mudar agora, mas o sistema,

Presidente...”. Você conhece o sistema, não é? “O sistema, Presidente, está montado com essas letras todas e a gente não pode desmontar rapidamente. Mas a gente vai, em janeiro, montar com efeito retroativo”. Aí o cidadão não tem que saber mais de “A” ou “B”, ele tem que ter o empréstimo para custeio e o empréstimo para investimento e fim de papo. Não precisa de outras coisas.

Então, Cássio, meus caros deputados da Paraíba, meus caros senadores, secretários, se houver a compreensão de vocês, nós poderemos dar uma chance ao Brasil. Quem tiver bronca de mim, deixa para despejar esse ódio em 2010, já que eu não serei candidato mesmo. Mas nós fomos eleitos agora, vamos dedicar... Bom, já não dá, porque tem eleição no ano que vem, é uma desgraça. Em época de eleição, são seis meses sem a gente poder governar nada. Nós somos eleitos para quatro anos – você também, Coutinho, para quatro anos. Nós fomos eleitos, tomamos posse dia primeiro de janeiro, e quando chegar em junho do ano que vem, a gente não pode mais fazer convênio com as prefeituras. Então, pára qualquer investimento, são seis meses em que o governo federal não pode fazer nada com as prefeituras, nem com o governo do estado. Aí, temos mais um ano para governar, vêm as nossas eleições e mais seis meses em que a gente não pode fazer convênios com as prefeituras. Ou seja, em vez das eleições serem um benefício para a gente fazer mais investimentos, elas são um malefício, do ponto de vista da possibilidade de investimentos nos estados, porque fica paralisado.

Então, vamos aproveitar, nós temos quatro anos, e vamos definir com que imagem nós queremos passar para a história deste País, se nós queremos ser apenas mais um político dos tantos que este País já teve, ou se queremos passar para a história como a geração governante que mais investiu em energia elétrica, que mais investiu em eletrificação rural, que mais investiu em programa de seguro alimentar, que mais investiu em transferência de renda, que mais investiu em universidades, que mais investiu em escolas técnicas, que mais melhorou o salário do funcionário público, que melhorou e requalificou a questão dos professores brasileiros, e o Proeb veio exatamente para a gente mudar a história deste País. Então, eu acho que nós deveríamos definir um pouco. Quando terminar o seu mandato, qual é a imagem que você quer ter? Ser mais um? Qual é a imagem que os prefeitos querem ter? Qual é a imagem que o Presidente quer ter, os deputados e os senadores? Então, é

isso, companheiros, que nós podemos pensar.

Eu estou muito à vontade, porque quando a gente não tem eleições pela frente e não é candidato, a gente tira 600 quilos das costas. Eu, embora pareça gordo, estou leve que nem passarinho. E eu digo para vocês: só Deus pode me impedir de fazer que o pobre atinja a plenitude da cidadania neste País.

No mais, queridos, eu espero ser convidado pelos prefeitos, pelo governador, para que a gente possa, no ano que vem, vir aqui inaugurar a primeira obra do PAC – bom, já tem? –, a estrada ligando João Pessoa a Campina Grande fica pronta no final do ano. Então, já pode ser uma. Mas eu quero ver uma dessas de saneamento viu, Veneziano, Ricardo Coutinho, prefeitos, eu quero ver se a gente pode vir aqui no ano que vem, eu me conformo em vir cavar o primeiro buraco. Porque a gente anuncia o dinheiro aqui, mas depois tem que fazer licitação, depois o Tribunal de Contas entra com um processo contra, aí quando está tudo bem, o Ministério Público entra com um outro processo contra, é uma desgraceira. É um para construir e 30 para tentar evitar que a construção aconteça neste País.

De qualquer forma, meus filhos, eu sou teimoso, sou tihoso e vai acontecer o que precisa acontecer neste País.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos nós.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado de Sergipe

Aracaju - SE, 26 de julho de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Sergipe,
Meus queridos companheiros da cidade de Aracaju,
Meus amigos, eu queria, Marcelo Déda, que a gente se colocasse de pé para prestar uma homenagem, com um minuto de silêncio, às vítimas da tragédia do voo 3054 da TAM, que deixou 200 mortos em São Paulo.

Muito obrigado a todos, companheiros e companheiras.

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República e coordenadora do PAC,

Meu companheiro Márcio Fortes de Almeida, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Meu caro deputado Ulices Andrade, presidente da Assembléia Legislativa de Sergipe,

Desembargador Cláudio Déda Chagas, presidente em exercício do Tribunal de Justiça de Sergipe,

Meu caro Edvaldo Nogueira, prefeito de Aracaju, em nome de quem eu quero saudar todos os prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Meu caro companheiro senador Antônio Carlos Valadares,

Senador da Paraíba, José Maranhão,

Deputados Antônio Carlos Valadares Filho, José Iran Barbosa Filho, Manoel Júnior e Eduardo Amorim,

Meu querido companheiro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Élvio Lima Gaspar, diretor da área social do BNDES,

Meu querido companheiro Déda, ele nunca foi ex-presidente da República, mas presidente da Petrobras, o José Eduardo Dutra,

Minha querida companheira Maria Izabel Lima Cangirana, representante da Central de Movimentos Populares – CNP,

Meu caro Alex Barreto Santos, representante da União Nacional de Moradia Popular.

Eu queria começar dando um recado, tanto para a Maria Izabel Lima Cangirana quanto para o Alex Barreto, que representam os movimentos sociais na área de urbanização e na área de saneamento básico. Eu estava neste palanque conversando com a ministra Dilma e com o ministro Márcio, e disse que os 2 bilhões de reais que nós temos no FNHIS, que são 2 bilhões para habitação de interesse social, foram uma conquista do movimento social com aquela emenda popular, a primeira emenda popular aprovada no Congresso Nacional, que destinou esse dinheiro para que nós pudéssemos cuidar das pessoas que não podem pagar nada. E é justo, Dilma e Márcio, que na próxima semana ou nos próximos dias vocês convidem a direção nacional desses dois movimentos para que a gente possa discutir a aplicação dos 2 bilhões de reais, para serem investidos na área de interesse social.

Querida dizer aos companheiros, sobretudo aos prefeitos, vocês perceberam que aqui tem 50 prefeitos, mais ou menos, e só foi dado dinheiro para o prefeito da cidade de Aracaju. Não é verdade. A ministra Dilma disse para vocês que, além dos 2 bilhões de reais do FNHIS, também vão ser discutidas políticas para as cidades de até 150 mil habitantes. O PAC/Funasa tem três compromissos fundamentais. O primeiro deles é que nós vamos, até 2010, levar água potável e esgotamento sanitário a 90% das comunidades indígenas brasileiras, e vamos levar água potável e esgotamento sanitário para 50% dos quilombos já registrados e legalizados no nosso País. Vão sobrar, Déda, por volta de 3 bilhões e 400 milhões de reais, e com esses 3 bilhões e 400 milhões de reais nós vamos atender as cidades de até 50 mil habitantes, dando prioridade para aquelas que têm problema de malária, no Norte do País, e, no Nordeste, para as cidades e regiões que têm grande índice de doença de Chagas. Com esse dinheiro nós vamos até fazer reboco dentro das casas das pessoas, que é onde o bicho barbeiro se esconde para depois fazer a sua arte,

à noite. Então, nós vamos cuidar disso. As cidades de até 50 mil habitantes, também nesse programa do PAC/Funasa serão atendidas.

É importante deixar claro para vocês uma coisa. Eu sempre disse que no Brasil existia um tipo de político que não gostava de investir dinheiro em saneamento básico. Esse é um dinheiro, e os prefeitos sabem, que quando a gente faz a obra, não dá para escrever o nome de ninguém na manilha, porque ela vai ficar embaixo da terra. É um dinheiro que, quando a gente faz uma obra e termina, não tem onde colocar uma placa com o nome de um parente nosso, porque político adora homenagear parente, também. Uma ponte, por exemplo, tem mais visibilidade, você pode fazer um ato público para visitar uma ponte, mas não pode fazer um ato público para visitar uma manilha, porque ela está embaixo da terra.

Qual é o trunfo Déda, que vocês vão ter quando essas obras estiverem prontas? É que vocês não vão ter nenhum lugar para colocar uma placa com o nome de ninguém. Possivelmente, tem moradores que vão se mudar para aquela vila e não vão saber que foram vocês que fizeram aquela obra. Qual é o troféu que você vai poder mostrar ao seu filho, Déda, que tem 4 anos e que está ali? É daqui a 10 anos, você pegar uma criança de 10 anos de idade e lembrar que ela só está viva porque ali foi feito esgoto, porque ali foi colocada água potável. Esse é o grande troféu que a gente pode mostrar às futuras gerações. É que nós cuidamos de levar água boa para as pessoas beberem, é que nós cuidamos de fazer a coleta e o tratamento do esgoto, é que nós resolvemos tirar o esgoto a céu aberto das ruas para que as crianças pobres tenham o direito de brincar e ter saúde, para que a gente possa despoluir as praias para as pessoas andarem e tomarem banho sem pegar doença. Isso, Déda, é uma política que muitas vezes não se quis fazer no Brasil.

É por isso que nós temos um estado como este, com praias belíssimas, preparado para receber, desde gente de Garanhuns a gente da Suécia, preparado para receber qualquer estrangeiro. E, muitas vezes, a gente não oferece a segurança sanitária para que as pessoas possam vir aqui. Tem gente que gostaria que nós estivéssemos investindo esse dinheiro em outras coisas que tivessem mais visibilidade, porque no Brasil, eu volto a repetir, pobre só é lembrado em época de eleição. Em época de eleição pobre é igualzinho a um banqueiro mas, depois das eleições, o pobre é esquecido. Nós precisamos ter

consciência. Iremos pagar o preço que tivermos que pagar, iremos enfrentar os preconceitos que tivermos que enfrentar mas, no nosso governo, o pobre vai ser tratado como gente, vai ser tratado com dignidade, as pessoas terão os seus direitos respeitados. É por isso que nós estamos fazendo o investimento de 106 bilhões de reais e, só para saneamento e urbanização, 40 bilhões de reais. Eu poderia pedir ao senador José Maranhão, poderia pedir ao senador Valadares, poderia pedir aos deputados: adentrem nos computadores da Câmara e do Senado, adentrem nos orçamentos da União de todo o século passado e vejam se, em algum momento, houve um governo que colocasse a quantidade de dinheiro que nós estamos colocando para cuidar da saúde desse povo. Investir no tratamento da água, investir em saneamento básico é investir na saúde porque para cada real investido em saneamento são três reais que a gente não precisa investir na área da saúde.

Portanto, companheiros e companheiras, companheiro Déda, companheiros prefeitos e companheiro Edvaldo, o dinheiro está disponibilizado. Eu peço a Deus, Déda, que de setembro até fevereiro a gente tenha esse dinheiro contratando máquinas, gerando empregos, distribuindo renda e melhorando a qualidade de vida das pessoas. Tem gente, Déda, que não sabe o que é saneamento básico porque nunca viveu em situações adversas.

Eu digo sempre, eu nasci perto de um açude. Não era um açude, era uma cacimba, era uma coisinha pequena e, cada vez que a gente colocava o balaio no jumento para ir buscar um pote de água, a gente trazia metade de água, metade de lama, misturada com fezes de cabrito, de vaca, de cavalo, e com caramujo. Naquele tempo não tinha filtro, negócio de filtro é chique, mas não tinha. A gente colocava um pano para coar, e depois deixava aquela água assentar. Quando ela assentava, a gente tirava com uma canequinha, colocava num outro pote e ficava com um palmo de lama e de caramujo naquele primeiro pote. Era por isso que naquela época, e ainda hoje no Norte e no Nordeste, você encontra crianças pequenas com a perninha desta grossura e com a barriga deste tamanho. Eu era assim, Déda, fiquei bonito depois de velho, mas eu era assim. Cheguei em São Paulo com sete anos, as canelas pareciam as canelas de um sabiá, mas a barriga parecia a barriga de um gavião. Puro verme, doença de falta de água tratada. É por isso que as crianças perdem os dentes. Quando você anda no Nordeste e vê uma menina

de 16, 17 anos, um menino com 18 anos com vergonha de rir na frente da gente, é porque já faltam quatro ou cinco dentes. Isso é resultado da qualidade da água que eles bebem, além de outras coisas que nós estamos resolvendo com o Brasil Sorridente.

Então, Déda, o que eu quero de você, na verdade, o que eu quero de você, Edvaldo, o que eu quero dos prefeitos – esse dinheiro está disponibilizado – pelo amor de Deus, vamos transformar esse dinheiro em água tratada, em saneamento básico, em urbanização de favelas, para que a gente possa melhorar a vida do nosso povo.

A todos vocês um grande abraço, eu voltarei em Sergipe para inaugurar a primeira obra. Voltarei aqui para inaugurar a primeira obra com o povo. Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.



Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e TV, sobre o acidente com o avião da TAM no aeroporto de Congonhas

Minhas amigas e meus amigos,

Nós, brasileiros, estamos vivendo dias muito tristes, sob o impacto do acidente com o avião da TAM, em Congonhas, que ceifou a vida de tantos compatriotas. Estamos todos, homens e mulheres, de Norte a Sul do Brasil, com o coração sangrando.

Sei que nada iguala o sofrimento das famílias que perderam seus entes queridos no acidente, mas, em nome dos brasileiros e brasileiras, quero dizer que sentimos suas perdas como se fossem nossas.

Choramos e nos revoltamos junto com vocês. Não conseguimos aceitar a tragédia e eu, pessoalmente, sofro como pai, como esposo e como presidente. Acima de qualquer outra consideração, é hora de dar todo carinho e apoio às mães, aos pais, aos filhos, aos parentes e aos amigos dos passageiros e tripulantes do vôo 3054 e dos funcionários da TAM que morreram na tragédia. Que nosso carinho e nossa solidariedade possam ajudar a aliviar a dor irreparável que estão sentindo.

Nada que se possa fazer trará de volta aqueles que amamos e perdemos, mas quero que todos saibam que o governo está fazendo e fará o possível e o impossível para apurar as causas do acidente. A Aeronáutica já iniciou as investigações. Por determinação minha, a Polícia Federal também está trabalhando no caso. Todas as hipóteses serão examinadas.

Não se pode condenar ou absolver quem quer que seja com base em opiniões apressadas. Não se deve abandonar nenhuma linha de investigação por antecipação. Estou seguro de que, em breve, o País terá as informações que precisa e merece.

Como presidente, quero garantir às famílias que, além da apuração



rigorosa dos fatos, estamos tomando todas as providências ao nosso alcance para diminuir os riscos de novas tragédias. É dentro desse compromisso que anuncio à nação algumas decisões tomadas hoje pelo Conselho de Aviação Civil:

1 - Mudança do perfil operacional do Aeroporto de Congonhas, com diminuição do número de vôos e restrição ao peso das aeronaves. Embora Congonhas atenda a todas as normas internacionais de segurança, isso não basta. Como o Aeroporto foi cercado por todos os lados pela cidade de São Paulo, ele precisa obedecer a medidas de segurança ainda mais severas. Congonhas deve ser um aeroporto voltado para a aviação regional e ponte aérea. Não pode mais ser um ponto de distribuição de vôos, conexões e escalas, como vinha acontecendo. Essa missão na área de São Paulo deverá ser atribuída a Guarulhos e Viracopos.

2 - Fortalecimento da Agência Nacional da Aviação Civil, a Anac, para que atue mais efetivamente em defesa dos interesses dos usuários do sistema nacional.

3 - Intensificação das medidas de modernização do controle de tráfego aéreo.

4 - Definição, em 90 dias, do local da construção de um novo aeroporto na região de São Paulo.

5 - Exigência de que as companhias aéreas tenham sempre, de sobreaviso, em regime de contingência, aeronaves e tripulações para ser acionadas em caso de necessidade.

Meus amigos e minhas amigas,

No momento em que anuncio estas medidas, peço serenidade a todos os brasileiros. Nosso sistema aéreo, apesar dos investimentos que fizemos na expansão e na modernização de quase todos os aeroportos brasileiros, passa por dificuldades. E seu maior problema hoje é a excessiva concentração de vôos em Congonhas. E é isso que precisamos resolver imediatamente. O nível de segurança do nosso sistema aéreo é compatível com todos os padrões



internacionais. Não podemos perder isso de vista.

Meus amigos e minhas amigas,

Na apuração dos fatos, estamos trabalhando com rigor e serenidade, sem precipitações. Rigor para conhecer a verdade. Serenidade para não cometer injustiças. Da mesma forma que não podemos ficar impassíveis perante a dor e os riscos à segurança dos brasileiros, não podemos tomar atitudes precipitadas.

Com as medidas que anuncio hoje e com outras providências que o governo irá tomar nos próximos dias, tenho certeza de que o nosso sistema aéreo voltará a se adequar às necessidades do País. Quero expressar, em nome de todo o povo brasileiro, meus agradecimentos aos bombeiros, à polícia, à defesa civil e aos funcionários do Instituto Médico Legal de São Paulo, que vêm trabalhando duramente nos últimos dias.

Encerro falando especialmente ao coração dos brasileiros que perderam entes queridos na tragédia. Sei que não há palavras para confortá-los nesta hora. Peço a Deus que dê força a todos vocês para superar o sofrimento.

Que Deus nos abençoe a todos. Boa noite.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado do Piauí

Teresina-PI, 27 de julho de 2007

Meu querido companheiro Wellington Dias, governador do estado do Piauí, e nossa companheira, sua esposa, Rejane Dias,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, e meu querido companheiro Márcio Fortes de Almeida, ministro das Cidades,

Meu caro Wilson Martins, vice-governador do estado do Piauí,

Meu caro deputado Temístocles Sampaio Filho, presidente da Assembléia Legislativa do Piauí,

Meu caro João Vicente Claudino, senador da República pelo estado do Piauí,

Deputados federais Antônio José Medeiros, Átila Lira, Frank Aguiar, Nazareno Fonteles, Osmar Júnior, Paes Landim e Professor Sétimo,

Meu caro Sílvio Mendes, prefeito de Teresina,

Meu companheiro Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro Elvio Lima Gaspar, diretor da área social do BNDES,

Companheiros e companheiras secretários de estado e secretários municipais,

Meus caros deputados,

Vereadores,

Meus caros prefeitos Alcindo Piauilino, de Bom Jesus do Gurguéia; José Hamilton, de Parnaíba; João da Cruz, de Palmeiras; Afonso Henrique, de Jerumenha; Moacir Amorim, de Redenção do Gurguéia; Leodete Soares, de Barreiras; Manoel Camelo, de Júlio Borges; Juraci Alves Rodrigues, de Marcos Parente; Ernani Paiva, de Santa Filomena; João Barros, de Correntes; Luzinaldo Guedes, de Sebastião Barros; Chico Filho, de Uruçuí; João Falcão Neto, de Cristino Castro; João Batista Costa, de Antônio Almeida; Evaldo

Lobato, de São Gonçalo do Gurguéia; Djalma Brito, de Currais; José Lima, de Santa Cruz; Aracélia Souza, de Bertolina; Alcino Sá, de Landri Sales; Márcio Neiva, de Porto Alegre do Piauí; João Antunes, de Ribeiro Gonçalves. Cumprimentando esses prefeitos, eu cumprimento os demais companheiros que não estão na minha nominata aqui;

Quero cumprimentar a nossa querida Josefa Francisca de Lima, a Zefinha, presidente da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários,

Quero cumprimentar o companheiro Raimundo Mendes da Rocha, presidente da Federação das Associações de Moradores do Estado do Piauí,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Meus companheiros,

Minhas companheiras.

Vamos ao que interessa, que é falar um pouco com vocês, aqui, de longe. Porque o Wellington tem razão: o pessoal do cerimonial, que montou o palanque, fez com que todos nós estejamos com o pescoço torto de olhar para cá sem conseguir ver quem está falando. Da próxima vez, é só colocar o púlpito para a frente, que facilita a vida dos oradores.

Mas, meus companheiros prefeitos e prefeitas, deputados, meu querido povo do Piauí – eu vi, ali, o meu companheiro Ribamar levantando o dedo para mim, eu estou levantando o dedo para você também, Ribamar. Meus companheiros, que a gente chama de “portadores de deficiência”, meus companheiros cadeirantes que estão aqui presentes, minhas companheiras. Eu não vou terminar o dia fazendo discurso, não. Eu queria dar um testemunho. Esse moço, aqui, quando ele deixar de ser governador, ele pode ser senador, pode ser deputado, pode ser candidato a presidente, pode ser o que ele quiser, mas ele tem uma especialidade, que eu acho que ele precisa saber como cuidar dela. Não tem ninguém neste País que tem a competência de arrancar dinheiro do governo federal como este companheiro aqui. E não é porque ele é do PT, porque o PT tem outros governadores, olha o jeito dele. Ele, quando quer uma coisa, vai para Brasília, fingindo que não quer nada, telefona para o Gilberto Carvalho e fala: “Gilberto, fala para o companheiro Lula que eu quero

falar com ele”. O Gilberto fala: “Mas não tem agenda, Wellington, o Lula está viajando”. “Eu espero, eu não vou embora, eu vou ficar por aqui, eu vou visitar a Dilma, eu vou visitar o Ministro dos Transportes, eu vou visitar o bispo, eu vou visitar não sei quem. Quando é que ele chega? Amanhã? Então, amanhã eu estou aqui, eu espero, eu tenho paciência”. E, daqui a pouco, entra na minha sala dizendo assim: “Eu consegui um pouquinho no Ministério dos Transportes, eu consegui um pouquinho com a Dilma, eu consegui um pouquinho com o Márcio Fortes, das Cidades, eu consegui um pouquinho com o Paulo Bernardes, eu já conversei com o Guido Mantega, eu fui não sei onde, já conversei com o Patrus, já fui no MDA, já passei no Ministério da Agricultura”. Ou seja, ele é capaz de, em dois dias, conversar com os ministros que eu, Presidente, não consigo conversar em seis meses.

Daí porque eu quero dizer para vocês que é motivo de orgulho. Primeiro, ter um governador de estado que tem a competência de não fazer diferença entre aqueles que são do seu partido e aqueles que não são. Até porque, como governador do estado, ele tem que olhar é para o povo da cidade e não para o prefeito. E, ao mesmo tempo, eu sei que tem gente aqui que não quer te ajudar também, porque o mundo não é feito só de gente boa, que quer ajudar, o mundo é feito de gente que também quer atrapalhar. Mas este moço conseguiu, com a presença desses companheiros deputados aqui, do nosso senador, dos deputados estaduais, provar que é possível fazer política sorrindo, de que é possível fazer política com bom humor, de que não é preciso levar ódio para ninguém, de que não é preciso ficar criticando ninguém todo santo dia, mas apenas ter a competência de defender os interesses do seu povo.

E o orgulho que eu tenho é que eu conheço este estado desde 1979. E toda vez, Dilma, que a gente queria escolher uma cidade pobre para a gente mostrar a pobreza do Brasil, a gente vinha para o estado do Piauí escolher essa cidade pobre. E, hoje, eu tenho clareza de que ainda não acabamos com a pobreza, tenho clareza, prefeito. Mas eu tenho a certeza de que nunca, em nenhum momento da história deste País, pode juntar todos os governos militares, pode juntar todos os que vieram antes dele, pode juntar todos que vieram depois, nunca houve o investimento que nós, junto com o nosso governador, fizemos no estado do Piauí. Eu duvido que a agricultura familiar,

em 100 anos, tenha sido tratada com a decência que foi tratada nos primeiros quatro anos do meu mandato e que vai ser mais tratada no segundo mandato.

Eu só tenho uma bronca do Wellington: desde que eu o conheço eu peço para ele me levar um dia para molhar os pés no Delta do Parnaíba, e ele nunca me levou. A gente vem para cá, é só reunião, é só comício, é só papel, e nada de molhar o pé no Delta. Graças ao prefeito que agora me convidou, eu vou passar por aqui, sem avisar para o Wellington, e vou direto. Até porque agora tem aeroporto lá, e eu não preciso passar aqui para te pegar, eu vou direto, quando você souber eu vou estar lá, tomando um banho de sol e conhecendo o Delta do Parnaíba.

Meu companheiro Luiz Edwirges, tudo bem? Dilma, esse par de periquitos Australianos que você está vendo aqui, o Ribamar e o Luiz Edwirges, são companheiros fundadores do PT desde 1980, que onde eu venho eu encontro essa dupla de periquitos Australianos. Parece uma dupla mais de quero-quero. Ou seja, se tivesse que pegar o Wellington e dar um nome de um passarinho para ele, seria aquele quero-quero, porque eita bichinho esperto para querer as coisas! E já ensinou ao prefeito. Você vê que o prefeito estava aqui muito feliz, sorridente, porque vai ter R\$ 90 milhões para fazer saneamento básico, mas já meteu uma ponte ali, na minha mão. E nós vamos cuidar com carinho, prefeito, porque eu acho que a ponte é importante para a cidade, nós vamos tratar com carinho, vamos ver de onde nós arrancamos o dinheiro para fazer a ponte.

Eu queria, companheiros, dizer para vocês o seguinte: quando a gente governa um país, a gente mais ou menos governa um país como um pai sério ou uma mãe séria governa uma casa. A gente não gosta mais de um filho do que do outro, porque um filho é mais bonzinho ou menos bonzinho. Um presidente da República não trata um governador porque é do PT, ou porque é do PFL, até porque a gente não é obrigado a tratar bem o governador, a gente é obrigado a tratar bem o povo que aquele governador governa.

E, obviamente, essas obras do PAC que você viu esses dias na imprensa dizendo: "Governo privilegia prefeituras do PT", a má-fé é tanta, que as prefeituras do PT que eles disseram que nós beneficiamos, o prefeito da capital é de São Paulo e é do PFL, e o governador é do PSDB, e no PAC de São Paulo são quase 8 bilhões de reais. Lógico que o PT governa Osasco,

Guarulhos, Santo André, Diadema, mas os outros partidos governam Mauá, São Caetano, São Bernardo do Campo e tantas outras cidades. Se você vai a Minas Gerais, no PAC de Minas Gerais foram 4 bilhões de reais, e o governador é do PSDB. No PAC do Rio de Janeiro foram 4 bilhões de reais, e o governador é do PMDB, e o prefeito do PFL.

Ora, meu Deus do Céu! A minha divergência com o governador, ou com o prefeito termina quando abrem as urnas. Quando abrem as urnas, quem ganhou, ganhou, quem perdeu, perdeu, e a gente tem que governar. É para isso que nós fomos eleitos.

E quero te dizer, Wellington, quero te dizer, companheiros prefeitos, que dá prazer colocar dinheiro no estado do Piauí. Quero dizer para vocês que dá prazer, porque eu sei que este homem aqui, na relação dele com os prefeitos deste estado, cada centavo que entra aqui eu sei que tem um destino correto e ele não está preocupado a que partido político pertence o prefeito.

O PAC, vocês estão vendo ali, o PAC é o programa mais importante já elaborado neste País. São 504 bilhões de reais. E nós estamos destinando R\$ 40 bilhões para saneamento básico. Quem é deputado, quem é prefeito, quem é senador, poderia pesquisar nos anais da Câmara dos Deputados ou do Senado, se desde que Marechal Deodoro proclamou a República neste País tem um investimento na área de saneamento básico como o que nós estamos fazendo.

E por que estamos fazendo, prefeito? Porque, normalmente, no Brasil, político não gosta de fazer saneamento básico, porque o saneamento básico pressupõe uma manilha embaixo da terra e não dá para colocar o nome da mãe, da avó, do avô na manilha, então as pessoas não gostam de fazer. Mas nós estamos fazendo, não apenas porque eu sou nordestino, porque eu sei o que é isso. Eu sei o que é o efeito de uma água tratada na vida de uma pessoa, eu sei o que é viver enchente. Entre 1964 e 1966, eu tive, pelo menos, umas oito enchentes na minha vida, a última era um metro e meio de água dentro da minha casa. E quando eu vim aqui com você, meu caro, que eu vi aquele povo dentro da água, eu sei o que é acordar meia noite com água batendo no colchão, com rato correndo, nadando dentro de casa, com barata, com fezes passando perto da gente, e a gente ter que levantar de madrugada para levantar as coisas para não perder. E, naquele tempo, o movimento social

não era organizado, não. Se o prefeito fosse bom, dava um colchão de capim para gente. Se não fosse bom, a gente tinha que começar a comprar tudo outra vez, como acontece hoje em muitos lugares, eu tenho clareza disso.

Agora, o que eu digo todo santo dia: qual é o troféu que a gente conquista quando investe no saneamento básico? Primeiro, na hora em que chega a água na casa das pessoas, as pessoas começam a melhorar a sua dentição, as crianças não vão ter mais a quantidade de cáries, os dentes não vão cair, as pessoas vão ficar mais bonitas, porque vão poder sorrir para o seu apaixonado ou para a sua apaixonada sem precisar botar a mão na frente da boca, como acontece neste País. E, ao mesmo tempo, o troféu que a gente tem, prefeito, é que quando a gente andar pelas ruas, daqui a cinco ou seis anos, que a gente vir uma criança bonitinha, gordinha, correndo na rua, a gente vai falar: “Essa criança está bonita porque não está correndo mais em rua com esgoto a céu aberto, porque está bebendo água boa, porque não está pegando doenças como pegava antigamente”. Porque as crianças têm diarreia, e ainda morrem muitas crianças com doenças causadas pela falta de saneamento básico.

Eu quero, meu querido companheiro Wellington, Deus me deu a oportunidade e deu a oportunidade a você de nós sermos governantes juntos – começa o seu mandato e começa o meu, você ganha a reeleição, eu ganho a reeleição – portanto nós temos mais quatro anos. Eu não quero mais fazer comparação com o passado. Eu agora quero pensar o seguinte: no dia 31 de dezembro, quando nós dois deixarmos o governo, a gente tem que saber qual é a imagem que este povo vai ter da gente, a gente vai ter que saber qual é o legado que a gente deixou para este povo. E eu estou convencido, eu conheço um pouco a classe política do Piauí, historicamente eu conheço um pouco, e eu não tenho dúvida nenhuma de que a história deste estado vai ser medida antes do Wellington e depois do Wellington. Vai ser medida, porque eu tenho consciência do papel, do sofrimento dele, da angústia dele de ajudar o pequeno. Não é que ele não liga para o grande, não, ele liga para todo mundo, porque ele governa para todo mundo. Mas é preciso que a gente se lembre sempre, a gente pode ter 10 filhos, os 10 bonitos, mas se tiver um mais fraquinho, é daquele que a gente vai cuidar. E a gente, embora governe para todos, a gente tem que olhar, em primeiro lugar, para os mais pobres, a gente

tem que olhar para aqueles que têm menos possibilidades, porque são eles que precisam do Estado.

Há uma coisa, prefeito, que é uma hipocrisia neste País. Quando um governo dá bilhões para um empresário, a imprensa trata assim: “Governo faz investimento”. Quando a gente dá um tostão para os pobres, a manchete é: “Governo gasta demais”, como se dar dinheiro para pobre não fosse investimento. O maior investimento que um governo pode fazer é fazer com que as pessoas estejam de barriga cheia, é fazer com que as pessoas tenham escola de qualidade, é fazer com que os pobres tenham oportunidade de chegar à universidade, é fazer com que as pessoas tenham oportunidade de ter um emprego na vida, e é isso que nós vamos fazer. Podem ficar certos, nós temos três anos e meio, se nós já demos uma surra nos nossos adversários pelo que fizemos em quatro anos e meio, quando a gente não tinha tanta experiência, eles vão ver agora, nestes próximos quatro anos, o que a gente vai fazer neste País.

Quero, Wellington, te dar os parabéns. Quero dar os parabéns aos prefeitos e dizer para vocês que todos nós devemos ao ministro Márcio Fortes e a esta extraordinária ministra Dilma Rousseff o que nós estamos fazendo hoje pelo Brasil afora com o PAC.

Muito obrigado, prefeitos, deputados, muito obrigado meus companheiros e minhas companheiras do Piauí.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado do Rio Grande do Norte

Natal - RN, 27 de julho de 2007

Eu queria aproveitar que vocês estão em pé para que a gente possa, aqui do Rio Grande do Norte, prestar a devida homenagem às vítimas da tragédia do voo 3054 da TAM, onde tinha uma família do Rio Grande do Norte. Eu vi hoje no jornal que ela será enterrada em Diadema, São Paulo. E também ao nosso companheiro Nélio Dias. Então, eu queria pedir um minuto de silêncio em homenagem às vítimas da tragédia e ao Nélio.

Minha querida companheira Wilma Maria de Faria, governadora do estado do Rio Grande do Norte,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Iberê Paiva Ferreira de Souza, vice-governador do Rio Grande do Norte,

Meu caro deputado Robson Faria, presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte,

Meu caro senador Garibaldi Alves Filho,

Deputados e deputadas federais,

Deputada Fátima Bezerra,

Deputada Sandra Rosado,

Deputado Fábio Faria,

Deputado e líder do PMDB, Henrique Eduardo Alves,

Deputado João Maia,

Deputado Rogério Marinho,

Meu caro Carlos Eduardo Nunes Alves, prefeito da cidade de Natal,

Dom Matias Patrício de Macedo, arcebispo de Natal,

Meu querido Jorge Hereda, vice-presidente da Caixa Econômica

Federal,

Meu caro Élvio Lima Gaspar, diretor da área social do BNDES,

Meu caro José Zenóbio Teixeira, diretor-geral da Agência de Desenvolvimento do Nordeste,

Meus amigos e minhas amigas deputados estaduais,

Meus caros prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Eu vou citar o nome daqueles que estão na minha nominata.

Quero cumprimentar o Agnelo Alves, prefeito de Parnamirim,

Quero cumprimentar o Cid Arruda Câmara, de Nova Cruz,

Quero cumprimentar o Jarbas Cavalcanti Oliveira, de São Gonçalo do Amarante,

Quero cumprimentar José Marciolino de Barros Lins Neto, de Currais Novos,

Quero cumprimentar Maria de Fátima Rosado Nogueira, de Mossoró,

Quero cumprimentar Maria Gorete Leite, de João Câmara,

Quero cumprimentar Norma Ferreira Caldas, de São José de Mipibú,

Quero cumprimentar Ronaldo da Fonseca Soares, de Açu,

Quero cumprimentar o Salomão Gurgel Pinheiro, de Janduís,

Quero cumprimentar a Marlene Naldi Barbalho, prefeita em exercício de Goianinha.

Cumprimentando esses prefeitos, quero estender o cumprimento a todos os demais prefeitos e prefeitas que estão aqui e não tiveram os seus nomes colocados na nominata,

Quero cumprimentar o padre Robério Camilo, vigário-geral da Arquidiocese de Natal,

Quero cumprimentar o Caio Marcelo dos Anjos Veras, representante da Confederação Nacional das Associações de Moradores,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar os secretários municipais, vereadores,

Quero cumprimentar os jornalistas aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu estava assistindo à assinatura de protocolo e, ouvindo os discursos dos companheiros que falaram antes de mim, começo a perceber que com

todos os problemas que nós temos, estamos nos transformando, aos poucos, num País com uma classe política cada vez mais civilizada e cada vez mais compreendedora de que a gente tem momentos de brigas, tem momentos de disputas, tem momentos de eleições e, depois, temos os momentos de cumprir as promessas que fizemos ao povo durante o processo eleitoral.

Como presidente da República, às vezes a gente fica um pouco preocupado e até indignado, porque às vezes um cidadão de oposição acha ruim quando o governo federal faz obras para a cidade de uma pessoa ou de um estado que é adversário dele, seja na Câmara ou no Senado, e as pessoas pensam que é possível governar um país levando em conta a pequenez de alguém que fala: “Olha, presidente, não dá dinheiro para tal cidade, porque aquela prefeita é nossa inimiga” ou “não dá dinheiro para aquele estado porque o governador não gosta do senhor”, ou “não faz isso porque tal prefeito é meu adversário”. Ora, governar o País não é fazer desta imensa pátria uma República como se fosse um clube de amigos governando apenas para aqueles que cercam o presidente da República, o governador, a governadora ou o prefeito.

Esse tempo de mesquinha aos poucos vai acabando, porque a sociedade também vai evoluindo, porque a sociedade também vai percebendo porque ao longo de tantos e tantos anos as coisas não acontecem como durante décadas se prometeu ao povo deste País. Quando eu digo que está mudando, é porque o PAC é uma demonstração das coisas que são possíveis fazer.

Nós começamos a pensar o PAC em outubro de 2006. Não pudemos anunciá-lo porque eu não queria que ele fosse confundido com o processo eleitoral de 2006. Se eu dissesse em setembro que a gente ia fazer um programa de aceleração da economia, certamente os meus adversários iriam dizer: “Olha, isso é bobagem, isso é campanha eleitoral, está falando isso porque é candidato”. E aí todos os companheiros que disputassem nos estados, que acreditassem e defendessem, e os que não acreditavam, passariam a falar que o PAC não existiria.

Como ser presidente da República é como ser um chefe de família, e normalmente o pai ou a mãe têm mais paciência do que os filhos, normalmente eles reivindicam mais do que a gente pode dar, e a gente pode achar ruim, mas

não pode nem falar. Governar é um pouco isso, é a gente exercitar a arte do possível, a arte da competência de deliberar as coisas que são importantes e a arte da paciência para fazer as coisas sem perceber que o nervosismo do cotidiano te permite tomar decisões precipitadas. Então, nós esperamos o PAC até o dia 22 de janeiro de 2007, depois que nós ganhamos as eleições sem o PAC. O PAC é para a próxima, ou seja, por enquanto nós não precisamos do PAC. Quando nós fizemos o PAC, eu disse à ministra Dilma, ao ministro Márcio – nós estamos falando aqui do PAC de saneamento básico, do PAC de habitação, mas nós temos o PAC de rodovias, de ferrovias, de gasodutos, de aeroportos, de portos e de muitas outras coisas mais – então, eu disse para a Dilma e para o Márcio: Olha, é importante que a gente não repita os erros que aconteceram historicamente no Brasil, pelo menos nas últimas duas décadas.

O Prefeito de Parnamirim disse bem, nem todo mundo gosta de fazer obra que enterre o dinheiro embaixo da terra. É uma cultura. É muito melhor fazer uma ponte, um viaduto. Você faz uma coisa que fica visível, você pode pintar a cada final de ano. Aí você escolhe logo um parente e coloca o nome lá: Ponte Lula, Ponte Dilma, vai colocando, ou seja, é um pouco da pequenez política do nosso País, que é uma questão cultural. E isso, para ser mudado, é um processo de aprendizagem, não se muda por decreto. Veja que D. Pedro tentou fazer a transposição das águas do rio São Francisco em 1847, até hoje não deixaram ele fazer. Pois bem, eu, que não sou imperador, não sou príncipe, sou apenas um retirante nordestino que virou presidente e conhece a realidade do Nordeste, vou fazer. E vou fazer porque não tenho duas caras. Eu não sou daqueles que prometeram fazer e, quando chegavam aqui no Rio Grande do Norte, faziam discurso para ser aplaudido por vocês; quando chegavam no Ceará, faziam discurso favorável para ser aplaudido pelos cearenses; quando chegavam em Pernambuco, já tinham medo porque metade de Pernambuco queria e metade não queria; quando chegavam na Bahia, tinham medo, não falavam; quando chegavam em Alagoas, tinham medo e não falavam; quando chegavam em Sergipe, tinham medo e não falavam.

Eu não tenho duas caras e não acho que o rio São Francisco tenha um dono, o rio São Francisco é um rio nacional e a riqueza daquele rio é de 190 milhões de brasileiros. Por isso, nós precisamos levar água para aqueles que não têm. E pedir compreensão. Eu digo sempre que, se eu pudesse, eu iria na

boca do Oceano Atlântico, e na hora em que ninguém falasse mais da água do São Francisco, trazia ela de volta para o semi-árido nordestino. Ora, dos milhões de metros cúbicos que ele joga por segundo no mar, eu quero apenas um metro e meio, dois metros cúbicos por segundo, para levar água para 12 milhões de nordestinos, para tornar os açudes perenes e para fazer com que este País seja um pouco mais justo na distribuição das possibilidades, das oportunidades e também na distribuição de riquezas.

Pois bem, na questão do PAC eu disse para a Dilma, para o Márcio e para a assessoria do Márcio: nós precisamos, primeiro, não repetir o erro daquele governo que faz um ato pomposo em Brasília, anuncia bilhões e bilhões, passam os anos, e aqueles bilhões não são liberados. E não são liberados não é por maldade, não são liberados porque às vezes a gente anuncia a liberação de verba e depois descobre que não tem projetos. Os projetos são demorados. Depois, quando o projeto está pronto, a gente descobre que não tem licença prévia. Aí, a gente descobre que, quando está tudo pronto, o Ministério Público entra com uma ação, tentando fazer com que tenha alguma coisa errada. E, às vezes, o dinheiro fica dois, três anos disponibilizado no Tesouro e não acontece absolutamente nada. Quem aqui é tesoureiro de alguma coisa sabe: tudo o que o ministro da Fazenda, o secretário da Fazenda do estado ou o secretário da prefeitura quer é que o prefeito, o presidente ou o governador não gaste o dinheiro. O que ele prefere é ficar com o dinheiro lá. É tudo que interessa para quem toma conta do dinheiro.

Pois bem, então nós usamos a metodologia. Nós fizemos um levantamento das principais coisas das principais cidades brasileiras e a decisão foi fazer a região metropolitana, porque a gente entende que é na região metropolitana que estão concentrados os grandes problemas do Brasil: grandes problemas de criminalidade, de marginalidade, de violência, de saneamento básico, uma série de coisas.

Houve um tempo, Governadora, em que favela era uma coisa poética. Quem não se lembra de “Saudosa Maloca”? Quem não se lembra de “Barracão de Zinco”? Mas hoje, na favela, embora more uma maioria de pessoas honestas e trabalhadoras, pelas suas dificuldades geográficas e pela degradação, hoje a gente percebe que as favelas mais violentas são

reprodutoras de mais violência, de jovens que não têm oportunidades, de jovens que moram apinhados.

Um cidadão que mora na cidade de Janduis e não tem saneamento básico, ainda tem área verde, ainda tem terra de sobra, tem tudo. Agora, um cidadão que mora apinhado numa palafita, numa favela, mora com uma família de oito ou nove, num quarto de 3x3. Ali ele come, ali ele defeca, ali ele dorme, é um mundo cão levado às últimas conseqüências. Então, era preciso atacar esse grande problema, para ver se a gente consegue tornar menos sofrível a vida de uma parcela enorme da sociedade brasileira.

Para fazer o PAC, nós chamamos os governadores, porque também poderíamos ter feito um pacote de cima para baixo, chegar aqui e falar: Governadora, tem aqui 10 “contos” para a senhora, vamos entregar isso aqui. Não. Chamamos a Governadora, chamamos os prefeitos, mostramos os projetos, discutimos, fizemos os ajustes. Eu quero dar parabéns à Governadora porque, realmente, o Rio Grande do Norte é um estado com as contas acertadas e, por ter as contas acertadas, ela pôde contrair empréstimos que outros estados não puderam, viu, Wilma? Veja uma coisa, o estado do Rio de Janeiro tem menos capacidade de endividamento do que você. Significa que as coisas aqui andaram bem. É por isso que tem menos dinheiro do Orçamento da União e tem mais dinheiro de financiamento. Outros estados não têm condições, então, nós fomos obrigados a colocar mais dinheiro do Orçamento e menos dinheiro de investimento.

Nós também não aceitamos a idéia de que: “Ah, mas esse PAC está sendo lançado aqui porque a Wilma é do PSB, aliada do Presidente”, ou “foi lançado na Bahia porque o Wagner é do PT”. Bobagem, o primeiro PAC foi lançado em São Paulo, onde o governador é do PSDB e o prefeito é do PFL. O segundo PAC, a gente lançou em Minas Gerais, onde o governador é do PSDB. O terceiro PAC que nós lançamos foi no Rio de Janeiro, onde o companheiro Sérgio Cabral é do PMDB e o prefeito é do PFL. Portanto, é uma bobagem ou pequenez de quem pensa ou de quem escreve que o presidente da República e seus ministros tomam decisão de investimento em função do partido a que pertence um prefeito. Até porque o prefeito pode pertencer a um partido, o vereador pode ser de um partido, mas o povo pertence a este País, a este estado e à cidade, e nós precisamos cuidar deles, sem pequenez política.

Por isso estamos aqui. Ontem nós fomos à Paraíba, onde o governador também é do PSDB, fomos à Sergipe, onde é do PT. Vou ao Piauí, depois nós vamos ao Pará e ao Amazonas. Depois nós vamos a Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. E, quando eu voltar de uma viagem que vou fazer ao México, Nicarágua, Honduras, Jamaica – talvez eu passe um dia em Cuba, se der certo na minha agenda – Panamá, aí nós vamos ao Rio Grande do Sul, a Santa Catarina e ao Paraná para fechar o PAC. E por que nós temos pressa? Porque agora, como está tudo arrumadinho, já tem dinheiro disponibilizado – e a prefeitura de Mossoró ainda vai ser premiada com um contrato assinado com dinheiro do FNDE, o Fundo de Desenvolvimento para o Nordeste, de uma empresa que vai se instalar lá, investindo 98 milhões de reais em Mossoró – agora que está tudo pronto, qual é o desejo que eu tenho? O desejo que eu tenho, companheiros e Governadora, é que se monte um grupo gestor dessas obras, que cada prefeito monte um grupo gestor, porque agora o que interessa é que essas obras comecem a andar. Quando as máquinas estiverem trabalhando, vai ter homem trabalhando também. Homem trabalhando significa salário, salário significa renda, renda significa melhoria da qualidade de vida das pessoas, e o País pode melhorar. Então, o meu desejo é que até fevereiro esses 40 bilhões de reais do PAC possam começar a gerar oportunidades de emprego.

Pois bem, meu caro prefeito de Parnamirim, a gente não vai conseguir colocar o nosso nome numa manilha, não tem como e, se colocar, ninguém vai ver. Mas o que a gente vai ver como resultado dessa manilha embaixo da terra? O resultado não é uma placa, o resultado é uma criança sadia, é uma criança brincando na rua, é uma criança vivendo mais, é uma criança sem esquistossomose, é uma criança sem diarreia, é uma criança vivendo com muito mais dignidade. É ver uma mulher abrir uma torneira dentro da sua casa e poder beber um copo d'água tratada. Com isso, vai demorar para que os dentes das pessoas caiam, e a gente vai precisar gastar menos dinheiro com dentista, menos dinheiro com saúde. É isso o que a gente vai ver. É esse o patrimônio que nós vamos colher, porque nós precisamos fazer parte de uma geração política que não utilizou a miséria como forma de se perpetuar no poder. Nós devemos fazer parte de uma geração que deu os passos para acabar com a miséria, porque é o fim dela que vai tornar homens e mulheres

independentes neste País.

Daí a minha vocação e a minha paixão por desenvolver o Nordeste. E por que eu quero desenvolver o Nordeste? E por que eu quero desenvolver o Norte do País? O Lula tem alguma coisa contra o Sul? Pelo contrário. Devo tudo o que sou ao Sudeste brasileiro. Foi lá que eu aprendi a ler, foi lá que eu tive uma profissão, foi lá que eu virei sindicalista, foi lá que eu fundei um partido, fundei uma Central, e foi lá que eu me lancei candidato à presidente. Mas, por que é que eu tenho paixão por desenvolver o Nordeste e o Norte do País? É porque também, como numa família – aqui tem um monte de pais e mães – a gente não gosta mais de um filho do que de outro, gosta? A gente gosta de todos igualmente. Às vezes tem um mais malandro, que a gente precisa chamar mais a atenção, e às vezes tem um coitadinho, que está mais caladinho, mais quietinho, e a gente sabe que quando uma criança se levanta sem fazer peraltice é porque está doente. Então, como pai e como mãe, a gente cuida desse mais fraquinho com um pouco mais de carinho, não é isso? Pega no colo, uma papinha aqui, um denguinho ali, porque o chamego faz bem para aquele que está mais necessitado, e o que está bom merece até uma bronca.

Então, eu acho que nós precisamos aproveitar este momento histórico para permitir que o Brasil seja mais equânime, que não tenha um Sul vivendo a quarta geração industrial, e um Nordeste que não chegou à segunda, um Norte que não chegou à primeira. É preciso tornar este País mais igual. É só imaginar a quantidade de doutores formados neste País, que nós vamos perceber que 90% dos doutores formados estão na região Sul e Sudeste. É preciso aumentar mais lá, mas é preciso fazer aqui. Por isso eu tenho um compromisso e quero cumpri-lo: até o final do meu mandato todas as cidades-pólo terão uma extensão universitária e terão uma escola técnica neste País. E aqui um dado importante: de 1909 até 2003, 97 anos, portanto – a primeira escola técnica foi feita por Nilo Peçanha – foram feitas 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos deixar este País com 300, portanto, vamos fazer em oito anos mais do que foi feito em 97 anos.

Da mesma forma, a universidade. Seria importante que os nossos deputados, os nossos senadores olhassem, dos presidentes da República que passaram pelo País, quem é que fez universidade e onde foi feita a

universidade, para a gente perceber que se cada presidente tivesse assumido a responsabilidade de fazer um pouco de universidade, a gente teria hoje o Brasil muito mais evoluído do que a gente tem. Muitas vezes, quando alguém que ganha a Presidência já fez a sua universidade, ele pensa: “Mas eu já tenho o meu diploma, para que os outros vão ter? Pobre tem mais é que trabalhar, para que pobre tem que ser doutor?” E nós entendemos que é através da educação que a gente pode criar a oportunidade de todos serem iguais neste País, de todos terem oportunidade, de todos poderem trabalhar e ganhar. Não tem nada que dê mais independência a um ser humano do que a sua capacitação profissional.

Uma mulher que tem uma profissão não agüenta desaforo do seu marido, não agüenta. Ela agüenta desaforo do marido se depender dele para comprar uma peça íntima, mas se ela não depender, e ele gritar, ela vai dizer: “Vai gritar com outra, não comigo.” Essa é a independência. O homem independente não fica precisando de 10 mil réis para votar em alguém, ele não aceita 10 mil réis para ser cabo eleitoral. O homem independente vota por convicção, ele se levanta, em casa, de manhã e vai votar por convicção. É por isso que nós precisamos investir na educação e, ao mesmo tempo, dentro deste País de 27 filhos, numa barriga de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, nós temos que priorizar a parte mais pobre para equilibrar o País.

Eu não sei, Governadora, se você está percebendo que começou a diminuir a ida de nordestinos para o Sul, e que está vindo nordestino do Sul para cá, com uma vantagem: ele saiu daqui como retirante para não morrer de fome e está voltando aposentado, com cidadania, ou seja, há uma vantagem. E com o programa Luz Para Todos, tem muita gente voltando, tem muita gente que não quer viver mais numa cidade solapada de carros, de fumaça, de crime, de polícia. Então, se ele tem uma terrinha aqui e chegou um bico de luz na terrinha dele, podem ficar certos de que ele vai voltar.

O Pronaf também, antes do meu governo, seria importante, Henrique Alves, que a gente fizesse um levantamento para você ver quanto de dinheiro vinha do Pronaf para cá até 2002. Era zero, e se não era zero, era próximo de zero, porque o Pronaf, como os trabalhadores gaúchos eram mais organizados e tinham mais cooperativas, era quase todo para lá, não chegava nesta parte do País. Hoje não, hoje é só pegar o tanto que cresceu, a quantidade de

trabalhadores. É por isso que nós estamos fazendo a compra do leite. No mercado está 30 centavos, a gente paga 70; o leite de cabra, a gente paga 1 real o litro. Para quê? Para dar garantia ao cidadão que vai produzir que ele não vai ficar escravo de um mercado que nem sempre é justo, ou seja, o estado tem que garantir e distribuir esse leite para as pessoas que mais necessitam. Essa política precisa para o Nordeste, é por isso que o IBGE disse: o consumo no Nordeste cresceu 38%, mais do que a China. E vai crescer mais, porque as pessoas aqui cansaram de passar fome, gente.

Em 52, eu tinha sete anos de idade e fui embora para São Paulo por causa da maldita fome e por causa da seca. Então, nós precisamos resolver isso. Só é contra quem não sabe o que é carregar uma lata d'água na cabeça por quatro ou cinco léguas. Só é contra quem não sabe o que é pegar um pote d'água cheio de barro, de merda de animal, de caramujo, levar para dentro de casa, colocar para assentar e ficar tomando aquela água barrenta cheia de caramujo para pegar doença, para apodrecer os dentes, para pegar verminose. Então, quem tem água Perrier na geladeira pode até ser contra.

Agora, o que nós queremos é transformar este País numa coisa mais justa, e aí entra, meus companheiros deputados, prefeitos, senadores e governadora, a questão da ZPE. Ora, o que é a ZPE? É uma Zona de Processamento de Exportação, é criar um mecanismo especial em que você produz determinados produtos para exportar para o exterior e você, então, escolhe determinadas regiões do País que mais necessitam e cria aquela zona. Obviamente que essa zona de ZPEs não pode competir com a produção interna do País, porque você não pode desativar um sistema produtivo para criar um outro, é preciso manter os dois. E aí a gente percebe que as pessoas não querem. Aqueles que já têm os estados industrializados não querem, "isso é um atraso, isso é não sei das quantas".

Eu fico perguntando para vocês como a gente vai desenvolver o Acre, que está lá no fim do Brasil, na divisa com o Peru, como a gente vai desenvolver o Amapá, como a gente vai desenvolver o Rio Grande do Norte? Este estado, quando eu estava ouvindo a Wilma falar, eu a estava vendo até com cara de emir, porque aqui tem muito petróleo e, logo, logo vai descobrir mais, daqui a pouco vai ser a xequie Wilma de tanto petróleo ou gás que tem aqui. Então, este estado e Sergipe ainda têm outras possibilidades, mas tem

outros estados do Nordeste que não têm. Nós precisamos criar as condições.

Aqui tem o aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que está no PAC, e pode ser um aeroporto industrial, pode ser um aeroporto feito para empresas se instalarem em volta dele, produzir coisas para exportar, para gerar riquezas para este estado, para gerar trabalho e gerar riquezas. Nós não estamos tirando nada de ninguém, nós apenas queremos estender, àqueles que não têm, as oportunidades que outros já tiveram no País. Mas o jogo é pesado, companheiros, mas nós temos que fazer, não tem jeito.

Eu queria agradecer ao Senado e à Câmara, porque de vez em quando as pessoas mostram brigas e, na verdade, tem brigas, tem divergências, mas na questão do PAC, tanto a Câmara como o Senado foram de uma competência extraordinária. Aprovaram com uma certa rapidez todas as coisas que precisavam ser aprovadas e, certamente, vão aprovar todas as coisas do Plano de Desenvolvimento da Educação. As pessoas também estão aprendendo o seguinte: não adianta um senador dizer “eu não gosto do Lula”. Se ele diz que não gosta do Lula, ele que pegue a tribuna e me xingue o quanto quiser, até cair a língua, não tem problema. Isso não me incomoda. Agora, na hora em que ele tiver que votar, ele tem que ver o seguinte: esse projeto vai beneficiar o Presidente ou vai beneficiar o povo brasileiro? E aí votar com consciência. Os deputados, a mesma coisa. Graças a Deus, eu estou há quatro anos e meio, e talvez seja o único presidente que não tenha falado mal do Congresso nem uma vez, porque os presidentes, quando as coisas apertam, jogam a culpa no Congresso, no deputado. Eu nunca falei. E nunca falei porque tenho a minha responsabilidade e acho que o Congresso, com defeito ou virtude, graças a Deus, a gente o tem, porque no dia em que não tiver, será ditadura e a ditadura é muito pior do que a democracia com o Congresso.

Então, meus companheiros, eu vou dizer para vocês uma coisa. Eu sou um homem, hoje, muito mais leve do que no mandato passado. O fato de eu não ser candidato em 2010 me tirou umas três toneladas das costas. Eu acho que nós temos que fazer, neste mandato, o que não foi possível fazer no primeiro. Nós consertamos o País. Eu sei que tem críticas, mas a história não é contada no mesmo dia em que ela acontece. O pioneiro não consegue, muitas vezes, chupar a laranja que ele plantou. Mas a história vai contar o que

aconteceu neste País nesses últimos quatro anos. E nós não fizemos nenhum milagre, não teve nenhum milagre, nós apenas tentamos repartir, de forma mais justa, o pão deste País. Apenas começamos a ver que pobre não pode ser tratado como moeda eleitoral, porque no dia da eleição o pobre tem mais valor do que um banqueiro. “Eta, como o pobre é tapado, todo mundo dá a mãozinha para ele, todo mundo agrada”, mas quando passam as eleições, esse pobre não consegue uma audiência nem que a vaca tussa. Não consegue. Por exemplo, a Wilma e eu ficamos meio brancos quando o funcionário público faz greve. A gente fica chateado: por que greve? Mas, quantas vezes, quando éramos oposição, a gente os incentivou a fazer greve?

O que nós precisamos é apenas ter equilíbrio para que quando a gente esteja no governo, a gente não esqueça tudo que a gente fez. Mas que as pessoas também não nos vejam no governo como viam aqueles que elas achavam que eram de direita, que eram conservadores. É preciso que se tenha uma relação civilizada, é preciso que se negocie, é preciso que as pessoas, antes de entrar em greve, sentem-se a uma mesa de negociação e conversem. Cada greve tem que ser diferente uma da outra. Então, é preciso apenas isso para que este País tenha um ordenamento firme e para que este País possa se desenvolver.

Eu quero terminar dizendo o seguinte: nós vamos logo, logo... eu me esqueci de falar do PAC/Funasa. Eu sei que o nosso Bispo vai gostar. O PAC/Funasa são 4 bilhões de reais, dos quais R\$ 360 mais ou menos serão destinados para levar água potável e esgotamento sanitário a 90% das tribos indígenas deste País até 2010. Mais R\$ 300 e poucos milhões serão utilizados para levar água potável e esgotamento sanitário a todos os quilombos organizados deste País. Uma outra parte, R\$ 3 bilhões e 300 milhões, será utilizada para cidades com até 50 mil habitantes. Mas nós vamos utilizar, preferencialmente, nas cidades que tenham, no Norte, alto índice de malária e, no Nordeste, alto índice de doença de Chagas, que é para a gente acabar de uma vez por todas com o bicho barbeiro. Eu acho que até vou cortar a barba para acabar com o barbeiro, acabar com esse bicho que traz tanta doença para este Nordeste brasileiro.

Depois nós temos o FNHIS, que a Dilma disse aqui também, e o Márcio, são mais 2 bilhões de reais. Vejam, entre Funasa e FNHIS já são 6 bilhões de

reais, tudo voltado para a área de saneamento básico e urbanização de favelas. Se a gente, a partir de agora, não deixar faltar mais dinheiro para o saneamento básico, um belo dia será possível a gente acordar e as pessoas, no Brasil, estarem vivendo numa condição de vida mais digna e melhor. Eu quero terminar dizendo para vocês que o Brasil está vivendo um momento excepcional da sua história. Se tiver economista aqui, neste meio, ou doutor da universidade federal, eu duvido que tenha havido algum momento na história do Brasil em que a gente tenha tido uma situação de fatores combinando entre si como nós temos agora.

Jaci, você que está aqui na minha frente, me olhando, eu vou te dizer uma coisa: quando nós ganhamos as eleições, este País não tinha dinheiro para pagar as suas importações. Todo ano, o ministro da Fazenda tinha que correr para Washington para pegar dinheiro, para fechar as suas contas. E não é o Lula que está falando, não. Isso, a imprensa publicava toda semana. Hoje, o Brasil tem reservas de 154 bilhões de dólares. Hoje, o Brasil tem superávit comercial de 47 bilhões de dólares. Hoje, o Brasil tem superávit de conta corrente. Só nos primeiros cinco meses do ano, foi gerado 1 milhão de empregos com carteira profissional assinada.

Vocês estão lembrados quando a imprensa publicava assim: “O Brasil captou no exterior 10 bilhões de dólares”? Aquilo era uma festa. Sabe quanto de dinheiro já entrou no Brasil, até o dia 30 de junho, meu caro deputado Henrique Alves, Fátima Bezerra e demais deputados? Cinqüenta e nove bilhões de dólares até o dia 30 de junho. Então, o País está vivendo um momento em que ele só não dá um salto de qualidade se nos formos medíocres. Se a gente tiver competência para conversar mais com a sociedade e fazer as coisas corretas, este País pode se transformar definitivamente numa nação desenvolvida e a gente poderá extirpar de uma vez por todas a questão da fome e da miséria.

E eu digo sempre para vocês, nós temos seis meses do segundo mandato, nós temos três anos e meio pela frente, tem muita coisa para acontecer. E podem ficar certos, nessas muitas coisas que têm para acontecer, eu sei que o Rio Grande do Norte fica angustiado: “Porque a Transnordestina é só Pernambuco e Ceará.” Vejam, a Transnordestina é como se fosse o rio São Francisco ferroviário, primeiro ela tem que ligar os dois portos importantes, mas

é impensável imaginar a Transnordestina sem um braço para a Bahia, para o Rio Grande do Norte, para Sergipe, para a Paraíba, é impossível porque significa ligar esses estados aos outros estados do Nordeste brasileiro.

Então, eu, agora, prefeitos, Governadora, eu só quero ser convidado para inaugurar a primeira obra do PAC. Se vocês não fizerem logo, vocês não vão poder inaugurar porque tem eleição no ano que vem para prefeito e, a partir de junho, vocês não podem nem colocar uma placa num poste, que a Justiça Eleitoral pegará no pé de vocês. Então, se tiverem que me convidar para alguma coisa, tem que ser até o final de maio. Eu só peço a Deus que todos vocês consigam, o mais rápido possível, colocar esse dinheiro para gerar o resultado que nós queremos: melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro.

Muito obrigado e que Deus os abençoe.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento Básico e Urbanização no estado de Mato Grosso

Cuiabá-MT, 31 de julho de 2007

Meus queridos companheiros e companheiras do estado de Mato Grosso,

Meu querido companheiro Blairo Maggi, governador de Mato Grosso e sua esposa Terezinha Maggi, eu vi agora que tem um cabo eleitoral ali que vai elegê-la para o que ela quiser,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil e coordenadora do PAC,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Silval Barbosa, vice-governador de Mato Grosso,

Deputado Sérgio Ricardo, presidente da Assembléia Legislativa de Mato Grosso,

Desembargador Paulo Lessa, presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso,

Senadores Jayme Campos, Jonas Pinheiro e nossa Serys, querida companheira do PT,

Meus caros deputados Carlos Abicalil, Carlos Bezerra, Eliene Lima, Homero Pereira, Walter Pereira,

Meu caro Wilson Santos, prefeito de Cuiabá, e sua senhora Adriana Bussiki,

Meus caros companheiros deputados estaduais, secretários de estado, secretários municipais,

Meu caro Rodrigo Figueiredo, secretário-executivo do Ministério das Cidades,

Senhores prefeitos Adilton Sachetti, de Rondonópolis; Murilo Domingos, de Várzea Grande,

Quero cumprimentar também os demais prefeitos e prefeitas de outras cidades, que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar todos os nossos companheiros vereadores e os presidentes das Câmaras de Vereadores de Cuiabá, Rondonópolis e Várzea Grande,

Quero cumprimentar o general-de-brigada Teófilo, comandante da 13ª Brigada,

Quero cumprimentar o Moacyr do Espírito Santo, superintendente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o Paulo Prado, procurador-geral de Justiça de Mato Grosso,

Quero cumprimentar a Carol Rotini, defensora pública-geral de Mato Grosso,

Quero cumprimentar o Mateus Magalhães, presidente da União Varzeagrandense de Associações de Bairro,

Quero cumprimentar o Édio Martins, presidente da União Cuiabana de Associações de Moradores de Bairros,

Quero cumprimentar o Valmir Cardoso, presidente da União Coxipoense das Associações de Bairros,

Quero cumprimentar o Walter Arruda, presidente da Federação Matogrossense das Associações de Bairros,

Quero cumprimentar meus companheiros da imprensa, companheiras,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, um aviso ao pessoal que representa as comunidades, as organizações de bairro aqui no estado. Tem uma determinação minha para que este 1 bilhão do FNHIS, que vai ser discutido agora, que nós vamos entrar em contato com as organizações nacionais dos movimentos de bairros para que a gente possa definir esse 1 bilhão agora em setembro. Também é importante lembrar que tem mais 2 bilhões para o próximo ano e nós também iremos discutir com vocês.

Habitualmente, nessa caravana e nessas viagens do PAC, eu tenho falado só do PAC e não tenho procurado falar de outros assuntos, eu tenho permitido me controlar para falar apenas daquilo que é a razão pela qual eu vim à cidade hoje.

O que me dá muito prazer é que nós, do governo federal, seja através

do presidente da República, através da ministra da Casa Civil, através do ministro das Cidades ou de qualquer outro ministro, de qualquer instituição do governo Federal, nós nunca perguntamos a que partido político pertence o prefeito de uma cidade que vai receber o benefício. Nós não queremos saber para que time de futebol ele torce – obviamente que se fosse para o Corinthians seria bom – e não queremos saber a religião do prefeito. O que nós queremos saber é se há um problema de saneamento naquela cidade e, portanto, se tem um problema, nós queremos olhar para a cara do povo daquela cidade e não para a filiação partidária de quem quer que seja.

A segunda coisa que nós fizemos, e é importante os prefeitos compreenderem isso, eu já conversei com o Blairo... O prefeito de Cuiabá tem razão: habitualmente, a classe política brasileira, independentemente da sua origem partidária, não tinha o hábito, historicamente, de fazer investimento em saneamento básico, até porque dificilmente um rico vai morar perto de um córrego. Dificilmente o rico compra um terreno num lugar que não tem água e não tem esgoto. Normalmente, quando nós vamos fazendo benefícios nas cidades, os impostos vão vindo e os pobres vão correndo. O rico cresce para cima, nos grandes apartamentos, e os pobres vão se espalhando pela periferia dos grandes centros. Então, qualquer melhoramento que acontece, é preciso que ele aconteça e a gente preveja que o pobre seja um beneficiário daquele melhoramento, porque senão ele vai sendo escuraçado para a periferia, como se não tivesse direito de ter acesso à riqueza produzida pelo País, pelo estado e pela cidade.

Aliás, eu digo sempre, e não digo isso com preconceito, eu digo isso de alma: só tem um instante na vida em que uma parte da elite brasileira que faz política acha um pobre importante, é na época da eleição. Na época da eleição, se um político tiver que escolher entre jantar com os banqueiros e jantar com os favelados, ele vai jantar com os favelados. Agora, depois das eleições, que o favelado não se meta a besta de aparecer para cobrar alguma coisa, porque ele passa a ser riscado do calendário de prioridades da maioria dos políticos brasileiros.

Bem, eu falo isso porque quando eu tinha 20 anos de idade, eu morava em São Paulo, em um bairro pobre chamado Vila Carioca, perto de onde Dom Pedro proclamou a Independência, perto do bairro do Ipiranga, do Museu do

Ipiranga, e foi um lugar onde se implantou uma das primeiras indústrias automobilísticas em São Paulo, a Vemag. Eu morava ali, em uma rua chamada Auriverde, e bastava garoar que ela já enchia d'água, não precisava nem chover. Pois bem, depois eu me mudei para a Ponte Preta, na divisa com São Caetano, mudei em junho, a casa era nova, bonita, cheirava a tinta fresca. Mal sabia eu e, quando vieram as chuvas de janeiro, eu peguei três enchentes até de um metro e meio de água dentro de casa. Depois eu me mudei para uma outra vila chamada São José, em São Caetano, próxima à Ponte Preta, que era uma vila alta, mas encheu tanto de água a Ponte Preta que transbordou o rio e, no primeiro ano em que eu estava na Vila São José, entrou um metro e meio de água dentro da minha casa.

Aquilo que eu, quando tinha 20 anos, achava que era azar, achava que era uma desgraça, hoje, aos 61 anos de idade, portanto 40 anos depois, eu dou graças a Deus por ter acontecido aquilo comigo na época, porque hoje eu estou na Presidência e sei o que é, depois da lama, depois da chuva, ir limpar lama e ver aquela sanguessuga preta de 20 centímetros grudada nas canelas da gente, e a gente ter que faltar um dia, Blairo, não ir trabalhar, para limpar aquilo, tirar um metro e meio de lama de dentro de casa. Às vezes, era obrigado a tomar a pior cachaça que tinha em São Paulo, só prestava para fazer caipirinha, para você poder agüentar o fedor e o cheiro, e ainda jogar nas pernas para a sanguessuga – que não gostava de beber – não vir nas tuas pernas e você limpava tudo. Às 3 horas da tarde, você estava com o quintal limpo e aí, às 5 horas começava outra chuva e começava o martírio todo outra vez.

Tudo isso, na época eu xingava muito, muitas vezes até duvidava da existência de Deus por fazer aquilo com a gente, e hoje eu dou graças a Deus que tenha acontecido porque aquilo me permitiu, chegando à Presidência da República, saber que ainda tem gente que, 40 anos depois, vive pior do que eu vivia há 40 anos. E por que pior? Porque a periferia deste País empobreceu. Há 40 anos, São Paulo tinha duas favelas, hoje tem setecentas. Tinha duas favelas: a favela do Vergueiro, que era famosa, e a favela da Vila Prudente, que era famosa. A do Vergueiro diminuiu, acabou, a da Vila Prudente ainda existe e surgiram 700 favelas em São Paulo.

Bem, foi com base nessa consciência que eu adquiri, por conta dessas coisas que aconteceram na minha adolescência, que nós resolvemos construir esse Programa. Esse Programa vai cuidar do cerne do problema neste País. É verdade que, para o político cretino, uma obra acima da terra pode ser melhor, mas é verdade também que, para um político ser humano, o que importa não é visualizar um prédio, uma ponte. O que importa é a gente visualizar o ser humano e poder notar que uma criança vai viver melhor depois que a gente fizer a obra chegar à vila dela. Esse é o troféu, Blairo, que você, os prefeitos, os vereadores, os deputados e eu, como presidente da República, vamos poder levantar daqui a alguns anos. Quando a gente passar na periferia que vai receber essas obras, vai ver uma criança de 5 ou 6 anos brincando, e a gente vai dizer “graças a Deus, essa criança não pegou uma verminose, essa criança não está contaminada por nenhuma doença adquirida por conta da falta de saneamento básico, essa criança não está pisando em esgoto a céu aberto, essa criança está bebendo água potável”. Água potável que, muitas vezes, não temos o direito de beber ainda hoje no Brasil e, certamente, os mais velhos se lembram o que é pegar água em cacimba para beber e a cor da água que chega em casa. Rico ainda tem filtro, e pobre tem um pano de saco para coar e ficar apenas as coisas mais grossas, deixar assentar para tomar aquela água.

Outro dia eu disse lá no Nordeste que quando eu tinha 7 anos de idade, eu tinha as canelas da grossura da canela de um sabiá e o corpo do tamanho do corpo de um gavião, porque era mais bicha, mais lombriga do que qualquer coisa. Ora, você come mal, não tem água tratada, é doença pura, daí o alto índice de mortalidade infantil por doenças causadas por falta de saneamento básico. Esse é um dado concreto.

Então, qual é o sucesso que esse Programa tem? É a parceria entre prefeitos, governadores e o governo federal. Porque antes nós tínhamos uma coisa, no Tesouro Nacional, que era chamada “fila burra”, ou seja, todos os prefeitos entravam com projetos pedindo dinheiro para saneamento básico, o Tesouro analisava o projeto e entendia que o prefeito de Cuiabá não tinha direito, porque não tinha projeto executivo, porque não tinha capacidade de endividamento, porque tinha alguma coisa irregular. Mas o prefeito de Várzea Grande tinha direito, ele tinha apresentado tudo certinho, tudo maravilhoso, tinha capacidade de financiamento, tinha licença prévia, tinha projeto executivo,

mas o dele também não saía. Por quê? Porque, espertamente, o Tesouro Nacional criou essa coisa que nós apelidamos de “fila burra”, que era o seguinte: como o governo anunciava que disponibilizaria 4 bilhões para saneamento básico, mas não queria liberar o dinheiro porque queria fazer superávit primário, o que ele fazia? Ele deixava o prefeito, que não tinha direito, na fila, ao invés de dizer: “Prefeito de Cuiabá, você não tem direito, cai fora, prepara o projeto e volta outra vez”. Não. Ele deixava o prefeito, que não tinha direito, na fila, para evitar que o segundo, que tivesse direito, pegasse o direito. E assim, eu me lembro que, no último ano do presidente Fernando Henrique Cardoso, isso era muito visível. Eles anunciavam uma verba de 4 e poucos bilhões e, no final do ano, só 2 bilhões de reais haviam sido liberados, só 272 milhões de reais. E não era culpa do presidente, não. Aquilo era burocracia do Tesouro para cumprir as metas do superávit primário.

Este programa, primeiro, é o programa que eu considero mais importante de infra-estrutura feito nos últimos 30 anos neste País. Este programa envolve 504 bilhões de reais, dos quais 40 bilhões de reais só para saneamento básico e urbanização de favelas, R\$106 bilhões para habitação e, depois, só da Petrobras, são 228 bilhões de reais que nós vamos investir nestes próximos quatro anos. É o programa mais vigoroso já feito neste País. Agora, para ele dar certo, é preciso que funcione. Qual é a minha preocupação, Prefeito? É que estamos aqui, assinando tudo, e depois falta documento, não sai o dinheiro, e daqui a pouco está um falando mal do outro aí pelas ruas de Cuiabá, pelas ruas do Brasil. Nós, então, resolvemos fazer uma coisa inédita. Ao invés do Ministério das Cidades decidir qual a cidade que iria receber o dinheiro – e aí poderia prevalecer também os interesses políticos do governo federal, do ministro, poderia prevalecer a pressão que os deputados ou senadores poderiam fazer em cima deles, tudo isso poderia acontecer – o que nós fizemos? Chamamos o governador do estado e chamamos os prefeitos das cidades que estavam incluídas na primeira fase do PAC para que juntos a gente escolhesse quais seriam as áreas que deveríamos atacar primeiro. Eu vou dar um exemplo: quando nós fomos fazer no Rio de Janeiro, são quase 4 bilhões de reais, só o Complexo do Alemão, que a gente vê todos os dias na televisão, são quase R\$400 milhões, para a gente poder transformar aquilo numa parte da cidade do Rio de Janeiro. No Complexo de Manguinhos,

chamado Faixa de Gaza, são mais 300 mil habitantes, e nós queremos cuidar com muito carinho daquilo lá. Portanto, nós escolhemos os projetos, fizemos com os governadores e com os prefeitos, e vejam que engraçado: o prefeito do Rio de Janeiro é do PFL, o prefeito de São Paulo é do PFL, o governador de São Paulo é do PSBD, o governador de Minas Gerais é do PSDB, e no programa de São Paulo são quase 8 bilhões de reais, que eu poderia não fazer: “ah, ele é de outro partido político, por que eu vou facilitar a vida dele? Eu vou deixar ele ser xingado na época das eleições.” Agora, quem chega à Presidência da República, se não chegar assim, não consegue administrar, não pode ser mesquinho de achar que tem amigo e inimigo, quando ele é presidente. É como se fosse uma mãe: ela pode ter 10 filhos, pode ter um que é o xodó dela, mas tem que cuidar dos 10 em igualdade de condições, não pode preterir um pelo outro. Esse é o desafio que está colocado.

Bem, agora, qual é o meu sonho? Nós vamos, na sexta-feira, fechar praticamente o PAC. Vamos chamar todos os estados, porque eu tenho que viajar para o México domingo e eu não posso, por conta das minhas viagens, ficar atrasando o PAC. Então, eu pedi para a Dilma e para o Márcio fazerem, na sexta-feira, e ir fazendo mesmo na minha ausência, porque quanto mais rápido a gente disponibilizar o dinheiro, mais rápido os prefeitos e os governadores farão as licitações e mais rápido esse dinheiro começará a gerar melhoria na qualidade de vida das pessoas, e também começam a gerar uma coisa importante, que é o emprego, na cidade que vai receber o investimento.

Então, com essa combinação, eu trabalho com a idéia de que até fevereiro a gente já tenha todo o dinheiro anunciado até agora produzindo seus efeitos. Portanto, é importante fazer a licitação e é importante começar a fazer a obra o mais rápido possível. Nós não temos tempo a esperar. Quanto mais dinheiro vocês utilizarem, mais fácil fica da gente arrumar mais dinheiro para que vocês possam fazer mais obras.

Se não for assim, o que vai acontecer? Quando o prefeito de Cuiabá, o prefeito de Várzea Grande, o prefeito de Rondonópolis, o prefeito de Sinop, ou qualquer um for atrás de dinheiro lá no Márcio, o Márcio vai perguntar como estão aqueles projetos que já foram aprovados. “Ah, Ministro, aquilo está em andamento, aquilo deu um problema.” Simplesmente não vai ter mais dinheiro. Então, eu quero dizer para vocês que a agilidade de vocês é condição *sine qua*

non para a gente ir dobrando, cada vez mais, os investimentos em saneamento básico, tratamento de água e coleta de esgoto. Esse é um compromisso de que eu não abro mão, até porque eu sei o que é levantar à meia-noite com fezes passando perto da cama, com rato nadando em volta da cama, com baratas. Eu sei porque vivi. E, portanto, isso que nós estamos fazendo é um resgate da cidadania da parte mais pobre da população brasileira. E eu sei que tem gente que fica nervosa, tem gente que não gosta que a gente faça isso. “Que história, vem prefeito, vem governador, vem presidente querendo olhar para o pobre. Não tem que olhar para pobre não, tem que fazer uma praça bonita onde mora a parte mais rica da cidade.” É assim que eles pensam. Mas nós temos compromisso com a nossa consciência, somos cristãos e precisamos saber que, independentemente da pessoa ter nascido pobre ou rica, ela tem o direito de ser tratada em igualdade de condições. E nesse momento nós temos que cuidar mais dos pobres que ficaram para trás. Imaginem se tivesse um fusquinha correndo na Fórmula 1. Você não ia ficar mostrando os carros que estão na frente, ia olhar os coitadinhos que estavam atrás comendo fumaça e poeira, que é isso o que acontece com vocês.

Além disso, nós temos mais duas coisas importantes que a Dilma já falou e vou reiterar. O PAC/Funasa, viu Blairo, eu estava dizendo para a Dilma que, outra vez, a gente vai ter que chamar o governador e os prefeitos para fazer o levantamento das cidades, porque o PAC/Funasa inclui cidades com até 50 mil habitantes, mas nós queremos priorizar, aqui e na região Norte do País, as cidades que tiverem maior índice de malária. Tem que ter a prioridade do governador, do presidente da República e dos prefeitos. O Prefeito estava me dizendo que o pai dele pegou 20 malárias, pegou 10, ô rapaz forte, eu não peguei nenhuma e não quero pegar. Então, eu quero evitar que o teu filho pegue a malária que você já pegou. Vamos trabalhar para isso.

E na região Nordeste nós vamos escolher as cidades que têm maior índice de Doença de Chagas. Vocês sabem que o bicho barbeiro se esconde nas locas das casas que não têm reboco. À noite ele vai, solta a fezezinha no braço das pessoas, as pessoas ficam esfregando, aí pronto, o coração começa a inchar, se inchasse de paixão era bom, mas inchar de doença não nos interessa.

Então, o PAC/Funasa vai ser isso, e nós queremos repetir com os

governadores e com os prefeitos para que a gente não seja vítima... O ano que vem tem eleições e se a gente não tomar cuidado, a pressão para liberar o dinheiro para tal cidade é tanta que, às vezes, a gente pode deixar uma que tem problemas de doenças sem o dinheiro e uma que não tem o problema receber o dinheiro. Então, eu penso que, outra vez, o pacto entre os entes federativos é extremamente importante.

E a questão do projeto que foi aprovado por uma iniciativa do Movimento Popular Brasileiro, foi o primeiro projeto de lei de iniciativa popular, que é o FNHIS – é isso, Dilma? – que é o dinheiro para cuidar das casas de quem não pode pagar, aquele que não pode pagar nada. Esse é um programa que nós queremos decidir junto com a comunidade organizada neste País, para que a gente possa fazer justiça a quem brigou tanto, e demorou 13 anos para o Congresso aprovar o projeto de lei de iniciativa popular.

Mais ainda, Blairo, nós vamos voltar aqui, porque eu vou viajar para o México no domingo, mas a Dilma e os companheiros do Ministério dos Transportes vão ficar trabalhando, agora, no PAC/Transporte, ou seja, vão ver todos os problemas que tem no PAC/Transporte, porque ele envolve portos, aeroportos, estradas e ferrovias. Então, tem um monte de dinheiro nessa área, a Dilma vai sentar com o Ministro dos Transportes... é uma pena, Pagu, que você não possa estar lá ainda, vamos ver se o Senado, voltando a trabalhar amanhã, pode apreciar o teu nome e você assumir o DNIT. Nós, então, vamos fazer isso, e depois vamos lançar um PAC da Saúde, depois vamos lançar um PAC da Educação, da Segurança Pública. Ontem, eu participei de uma reunião extraordinária que – não tenho dúvida nenhuma, meus caros prefeitos, deputados, senadores e governadores – quando a gente anunciar o que está sendo elaborado de programas sociais para este País, a gente vai estar anunciando a maior obra de programas sociais que já foi feita neste País, sobretudo olhando para os adolescentes de 17 a 24 anos de idade, uma população que hoje, alguns responsáveis por eles estarem na miséria, querem diminuir o tempo para que sejam condenados à prisão. E nós queremos dar a esses jovens uma chance de virar cidadãos e conquistar sua cidadania.

Então, vai ter uma série de programas e, aí, Prefeito, explica o descontentamento de algumas pessoas. Se um dia vocês chegarem à Presidência da República, vão perceber que chegar à Presidência da

República é uma coisa tão nobre e tão importante que a gente não pode ficar pequeno na hora em que tem que tomar a decisão. Eu, por exemplo, estou fazendo este ato em lugar fechado, porque é um ato institucional, é um ato que envolve dinheiro público, que envolve prefeito, envolve deputado. Eu não estou fazendo comício. Mas, se alguns quiserem brincar com a democracia, eles sabem que ninguém neste País sabe colocar mais gente nas ruas do que eu. Eles sabem. Portanto, se alguém acha que, com estupidez, vai atrapalhar que a gente faça neste País o que precisa ser feito, pode tirar o cavalo da chuva, porque não conheço um deles que tenha uma biografia que lhe permita sequer falar em democracia neste País, e eu conheço muitos deles.

De qualquer forma, eu sei, Blairo, que isso incomoda muita gente. Imagine o seguinte: eu, um homem que tem como formação máxima na vida um diploma primário e um curso de torneiro mecânico, quando terminar o meu mandato, em 2010, vou contar duas coisas para vocês. Primeiro, nós vamos passar para a história como o mandato presidencial que mais fez universidades federais neste País. Segundo, em 97 anos, neste País, fizeram 140 escolas técnicas e, em 8 anos, nós vamos fazer 160, portanto, isso deve incomodar muita gente que acha que é a quantidade de anos que passou na escola que lhe dá inteligência para conhecer os problemas do povo. Inteligência é uma coisa muito diferente do conhecimento que a gente tem em função da nossa passagem pelas escolas.

Uma terceira coisa importante, Blairo, nós estamos falando aqui, só para você ter idéia, de 123 anos em que se construiu a primeira linha de transmissão neste País. Nós, em quatro anos, construímos 25% de tudo o que foi construído em 123 anos. Isso, portanto, deve incomodar. Eu, às vezes, acho que a política tem um lado pequeno, tem um lado mesquinho, que é o seguinte, uma comparação chula: um casal se separa, depois como é que fica? A mulher fica torcendo para o marido não arrumar uma melhor do que ela, e o marido fica torcendo para ela arrumar um marido pior do que ele. É o prazer pela desgraça quando, na verdade, eles deveriam torcer para que ambos continuassem felizes e arrumassem coisa melhor, até porque, se o “ex” fosse bom, não tinha separação. Não é isso? Na política é a mesma coisa. Quem perde, fica em casa acendendo vela, cabeça de galo, cabeça de urubu, fazendo coisas para que não dê certo. Mas isso é de uma imbecilidade total,

isso chega a ser uma coisa quase insana, porque se não desse certo e quem pagasse fosse o prefeito, fosse o Blairo ou o Lula, não teria problema nenhum. Agora, se não der certo, vai sobrar nas costas de quem? Vai sobrar nas costas do povo e da parte mais pobre da população.

Então, nós precisamos pensar sempre o seguinte: tem eleição? Tem. Durante a eleição, eu acho um exagero a quantidade de mesquinha que se fala numa campanha, já acho uma mesquinha entrar alguém dentro da casa da pessoa pela televisão e baixar o nível do jeito que eles baixam. Pois bem, vamos supor que no processo eleitoral seja normal. Você deve ter xingado o teu adversário, ele deve ter te xingado. Você vê que eu fui quase que um *gentleman* na disputa com o meu adversário. Ele, que era um *gentleman*, virou quase uma coisa louca na televisão, bravo, nervoso. Eu acho que, terminadas as eleições, é preciso a gente dar um tempo para o País, é preciso que o País tenha um tempo de governabilidade. Vai ter disputa para prefeito agora, daqui a um ano começa a guerra, todo mundo xinga todo mundo. Acabaram as eleições, todos nós precisamos torcer para que o eleito consiga fazer alguma coisa para melhorar. Como é que eu posso ficar torcendo para não ir asfalto na casa da mulher, para não ter escola? O que eu ganho com isso? Porque eu já tive acesso? Eu não posso ser mesquinho a esse ponto.

Então, eu queria dizer a vocês que nós vamos continuar a nossa trajetória. Eu tenho um compromisso, tenho data definida para deixar o mandato, tenho consciência do que nós queremos fazer e vamos fazer sem nenhuma preocupação. Eu tenho relações com todo mundo, nunca discriminei ninguém, todo mundo sabe a relação que eu tenho com o PSDB na maioria dos estados, sou amigo de muita gente, sou amigo de muita gente do PFL, sou amigo de muita gente de outros partidos políticos. Eu não consigo misturar a minha relação pessoal com a questão partidária. Minha amizade pessoal é uma coisa, minha questão partidária é outra, minha relação com os adversários é outra. Mas tem gente que não pensa assim. Essa gente que não pensa assim fez a Marcha com Deus pela Liberdade em 1964, que resultou no golpe militar; essa gente que não pensa assim levou Getúlio Vargas ao suicídio; essa gente que não pensa assim levou o João Goulart a renunciar; essa gente que não pensa assim ficou contente com 23 anos de regime militar e está incomodada com a democracia. Porque a democracia pressupõe o pobre ter direito;

pressupõe o pobre ter Bolsa Família; pressupõe fazer a reforma agrária, e ainda estamos em dívida com os trabalhadores e precisamos fazer mais; pressupõe a gente cuidar para que o pobre da periferia tenha possibilidade de chegar à universidade. Porque senão, para que vale governar? Senão, não vale a pena governar.

Então, eu quero terminar aqui, Blairo, dizendo o seguinte: meu filho, primeiro eu vou aceitar o convite que você me fez para uma boa pescaria. Eu vou tirar a minha carteirinha do Ibama, para não ser um pescador clandestino, e vou aceitar. Mas voltarei aqui várias vezes ainda, Blairo, para ver a questão elétrica, para ver a questão da rodovia e dizer para as pessoas que não tentem achar que, vendendo notinhas para os jornais, vai ter uma manifestação contra o presidente em tal lugar, e o presidente vai deixar de ir. Este presidente tem tanto medo que, em 1975, quando diziam que a porta da Volkswagen estava cheia de militares para não nos deixar fazer assembleia, eu levantava às 4h da manhã para ir fazer assembleia. Quando diziam que era proibido fazer greve, eu ia fazer greve. Portanto, se pensarem que vão deixar o Lula dentro daquele gabinete... meu maior prazer é ficar assim, no meio de vocês.

Eu acho que Deus, quando fez a gente, ele nos fez perfeitos, temos duas orelhas, uma para escutar vaias e outra para escutar aplausos. Isso não incomoda, sobretudo se os que estão vaiando são os que mais deveriam estar aplaudindo. Os que estão vaiando, Prefeito, posso garantir, são os que ganharam muito dinheiro neste País no meu governo. Aliás, a parte mais pobre é que deveria estar mais zangada, porque ela teve menos do que eles tiveram. É só ver quanto ganharam os banqueiros, é só ver quanto ganharam os empresários. E nós vamos continuar fazendo uma política sem discriminação, ninguém vai me ver de cara feia por isso. A única coisa que eu quero dizer, e todo mundo aqui sabe, é que com a democracia não se brinca, o que vem depois dela é sempre muito pior. E como já vivi o pior, eu, quando vejo gente criticar o Congresso Nacional, que o Congresso Nacional não faz isso, não faz aquilo, eu, com todos os defeitos que possa ter o Congresso Nacional, ponho as mãos para o céu todos os dias e agradeço a existência dele, porque sem ele este País seria muito pior.

Portanto, meus companheiros e companheiras, podem ficar certos de que ninguém vai ficar com saudades de ver o Lula nas ruas, porque as ruas

deste País, de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, eu irei visitá-las quase todas neste mandato e fazer muito mais coisas. E quero agradecer ali o entusiasmo da cabo eleitoral, da nossa querida Terezinha, porque com dois desses não há vaia que atrapalhe um ato público.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC Saneamento e Urbanização no estado do Mato Grosso do Sul

Campo Grande-MS, 31 de julho de 2007

Meu caro governador do estado do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência da República,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu caro Murilo Zauith, vice-governador do Mato Grosso do Sul,

Meu caro deputado Jerson Domingos, presidente da Assembléia Legislativa do Mato Grosso do Sul,

Desembargador João Carlos Brandes Garcia, presidente do Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul,

Senadores Delcídio do Amaral e Walter Pereira,

Nossa visitante ilustre do Mato Grosso, nossa querida Serys,

Deputados Antônio Carlos Biffi, Antonio Cruz, Dagoberto Nogueira Filho, Geraldo Rezende, Nelson Trad, Vander Loubet,

Senhor Nelson Trad, nosso querido Nelson, prefeito de Campo Grande,

Meu caro Ruiteir Cunha de Oliveira, prefeito de Corumbá,

Meu querido companheiro – permita chamá-lo assim – Petila, prefeito de Dourados,

Demais prefeitos e prefeitas presentes nesta cerimônia,

Meu caro Carlos Eduardo Xavier Marun, secretário de Habitação do estado do Mato Grosso do Sul e presidente do Fórum Nacional dos Secretários de Habitação,

Meus caros deputados estaduais,

Vereadores,

Secretários municipais,

Meu caro vereador Edil Afonso Albuquerque, presidente da Câmara Municipal de Campo Grande,

Vereador Mohamed, presidente da Câmara Municipal de Corumbá,
Vereador Carlos Roberto Assis Bernardes, presidente da Câmara
Municipal de Dourados,

Meus amigos, minhas amigas,

Edimar Fernandes Cintra, do Movimento Nacional de Luta por Moradia,

Antônio Carlos Rodrigues de Farias, dos Movimentos Populares,

Amigos da Imprensa,

Convidados,

Autoridades,

Ex-governador Marcelo Miranda,

Eu pensei que ia estar aqui o nosso querido companheiro Zeca do PT,
ex-governador,

Meu caro Bosco,

Minha apresentadora oficial de Campanha,

Meu caro Heitor,

Meu caro João Grandão,

Meus companheiros e minhas companheiras.

Meu caro governador,

Eu penso que na política nós temos momentos imensos de alegria, temos momentos imensos de tristeza. Eu tenho certeza de que já aconteceu com todos nós, que fazemos política, dias em que a gente levanta achando que não vale a pena, dia em que a gente levanta e conversa com a mulher da gente e diz: “Olha, eu vou abandonar tudo. Eu vou desistir porque tem momentos de ingratidão muito grande, tem momentos de frustração”. Quantas vezes queremos fazer uma coisa e, às vezes, até temos dinheiro, mas a estrutura funcional da burocracia, da legislação que nós mesmos aprovamos, não permite que as coisas aconteçam? Ora, nós temos problema no Ministério Público, ora nós temos problema no Tribunal de Contas da União, ora nós temos problema no Ministério do Meio Ambiente, ora nós temos problema na Advocacia-Geral da União, ora nós temos problema no Tribunal de Contas do estado, ora nós temos problema na Secretaria de Meio Ambiente do estado.

Na verdade, muitas vezes é difícil, e a gente não pode culpar ninguém, porque tudo faz parte de uma estrutura que todos nós montamos. Como

deputados, aprovamos as leis, demos poderes às instituições. E, como governantes, muitas vezes, somos beneficiados por elas existirem e, muitas vezes, somos prejudicados por elas existirem. Esse é o preço da governabilidade.

Hoje, especialmente, é um momento gratificante. Gratificante por quê? Porque o meu amigo Orlando Silva, que não é o cantor, que os mais velhos tanto admiraram, aliás, uma das mais belas vozes deste País, me comunicou que Campo Grande foi incluída entre as 18 cidades apresentadas para a Fifa, hoje, para possíveis sedes da Copa de 2014. Em agosto e setembro, virá uma delegação da Fifa, junto com a CBF, visitar a cidade para analisar, das 18 apresentadas, quais as 12 que ficarão como sede para a Copa do Mundo.

Bem, meu queridos prefeitos e governador, eu quero, primeiro, comunicar que a Fifa é muito exigente. Eu acho que se depender de segurança pública, Campo Grande tem condições. Se os jogadores que aqui vierem jogar quiserem conhecer um pouquinho do Pantanal, têm motivações, e se depender do carinho do povo, então a Fifa não terá como não escolher Campo Grande. Obviamente que tem que ter um belo projeto de estádio, obviamente que as empresas locais têm que querer participar, porque nem o governo municipal, nem o governo estadual e nem o federal podem construir estádios. É importante, então, que os empresários aprendam com o que aconteceu na Alemanha e resolvam fazer uma belíssima proposta. Então, essa é a primeira coisa importante no dia de hoje.

A segunda coisa importante, eu quero que vocês compreendam, é que a alegria de você governar uma cidade, de você governar um estado ou uma nação, é começar a concretizar determinados sonhos. E, muitas vezes, você realiza um sonho, as pessoas já estão reivindicando mais. O Puccinelli, quero fazer justiça aqui, muito educado, perguntou para mim se ele poderia, se não seria deselegante, no momento em que a gente está anunciando um conjunto de obras, reivindicar outro conjunto de obras. Eu duvido que tenha filho que se contente com os 10 reais que a mãe lhe dá nas sextas-feiras para sair. Ele, na verdade, está querendo R\$ 20 ou está querendo R\$ 30. E o Nelsinho, muito jeitoso – aliás, o pessoal daqui está muito jeitoso – o Nelsinho, muito jeitoso, falou: “Olha, Presidente, se o senhor não se importar, eu vou bater na sua porta outra vez”. Eu queria te dizer, Nelson, que fui criado e aprendi muito

pequeno com a minha mãe, que, quando alguém batia na porta da nossa casa, a gente abria e mandava a pessoa entrar. E isso não é todo mundo que faz, porque tem egoísta que, quando alguém bate à porta, não recebe sequer uma voz dizendo que não está, mas o latido de um doberman, de um cachorro daqueles bem fortes, para atender as pessoas. Eu estou dizendo isso brincando, mas é verdade. Eu sou de um tempo em que um mendigo batia na porta, a gente abria e mandava entrar para almoçar com a gente. Hoje, o mundo está ficando tão perverso que quem tem um real não abre a porta pensando que a pessoa vai lhe pedir 50 centavos emprestados. O mundo está sendo conduzido a se tornar menos solidário, mais pequeno nas atitudes humanistas, e isso, obviamente, prejudica muita gente. Antigamente, você passava numa rua, tinha um cidadão acidentado, paravam 100 pessoas para ver, para cuidar. Hoje, ninguém pára, porque ninguém quer ser testemunha, pois depois fica quatro horas na polícia prestando esclarecimentos. Então, todo mundo começa a fugir. Nós estamos vivendo um momento em que somos individualistas, o que interessa é a nossa salvação, os nossos pares que se danem.

O PAC é uma mudança. Puccinelli, eu quero que você entenda, Nelson, Petila e demais prefeitos, que o PAC é uma mudança. O PAC é uma ação solidária entre entes federados. Eu poderia ter anunciado o PAC em agosto do ano passado, poderia ter anunciado em setembro. Anunciado o PAC, colocava na televisão, estava em campanha mesmo, falava dos R\$ 504 bilhões. E qual foi o cuidado que nós tivemos? O cuidado foi de não permitir que o PAC fosse utilizado com instrumento político-eleitoral, porque senão ele poderia não dar certo. Então, em vez de anunciar na época da eleição, corremos o risco – nem tanto risco assim, mas sempre poderia ter facilitado – e deixamos para lançar o PAC no dia 22 de janeiro. Depois que anunciamos o PAC, descobrimos a necessidade de juntar os governadores de cada estado e os prefeitos que iriam ser beneficiados para montar uma cumplicidade. Porque é verdade que o governador, muitas vezes, fala mal do presidente, o prefeito fala mal do governador e o município fala mal do prefeito. E, obviamente, todo mundo termina falando mal do presidente da República. O presidente da República, como não ouve todo mundo falar mal, porque estamos distantes um do outro, ou seja, o presidente da República não pode reclamar para o Papa, que já me

disse que não está a fim de ouvir as minhas queixas, eu converso com Deus, mas vocês também conversam, e vocês acreditam que ele está favorável a vocês, eu acredito que ele está favorável a mim, então, o jogo termina empatado. Nós resolvemos o seguinte: para acabar com isso, vamos juntar todo mundo e fazer um programa em que todos tenham responsabilidade perante o povo. Qual foi o critério? A Dilma já disse, mas eu vou repetir: pegar as cidades que tenham os maiores problemas. Isso é como um hospital, gente, quem é médico aqui sabe. Você, num hospital, está lá o Lula para ser atendido com dor de barriga. Mas se entrou um cara com infarto, ele passa na frente de todo mundo e tem que ser atendido, porque senão ele morre e a diarréia do Lula passa. Pois bem, nós escolhemos as piores, não as piores cidades, mas que têm os mais graves problemas, aquelas que são problemas estruturantes. Porque se a gente pega R\$ 300 milhões e coloca 5 milhões em cada cidade, a gente termina atendendo 300 prefeitos, mas não resolve nenhum problema. E o Nelson me mostrou um mapa das coisas que vamos fazer aqui. Dilma, ele não te deu de presente, eu vou ter que te dar de presente isso aqui, porque eu achei esse mapa uma demonstração extraordinária da grandeza da ação. Ou seja, toda essa parte, o que for favela vai ser tirada, vão ser construídas casas, vai-se urbanizar, vai ter pista para “nego” andar de bicicleta, para gente andar a pé, vai ter umas pracinhas para namorar, vai ter de tudo aqui. Na verdade, com isso e com outros investimentos, Campo Grande pode se tornar a primeira capital do Brasil a não ter favelas, o que seria uma coisa extraordinária.

Pois bem, o mesmo vale para as outras cidades. Agora, me preocupa como os prefeitos das outras cidades, que não foram citados aqui, vão sair falando do presidente, do governador, da Dilma, do Márcio. Me preocupa. Olha, não tenham preocupação, porque nós temos duas coisas: uma está escrita ali, naquele cartaz, que é o FNHIS, são 2 bilhões de reais este ano, 2 bilhões no ano que vem, e tem o PAC da Funasa. O PAC da Funasa, que nós vamos anunciar dentro dos próximos 15 ou 20 dias, e vai-se repetir a mesma coisa, a Dilma vai conversar com os governadores e com os prefeitos, para que a gente não ceda apenas aos interesses eleitorais do ano que vem, mas para que a gente ceda em função das necessidades reais do povo de cada cidade. O que vai acontecer? Com uma parte do dinheiro do PAC da Funasa nós vamos levar esgotamento sanitário e água potável para 90% das comunidades indígenas do

nosso País. Noventa por cento, até 2010, terão esgotamento sanitário e água potável. Uma outra parte nós vamos levar para os quilombos que estão estruturados, queremos, até 2010, também levar água e esgoto para 50% dos quilombos.

E com os R\$ 3 bilhões e 300 ou R\$ 3 bilhões e 400, que vão sobrar, nós queremos pegar as cidades até 50 mil habitantes e, nessas cidades, a gente vai tentar escolher aquelas que tenham, na região Norte do País, maior incidência de malária e, na região Nordeste do Brasil, aquelas que tenham maior incidência de Doença de Chagas, para a gente acabar com essas duas doenças crônicas que têm vitimado tanta gente neste País.

Bem, ao fazermos isso, estaremos dando um passo importante, porque no Brasil não se tem o hábito de fazer investimento em saneamento básico. Saneamento básico, normalmente, é uma obra que nem todo mundo gosta de fazer. Muitas vezes, saneamento básico é uma obra em que você enterra dinheiro, enterra o tubo, depois mete terra em cima, quem passa não vê, não pode ter nome da mãe, não pode ter nome de presidente, não pode ter nome de governador, está enterrada. Então, as pessoas, no Brasil, preferem fazer obras que tenham visibilidade, aquelas que todo mundo passa e vê: “Nossa, que ponte! Nossa, que coisa!”. Aquilo termina sendo utilizado para voto, e não dá para você fotografar uma manilha na época da eleição.

Agora, como a nossa geração de políticos está ficando inteligente, a gente não quer mostrar uma obra de concreto com esse programa. O nosso troféu, nos próximos anos, será mostrar uma criança sadia brincando na rua sem esgoto a céu aberto, uma criança com a dentição boa, porque tem água potável e tratada para beber. É esse o troféu que nós queremos carregar para disputar as eleições para a frente. E eu digo “nós” porque são vocês que vão disputar eleições, porque eu encerro.

Agora, esse troféu, ele ainda tem muito mais coisas. Essas coisas que o Puccinelli me entregou, várias delas, pode ficar certo, Nelson, umas já estão dentro do PAC, outras estão sendo estudadas, e nós chegamos à conclusão, não por que estamos falando, mas porque os números demonstram, que estamos vivendo um momento em que o Brasil não tem que pedir licença para ninguém. Não sou eu que estou falando isso. Eu sei que, de vez em quando, alguém fica magoado porque o Lula está falando dos governos passados, está

falando não sei de quem. Não, não é o Lula quem fala. Quando nós entramos no governo, qual era o medo que vocês tinham? Eu posso olhar na cara de muitos de vocês. Qual era o medo que vocês tinham? “O Brasil está quebrado, não vai dar certo, esse pernambucano, torneiro mecânico, não vai conseguir, o Brasil está devendo, esse cara não fala nem inglês, como ele quer governar o País sem falar inglês”? Era assim.

Vejam os números. Quando nós entramos, o Brasil não tinha dinheiro para pagar as suas importações. Hoje, além de um superávit comercial de mais de 40 bilhões de dólares, nós temos, em reservas – Dilma, hoje você comeu 4 bilhões do Tesouro – 154 bilhões de dólares, ou seja, dinheiro nosso, que nos dá credibilidade para andar de cabeça erguida em qualquer lugar do mundo. Deve ter três ou quatro países do mundo que têm reservas maiores que a nossa: a China, a Rússia, a Índia e depois o Brasil. Não tem outro. E nós fizemos reservas porque entendemos, como entende uma dona de casa quando chega no final do mês e se senta com o marido para discutir o salário, que tem que guardar uma reserva para pagar o ônibus, quando acabar o dinheiro, por causa de uma eventualidade de doença... Ora, se a gente gasta tudo e não cuida da saúde, como é que vai ficar? Hoje, este País, Puccinelli, eu posso te dizer, e falo sem medo de errar, outra vez, falo para os economistas que estiverem aqui e para quem quiser: eu duvido que tenha havido na história da República brasileira um momento em que a gente tivesse tanta robustez na economia como nós temos hoje. Qualquer número que você quiser analisar, qualquer número, seja de exportação, seja de importação, seja de superávit de conta corrente, seja de superávit comercial.

Quem foi deputado constituinte aqui? Você está lembrado de qual era a nossa briga, senador? A nossa briga eram os juros de 12% e já estamos a menos, já estamos a 11% e pouco e vamos chegar a cair cada vez mais. Vamos chegar a um patamar de juros, num curto espaço de tempo, que jamais um brasileiro que faz política acreditava que nós pudéssemos chegar. Então, quando eu falo que nós vamos realizar muitas coisas que ainda estão reivindicadas, Puccinelli, é porque é possível realizar. E eu sei que isso incomoda algumas pessoas. Eu passei ali e tinha meia dúzia de meninos gritando “fora, fora”. Alguém de vocês, que tem mais idade, diga para eles que a eleição acabou em outubro e que o mandato é de quatro anos. O mandato é

de quatro anos. Mandem eles se prepararem para a próxima. Essa já foi. Da mesma forma que foi para o Puccinelli. Está aqui o Delcídio, que disputou as eleições, perdeu, mas está aqui. Ele poderia estar de bico ali fora, mas está aqui, que é o papel de quem exerce o mandato de senador.

As pessoas, neste País, precisam aprender a não brincar com a democracia. A democracia é uma conquista que levou muita gente ao sofrimento. Eu vou dizer para vocês: uma companheira como a Dilma, que está aqui, com essa cara de fada, ficou três anos e meio presa por lutar por liberdade neste País, não foram três dias, não. Agora, as pessoas acham que podem indicar alguém agora e amanhã gritar “fora, fora, eu não gostei”. Ora, meu Deus do Céu! Eu brinco com isso porque esses dias eu fiquei lendo, aí: “Ah, porque o presidente não vai sair mais, porque o presidente vai ficar dentro do gabinete”. Eu queria dizer uma coisa: quem achar que pode me vencer na rua, pode tirar o cavalo da chuva, porque de rua eu entendo e entendo muito.

Eu só acho que um presidente da República não pode fazer campanha por 4 anos. O Puccinelli e o Nelson queriam fazer esse ato em praça pública, queriam fazer um negócio para trazer 5, 10 mil pessoas. Em todos os estados em que eu vou o governador fala: “Não, vamos fazer na rua”. Não, isso aqui é um ato institucional, isso aqui é um ato em que a gente está tratando do dinheiro público, acordo com prefeituras, tem que ser um ato solene, não pode ser um comício, todo mundo mal vestido, suado, gritando. Não, isso aqui é um ato solene. Isso aqui é uma fotografia, meu caro Puccinelli, da boa relação, civilizada, que a classe política precisa aprender a ter, porque quando a classe política é pequena, quando ela acha que, por ser de outro partido, não pode participar de nada, quando as pessoas ficam com “beicinho”: “Ah, o presidente vai lá, eu não vou porque sou de oposição”, quando a gente faz burrice em política, quem perde é o povo deste País, são os trabalhadores deste País, são as pessoas mais pobres deste País.

O PAC é um gesto de educação civilizada da política. Nós aqui estamos, eu duvido que tenha um prefeito deste estado ou de qualquer estado do Brasil, que um dia tenha ouvido da minha boca a pergunta: “A que partido você pertence?”. Duvido. Mesmo aquele que mais me odeia, que já conversou comigo, eu duvido que ele possa dizer que algum dia eu perguntei a que partido ele pertencia. O Puccinelli sabe, já conversamos várias vezes, eu nunca

perguntei: “Puccinelli, você vai me apoiar? Pelo amor de Deus me apóia”. Não, o Puccinelli conquistou a independência política dele há muito tempo.

O que nós precisamos ter entre nós é uma relação política, com P maiúsculo. É ele saber defender os interesses do estado, como está defendendo aqui, os prefeitos defenderem os interesses da prefeitura, como defenderam, e eu ter o direito de atender e de dizer não, tratá-los como companheiros, porque companheiro diz não, aquele que não é companheiro mente. Quantas promessas de obras vocês já tiveram aqui, ao longo dos últimos 20 anos? Você foi governador, Marcelo Miranda, quantos presidentes vieram aqui oferecer coisas para você e até hoje não saíram? Eu prefiro não prometer o que não posso fazer. É mais fácil contar uma mentira. A mentira é a coisa que você conta, que cabe em todos os gostos, a verdade às vezes é dura. Mas eu prefiro dizer uma verdade, quando você tiver direito, Puccinelli, dizer: “Puccinelli, você vai levar essa, Nelson, você vai levar essa, todos os prefeitos, vocês vão levar”. Agora, quando tiver que dizer não, eu quero ser tratado com o mesmo respeito de quando eu disse sim, porque eu disse não em torno de uma coisa que era necessária dizer.

Então, meus companheiros e companheiras, nós tínhamos que aproveitar esse momento excepcional que vive o Brasil, um momento excepcional. Falta muita coisa para fazer? Falta. Mas é importante lembrar que desde os anos 80 este País não cresce. Essa geração que estamos vendo na cadeia com 24 anos, esses adolescentes, não são filhos do Lula, não, são filhos do modelo econômico implantado neste País na década de 80, são filhos da dívida externa, são filhos do ajuste fiscal. E querem que eu resolva em quatro anos o que eles não resolveram em 100? Não!

Olhem, eu vou dizer uma coisa para vocês: o que incomoda pouca gente, neste País, é o seguinte... Eu agradeço à imprensa. Houve um tempo, em 2004, 2005, em que eu vivia agoniado porque a imprensa daqui, do estado, mostrava todo dia as crianças morrendo lá em Dourados, na comunidade indígena Guaraní-Kaiwá. Aquilo me incomodava barbaridade, não apenas porque eram índios, mas porque eram crianças que morriam. Então, eu reunia as pessoas, pedia explicação e nem sempre me convenciam. Até que eu montei um pelotão de choque, com companheiros de vários Ministérios, e viemos para cá. Foram feitas ações políticas, foram feitas habitações,

melhoraram as habitações, melhorou a água, melhorou tudo mais, e hoje parece-me que diminuiu a mortalidade infantil em 80%, 82%. Eu não queria nada, eu só queria que a imprensa, que fazia a acusação, fosse lá – pelo amor de Deus, não precisa falar bem do governo – e dissesse o seguinte: “Em função das denúncias que fizemos em 2004, as crianças pararam de morrer e hoje diminuiu em 82%...”. Dêem a notícia, só isso. Podem requisitar o mérito para vocês, mas dêem a notícia, porque senão as pessoas que ouviram apenas que estavam morrendo lá, podem não saber que está melhorando. E podem dizer o seguinte: “O governo não fez nada, foi a denúncia que resolveu”, e eu já me contento.

Às vezes eu fico imaginando que, se as coisas fossem feitas da forma mais ordenada possível, a gente trabalhando com juízo, a gente poderia fazer as coisas acontecerem neste País muito mais rapidamente. Se a gente pudesse colocar “eu quero fazer coisas ainda”, por exemplo, a Universidade de Dourados, como ela foi feita, Petila? Uma menina, em um ato que nós fizemos, chorando falou: “Por que aqui não tem uma universidade?” Eu falei: vamos ver se é possível fazer. E era possível fazer e Dourados é uma cidade que comporta uma universidade. Eu, se Deus quiser, virei inaugurar essa universidade junto com você, com o Governador, porque é um prêmio.

Mas, o que incomoda mais, meus caros deputados, e vocês podem ter consciência disso, é que nós vamos terminar este mandato de 2010, com 160 escolas técnicas feitas em oito anos, contra 140 feitas em 97 anos, ou seja, eu tenho 10% do tempo em que foi feita a primeira escola técnica, que foi em 1909. De lá até 2003 foram feitas 140, e nós, em oito anos, vamos fazer 160 escolas técnicas neste País. Da mesma forma que incomoda a algumas pessoas pegar a quantidade de universidades que nós vamos fazer até terminar o nosso mandato. Aí, quando vocês pegarem os livros de história, vocês vão ver “puxa vida, por que foi exatamente um torneiro mecânico, sem diploma universitário, que fez mais escolas técnicas e mais universidades”? Talvez, porque eu não tive a chance de estudar e tenho consciência de que tem muita gente que não teve chance de estudar. É por isso que eu estou fazendo, que nós estamos fazendo.

Eu lembro, Nelson, que tem gente que tem mágoa do ProUni, “porque eu estou pagando e tem gente que pode fazer de graça”. Ora, gente, o que nós

fizemos, e essa é uma dádiva de Deus, é que colocamos mais 320 mil jovens da periferia na universidade. São 320 mil jovens que nós tiramos do fio da navalha para cair na criminalidade, para se prostituir, e demos a chance deles estudarem. Vocês estão lembrados de que quando nós fizemos isso, Puccinelli, houve uma manchete que dizia o seguinte: “Presidente Lula nivela o ensino universitário por baixo”. O que era a tese? Na hora em que você coloca pobre, cai o nível da universidade. No ano passado, como Deus escreve certo por linhas tortas, o Ministério da Educação fez a aferição dos alunos brasileiros e, em 14 matérias, entre as quais engenharia, medicina, arquitetura, os 14 melhores alunos eram exatamente os pobres do ProUni que chegaram à universidade brasileira. Por quê? Porque eles tiveram uma chance. E o que nós precisamos é trabalhar para dar mais chances para as pessoas.

Quando eu pensei no PAC e pensei no saneamento básico, eu dizia, hoje, lá em Cuiabá: eu agradeço a Deus por ter acontecido comigo o que aconteceu quando eu tinha 20 anos de idade. Eu, meu caro Puccinelli, morava na Vila Carioca, em São Paulo. Garoava no Brasil, enchia a Vila Carioca. Depois, eu me mudei para Ponte Preta, divisa com São Caetano, três enchentes seguidas de um metro e meio dentro de casa. Então, eu sei o que é acordar meia-noite, com água batendo na cama, com rato tentando sobreviver, com barata e fezes boiando dentro do quarto. Eu sei o que é levantar, uma hora da manhã, levanta a cama – eu não tinha nem geladeira – levantava o fogão, que era o móvel mais importante que eu tinha na minha casa, levantava o guarda-roupa velho, porque naquele tempo o povo não estava organizada para pedir como agora, não. E a gente, quando ganhava, ganhava colchão de capim para dormir e ainda agradecia a Deus. Eu, depois, mudei para uma casinha, na Vila João José, e achei que eu estava salvo. Mudei, acho que em setembro, em janeiro, 1 metro e 60 centímetros de água acabou com a minha casa. O que eu não tinha, acabou. Então, eu sei o que é o sofrimento do povo que mora em lugares inadequados.

Então, obviamente, tem gente que fala: “Esse Lula é louco, gastar 40 bilhões com saneamento básico, enterrar 40 bilhões, poderia fazer praças, poderia fazer um clube em Campo Grande que tivesse uma piscina com ondas artificiais”. Tem gente que pensa isso: “Está jogando dinheiro fora fazendo coisa para pobre”. Eu não estou fazendo coisas apenas para pobres, eu estou

fazendo e pagando uma dívida que os governantes brasileiros contraíram durante séculos com a parte mais pobre da população brasileira, é o pagamento de uma dívida. E, obviamente, isso não agrada às pessoas. Alíás, Puccinelli, você sabe, todo mundo aqui sabe, pobre só é tratado com decência na época da eleição. Na época da eleição, 10 pobres valem mais que um jantar com um banqueiro. Mas, depois das eleições, meio banqueiro vale mais do que 10 mil pobres. Essa é a realidade brasileira e nenhum de nós, individualmente, tem culpa, é assim a cultura política deste País. Agora, qual é o legado que nós queremos deixar para os nossos filhos, para os nossos netos? É a mesma coisa ou nós vamos mudar? Pois bem, o PAC é o começo da mudança.

Portanto, meu caro Prefeito, meu caro Governador, meus companheiros prefeitos de cidades pequenas, que Deus nos abençoe. Quem aprendeu a fazer um PAC... Eu digo sempre o seguinte: “Quem saiu de Pernambuco para não morrer de fome e chega à Presidência da República, eu diria, não tem obstáculo que a gente não consiga vencer, tudo será mais fácil de fazer”.

Que Deus abençoe todos vocês e até a próxima volta ao Mato Grosso do Sul e a Campo Grande.